

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Marianne Santos Faulstich Fernandes

**UMA ETNOGRAFIA DAS SAÍDAS DO  
ARMÁRIO EVANGÉLICO:**

OS REFLEXOS DO PATRIARCADO, DA  
HETERONORMATIVIDADE E DA HOMOFOBIA NA  
TEOLOGIA E PRÁTICA EVANGÉLICA NO BRASIL

**VOLUME 1**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Antropologia Social e Cultural orientada pelo Professor Doutor Gonçalo João Duro dos Santos e apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra..**

Outubro de 2021



Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra

**UMA ETNOGRAFIA DAS SAÍDAS DO  
ARMÁRIO EVANGÉLICO:  
os reflexos do patriarcado, da  
heteronormatividade e da homofobia na teologia  
e prática evangélica no Brasil**

Marianne Santos Faulstich Fernandes

VOLUME ÚNICO

Dissertação de Mestrado na área científica de Antropologia Social e Cultural orientada pelo Senhor Professor Doutor Gonçalo João Duro dos Santos e apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2021



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

## Agradecimentos

---

À Arlete, (*in memoriam*) pelos almoços, pelo exemplo e investimento.

Aos meus pais, pela fé e por sempre acreditarem em mim.

Ao Hákylla, por ter me acompanhado por 10 anos e financiado parte desse sonho.

À toda a minha família extensa, por terem torcido sempre pelo meu sucesso.

Aos meus ex-pastores e igrejas, por terem me ensinado como eu não queria ser.

Ao Marcelo e à Vivi, por vibrarem comigo em cada acontecimento.

À tia Marianne, pelo nome, resiliência e pelo exemplo de acolhimento.

À Larissa, por ter me dado ideias e asas, e por ter me recebido em Coimbra.

Ao Luiz Henrique, Dandara e Raoni, por terem sido companhias em Coimbra e por terem me fornecido apoio afetivo e intelectual.

À Heloisa e Letiane, por serem mais que amigas, mas portos de segurança emocional.

À Luana Kayrine, por ter me apresentado a mim e pelo privilégio da companhia temporária e todos os aprendizados e agradecimentos decorrentes de conhecê-la.

Ao Gonçalo, por ter aceitado o desafio de me tirar da ignorância antropológica e ter me inspirado intelectualmente, sempre com gentileza e generosidade.

Às minhas fontes, diretas ou indiretas, que passaram por mim e permitiram que eu compreendesse um pouco da complexidade que sustenta a homofobia religiosa.

À UNIFESSPA e ao IFFar, por permitirem que meu sonho do mestrado se tornasse real.

À Ana Ester, que salvou a minha fé e a minha vida.

Finalmente, à todos os indivíduos não heterossexuais que conheci, e que comigo compartilharam vida e/ou histórias e me permitiram tomar consciência da urgência de uma fé afirmativa.

## Resumo

---

A pesquisa debruça-se sobre o estudo de homens e mulheres, cisgêneros, identificados como gays, lésbicas e/ou bissexuais, no seio das igrejas evangélicas contemporâneas. O principal enfoque de análise é o processo de saída do armário desses indivíduos que professavam a fé evangélica à época de sua publicitação, visando compreender o cenário de acolhimento, ou não, da diversidade sexual em igrejas evangélicas brasileiras.

Para isso, foram investigadas teologias e práticas em doutrinas históricas, pentecostais e neopentecostais, analisando experiências e discursos tanto de saídas do armário *gospel* quanto de líderes religiosos de três cidades brasileiras: São Paulo/SP, Resende/RJ e Marabá/PA. Este estudo se dá num cenário de crescimento do número de denúncias de intolerância religiosa no Brasil, da percepção do crescimento da intolerância e polarização, de um cenário de transição religiosa com o crescimento da população evangélica no país, e contribui fornecendo uma análise etnográfica contextual e comparativa da homoafetividade no movimento evangélico, ao identificar se tem havido avanço quanto ao conhecimento e abordagem do tema nas comunidades de fé, servindo inclusive para embasar futuras estratégias para redução da homofobia no Brasil, ampliando a proteção dos direitos humanos a este grupo.

Como resultados, identifiquei duas principais propostas praticadas atualmente em comunidades evangélicas quanto ao acolhimento à diversidade sexual: a inclusão condicionada a uma espécie de voto de castidade; e um acolhimento afirmativo, de menor adesão, que propõe um acolhimento que inclui e afirma a diversidade sexual como parte da individualidade, e portanto, desconstrói o argumento de que Deus rejeita outras sexualidades fora da heterossexual. Acompanhando os conflitos a respeito do acolhimento inclusivo ou afirmativo da diversidade sexual em igrejas evangélicas,

observei que pastores que defendem abertamente o acolhimento inclusivo o fizeram como tentativa de romper com uma abordagem de exclusão de membros ou de tentativas de reorientação sexual. Entretanto, essa tentativa de romper com a violência religiosa não tem sido eficiente em construir um evangelicalismo mais acolhedor e humano porque transforma o acolhimento num processo de silenciamento, condicionamento e castração.

Trata-se de um assunto de extrema relevância, tendo em vista que apesar dos avanços internacionais no que se refere à garantia do respeito a qualquer pessoa, independente de fé, identidade de gênero ou orientação sexual, o Brasil ainda apresenta uma proteção muito frágil e instável a estes grupos, obstruindo a construção de uma cultura, de religiões e de um judiciário que se oponha à homofobia.

## *Abstract*

---

This thesis focuses on the study of men and women, cisgender, identified as gay, lesbian and/or bisexual, inside contemporary evangelical churches. The focus of the analysis is the process of “coming out of the closet” experienced by these men and women who professed the evangelical faith at the time of their “coming out,” in order to make a qualitative assessment of the overall climate of acceptance or not of sexual diversity in Brazilian evangelical churches.

To this end, the thesis investigates the theological doctrines and practices of historical, Pentecostal and neo-Pentecostal churches, giving voice to “coming out of the evangelical closet” experiences in three Brazilian cities: São Paulo/SP, Resende/RJ and Marabá/PA. This study takes place in a larger context of increasing complaints of religious intolerance in Brazil and increasing perception of intolerance and polarization. At the same time, Brazil is undergoing a process of religious transition with the growth of the evangelical population in the country. This thesis makes a contribution to the ethnographic analysis of sexual diversity intolerance in the contemporary evangelical movement. It offers a qualitative assessment of the extent to which there was progress in attitudes towards sexual diversity in evangelical communities and it can be used to support future strategies to reduce homophobia in Brazil, expanding the protection of human rights to non-heterosexual individuals.

The thesis identifies two main proposals currently practiced in evangelical communities regarding the acceptance of sexual diversity: inclusion conditioned to a kind of vow of chastity; and an affirmative reception, with lesser adherence, which proposes a reception that includes and affirms sexual diversity as part of individuality, and therefore deconstructs the argument that God rejects other sexualities outside the heterosexual one. I propose an analysis of conflicts over inclusive or affirmative care of sexual

diversity in evangelical churches, and I show how pastors who openly advocate inclusive care have done so as part of an attempt to break away from approaches of exclusion or attempts at sexual reorientation. However, this attempt to break away from religious intolerance and symbolic violence has not been efficient in constructing a more welcoming and humane evangelical community because it turns the process of acceptance into a dynamics of silencing, conditioning and castration.

These arguments have important practical implications in light of the fact that despite international advances regarding increasing tolerance towards sexual diversity, Brazil still has a very fragile and unstable system of protection of sexual minority groups that obstructs the construction of a truly inclusive cultural, religious, and juridical environment that effectively opposes homophobia and related violent forms of intolerance towards sexual diversity.

## Índice de Tabelas e Figuras

---

Tabela 1: Interlocutores das saídas do armário gospel.....	21
Tabela 2: Interlocutores da liderança evangélica brasileira.....	23
Tabela 3. Primeiras denominações protestantes do Brasil.....	39
Figura 1. Distribuição religiosa-territorial dos sujeitos da pesquisa.....	18
Figura 2. Linha do tempo da controvérsia com as principais inscrições actoriais.....	101
Figura 3: Gráfico de interações mensais do canal <i>oficialibab</i> .....	106
Figura 4. Variação no engajamento de comentários em outubro e novembro/20.....	107
Figura 5. Número total de seguidores no Instagram ao longo das semanas.....	109
Figura 6. Diagrama actorial da controvérsia.....	121



# Índice

---

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
<i>Abstract</i> .....	6
Índice de Tabelas e Figuras.....	8
Índice.....	9
1. Introdução.....	11
1.1. Sujeitos da pesquisa: quem são os interlocutores e porque o são.....	17
1.2. O contexto político-religioso brasileiro.....	24
1.3. Códigos de honra, revolução moral e homofobia.....	28
1.4. Etnografia de uma revolução moral inclusiva ou afirmativa?.....	31
2. A CULTURA EVANGÉLICA BRASILEIRA: DO PATRIARCADO AOS “BONS CRISTÃOS”.....	37
2.1. História do protestantismo e do pentecostalismo brasileiros.....	38
2.2. Bases da formação do evangelicalismo brasileiro.....	42
2.3. A crença em uma imutabilidade da cultura evangélica.....	44
2.4. A construção da rotina de devoção e separação do “mundo”.....	50
2.5. Assistência social, espírito comunitário e sentimento de pertença.....	57
2.6. O sair de casa na construção da autonomia e da abertura à pluralidade.....	60
2.7. O tornar-se mulher evangélica: a construção social dos papéis e performances normativas de género.....	62
2.8. O medo da esquerda e de uma perseguição cristã no Brasil.....	65
3. REFLEXOS DA HETERONORMATIVIDADE CRISTÃ: CONFLITOS E (DES)ACOLHIMENTO DE (EX)EVANGÉLICOS BRASILEIROS NO PROCESSO DE SAÍDA DO ARMÁRIO.....	68
3.1. Saídas do armário nas denominações históricas: o caso das igrejas batistas (Marabá/PA e Resende/RJ).....	69
3.1.1. A descoberta de si e o contacto com a diversidade.....	70
3.1.2. A retirada do armário pela descoberta familiar e as quebras de vínculo....	72
3.1.3. Autonomia, qualidade de vida e sofrimento pelo rompimento familiar.....	75
3.1.4. O rompimento congregacional.....	76
3.2. Saídas do armário nas denominações (neo)pentecostais: os casos da Assembleia de Deus (Marabá/PA) e do Projeto Vida (Resende/RJ).....	80

3.2.1. A masculinidade e o medo evangélicos.....	80
3.2.2. Reflexos do mito do homossexual predador/assediador e disciplinas religiosas.....	82
3.2.3. Auto-aceitação e abandono familiar e religioso.....	86
3.3. Para além dos códigos de honra evangélicos.....	93
4. BRECHAS NA MOBÍLIA HOMOFÓBICA EVANGÉLICA: DISPUTAS EM REDOR DO ACOLHIMENTO EVANGÉLICO À COMUNIDADE HOMOAFETIVA.....	95
4.1. Teoria Ator-Rede, religião e homofobia evangélica.....	96
4.2. O ponto de entrada: a polémica pregação que movimentou os evangélicos. . .	101
4.3. Política sanitária, gestão da pandemia e redes sociais como propulsores da controvérsia.....	105
4.4. Múltiplos atores envolvidos na movimentação da controvérsia.....	110
4.5. Associações e interligações actoriais adicionais: razão x fé.....	121
5. RELATOS PASTORAIS SOBRE O ACOLHIMENTO E A ABORDAGEM DA HOMOSSEXUALIDADE EM IGREJAS EVANGÉLICAS NÃO-AFIRMATIVAS.....	126
5.1. Desafios de uma antropologia das lideranças evangélicas.....	127
5.2. A formação das lideranças (des)acolhedoras.....	130
5.3. Heteronormatividade, sufixos e “cura gay”.....	137
5.4. Estereótipos e negacionismo na sustentação da homofobia.....	142
5.5. Silenciamento pastoral e vigilância pelos pares.....	151
5.6. O celibato como proposta alternativa à “cura gay”.....	155
5.7. Resistência evangélica ao acolhimento efetivo.....	158
Conclusão: o desafio evangélico de reposicionar a honra para acolher a diversidade.	161
Bibliografia.....	169

# 1. Introdução

---

Antes que você comece a conhecer cada uma das histórias e análises que tenho para te apresentar nessa dissertação, gostaria muito de contar-lhe algumas histórias sobre mim. Resisti a trazer-me nesta introdução, porque não pretendia, e não pretendo, que esta dissertação seja sobre mim. Mas, conversando com amigos antropólogos, compreendi muito sobre como nossa experiência pessoal modula o nosso olhar de análise, e pode ampliar ou limitar a nossa percepção sobre as sutilezas da complexidade de cada situação, narrativa, vivência.

A minha esperança é que você, cristão ou não, perceba o quanto a homofobia pode ser devastadora e como a religião cristã exerce poder de manutenção das violências homofóbicas e a urgência de atuação no seu combate. Também pretendo mostrar que há vozes gritando, para que a fé cristã nunca mais seja usada como pedra de ataque e condenação, mas como pedra de suporte, para que os pés estejam firmes para lutar por um mundo melhor. Essa é a fé que eu aprendi a acreditar, e você está prestes a compreender o porquê.

Eu cresci em uma ambiente extremamente religioso, evangélico, mas de abertura ao diálogo e que me permitiu construir minhas experiências individuais de fé e crítica. A pluralidade de ideias sempre foi uma realidade para mim, apesar da mística evangélica ter permeado todo meu processo educacional, não me dando oportunidades de validar ou compreender a sexualidade como além da heterossexual.

Meus pais sempre foram muito engajados na docência religiosa. Minha mãe exerce a docência na vida também, para além da igreja. Ela sempre foi uma notória *teacher*: lecionava inglês em escolas públicas da cidade de Resende/RJ, e seu público nunca foi os abastados. Ela fazia disso sua missão de vida: oferecer oportunidade com a chamada língua universal. O inglês é uma língua tão importante, mas que menos de

10% da população brasileira consegue compreender, ou seja, ele é inacessível para a maioria (British Council & Instituto de Pesquisa Data Popular, 2014). E era isso que ela ensinava, e o fazia para alunos que muitas vezes não tinham o que comer em casa. Muitos dos seus alunos, frequentavam a escola porque faziam ali sua única refeição do dia. Pensar em aprender uma língua universal quando te falta o básico é um desafio, e acredito que muitos dos que estão a ler esta introdução não fazem ideia do que é viver assim.

Cresci ouvindo as histórias dela na atuação pedagógica, mas mais do que isso, cresci vendo o quanto ela se importava em ser diferença na vida de quem não tinha acesso a muito, com a expectativa, de que um dia, eles conseguissem acessar o que era impensável até então. Ela era católica até se casar com meu pai, mas um pouco depois do casamento, acabou se convertendo ao evangelicalismo para acompanhá-lo. Ela sempre contou histórias sobre como tinha recebido um conselho de um pastor, de que acompanhá-lo na rotina religiosa cristã fortaleceria o casamento deles: idas a igreja, trabalho voluntário, educação religiosa, comunhão e amizades comum. A família do meu pai sempre foi evangélica, de tradição metodista. Meu avô ajudou na construção da igreja que até a maioria da minha família paterna frequenta. Tenho até duas tias que estudaram Teologia para aprender mais da fé que professavam, e elas chegaram a viajar para conhecer Israel, e visitar os lugares basilares da fé cristã.

Dentre tios e primos, muitos atuaram na educação religiosa, inclusive eu. Fui professora de Escola Dominical<sup>1</sup>, da classe dos adolescentes, quando tinha 26 anos, e era o meu momento preferido da comunhão religiosa. Era ali onde eu sentia que tinha voz, que podia expor meus pensamentos e críticas a realidade dentro do templo, mas também fora dele. Foi ali onde eu aprendi que a minha voz tinha algum poder de

---

1 Para quem não é familiarizado com o ambiente religioso cristão, escolas dominicais são encontros religiosos que acontecem, dominicalmente, nas igrejas evangélicas e algumas católicas também. Nela, os fiéis são divididos em classes, de acordo com a faixa etária e gênero, para que estudem a Bíblia e sua aplicação prática na vida individual e coletiva.

transformação, mas também foi através da religião cristã, que eu percebi o poder devastador que a homofobia poderia ter.

Como eu era muito religiosa, acreditava que a fé aliada a uma educação crítica poderiam mudar o mundo. Foi aos dezassete anos, quando estagiava numa escola católica da minha cidade, que me deparei com o poder normativo que a doutrina religiosa exerce, e que pode superar a criticidade individual. Era meu segundo ano estagiando lá, e eu me sentia em casa, como se todos ali fossem uma extensão da minha família.

Dentre as minhas amigas ali feitas, me aproximei muito de uma delas, que era filha de uma das professoras da escola, e estudava no turno contrário ao que eu trabalhava, pois já estava terminando o ensino médio, como eu. Ficamos muito amigas nesse ano, e quanto mais a gente se conhecia, mais a nossa amizade se fortalecia. Eu sempre gostei de me cercar de mulheres fortes, e ela não escapava a esse padrão. Como eu sempre estava olhando as crianças no intervalo das aulas, e a escola oferecia um cursinho preparatório para o vestibular no contra-turno das aulas dela, era sempre o horário que nos víamos e conferíamos se a outra estava bem, mas éramos realmente só amigas.

Foi quando fui chamada pela Coordenação Pedagógica da escola para conversar, com portas trancadas. Estranhei, logo de cara, porque eu trabalhava na sala onde aconteceu a reunião, e com a pessoa que a conduziu, diariamente, mas nunca tinha visto a porta ser fechada para uma conversa, exceto para conversas relacionadas a reclamação de pais sobre algum professor. Eu não conseguia pensar em algum motivo pelo qual algum pai poderia ter reclamado da minha conduta, e de fato, não havia esse tipo de reclamação. Na verdade, fui chamada para um aviso: sabe a sua amiga? Ela é lésbica. Precisamos que você se afaste dela, e evite qualquer contacto daqui em diante. Eu expliquei que tinha namorado, e que não entendia o motivo da preocupação. Foi quando ela me falou que a irmã que dirigia a escola havia ordenado que eu cortasse qualquer relação com ela, e que nem a cumprimentasse mais. Ela

explicou que eu não precisaria explicar nada para minha amiga, pois ela seria chamada pela escola também, para explicar tudo. Para me ajudarem na minha decisão, me contaram que, supostamente, a estagiária anterior teria se envolvido afetivamente com ela, e que ela havia sido demitida por isso.

Foi a primeira vez que tive contacto com o mito do homossexual assediador. A gestão da escola acreditava que ela era minha amiga para dar em cima de mim, que nossa amizade não era real, mas uma forma de me entrelaçar na sua lábia conquistadora. Mesmo eu falando que tinha namorado, e afirmando categoricamente que nunca houve qualquer abordagem nesse sentido, a escola já tinha tomado uma decisão com base nessa possibilidade. Não importavam os fatos ou o que eu dissesse: era a amizade ou o trabalho. E eu, com vergonha e raiva de mim, escolhi o trabalho. Algo dentro de mim rugia que esta situação que aconteceu comigo não estava certa. Eu não entendia o que era, na época, mas sabia que tinha algo muito errado em perder o emprego por conta da sexualidade de uma amiga, ou mesmo que fosse a minha.

É curioso como a homofobia ignora a realidade para construir uma ficção, e impor o seu preconceito, a sua hostilidade e a marginalização do não heterossexual. Nessa época, eu nunca nem tinha questionado a minha sexualidade, e confesso que comecei a fazê-lo muito tardiamente. Pela tradição cristã evangélica, nunca sequer tinha me imaginado não sendo heterossexual, não me casando com um homem e não construindo a tal família tradicional. Passos que trilhei, inclusive, mas meu coração e razão sempre desconfiaram da minha sexualidade. Hoje, divorciada e adulta, compreendo minha bissexualidade com maior tranquilidade, mas naquela época, eu era jovem e essa abordagem mudou minha vida.

Eu havia sido convidada para trabalhar em tempo integral nessa escola, mas para eu ser contratada como professora da educação infantil, eu teria que escolher algum curso de Licenciatura<sup>2</sup>. Mas, eu senti uma impotência tão grande frente a essa situação, um sentimento tão ruim, que eu escolhi uma carreira que me daria

---

<sup>2</sup>Nome dado no Brasil para se referir a cursos que habilitam para a docência.

ferramentas e conhecimento para defender uma justiça social. Foi então que decidi que cursaria Direito, em busca de ferramentas que me levassem nesse sentido. Demorei a perceber que as violências estruturais estavam impregnadas na nossa sociedade, para além da religião, mas eu sabia da força que existe na combinação educação e religião numa busca pela eliminação das opressões.

Nesse mesmo ano, eu fui expulsa da igreja onde congregava. Já não estava mais na igreja metodista, pois tentava fugir dos privilégios religiosos de se participar de igreja construída por minha família. Considero ter sido expulsa, apesar de não ter sido oficialmente (com decisão pública de retirada do rol de membros), em virtude de se tratar de uma igreja neopentecostal, que em sua estrutura não possuía as vias democráticas e coletivas para tal. Era uma igreja que concentrava as decisões na liderança, e muitas das decisões eram tomadas por essa cúpula, e os demais membros apenas eram informados de como deveriam se portar a partir de então. Uma tarde, eu recebi a visita de uma das líderes da igreja em casa, que era considerada profeta<sup>3</sup> pela denominação. Ela tinha vindo para me afastar da liderança da igreja, me comunicar sobre o encerramento da minha célula<sup>4</sup>, e me comunicar acerca do meu afastamento da célula na qual eu pertencia, e que a partir de então, migraria para uma outra, determinada por eles.

A justificativa que me foi dada foi de que Deus havia revelado de que eu estaria em impureza sexual, aparentemente, porque eu teria tido relações sexuais com meu namorado da época. Apesar de eu afirmar minha virgindade e de que aquilo não era verdade, a decisão estava tomada. A partir desse dia, não somente essas medidas foram tomadas, muitos membros foram informados de que deveriam evitar falar comigo, porque eu estaria em pecado e em período de disciplina espiritual. Comecei a notar o afastamento dos meus amigos e os desvios de olhar, sempre que entrava na igreja. Eu havia sido banida da socialização religiosa por descumprir uma norma moral sexual que

---

3 Profeta seria um cargo atribuído a quem tivesse o dom de profetizar, isto é, predizer o futuro, e/ou ter revelações do que seria o desejo de Deus.

4 Igreja em Células é uma forma de organização administrativas da igreja, em grupos menores, que no caso, idealizavam replicar o modelo utilizado por Jesus, de escolha de doze discípulos.

eu não havia descumprido, até então. Algumas semanas depois, eu desanimei de ir à essa igreja. Passei um tempo afastada, mas depois decidi retornar, e me filiei à igreja batista, que possuía uma estrutura administrativa diferente.

Se existe algo que eu aprendi cedo, e pude compreender com maior riqueza de detalhes ao longo dessa pesquisa, foi como a homofobia e esse controle e repressão sexuais são formas de violência, que atingem toda a sociedade no seu ponto mais fraco. Elas excluem e distanciam amigos, parentes e amores, criando uma estrutura de violência para ambos os lados, e a homofobia não escapa dessa teia regida por exclusões. Apesar da vítima efetiva da violência e do estigma da homofobia ser o dissidente sexual, sua família e amigos também sofrem consequências da intolerância que perpetuam quando do desnecessário rompimento do vínculo: pais que expulsam seus filhos, amigas que são proibidas de se falar sob pena de punição, homossexuais que são punidos pelo sentimento e por quem são, indivíduos proibidos de congregar e confraternizar com seus pares, pastores que são ameaçados em sua vida e ministério.

Violência e exclusão não são construtores de uma cultura de paz, e enquanto o discurso cristão dominante permitir que indivíduos sofram punições sociais e físicas por quem são e pelas suas “escolhas íntimas” (G. Santos, 2016), não existe possibilidade de termos nossa dignidade humana respeitada. Minha dissertação busca que você, se um dia (e ele vai chegar), tiver que escolher entre a sua carreira/honra ou a defesa de uma vítima de homofobia, não faça a mesma escolha que eu.

Agora que você conhece os meus porquês, te convido a conhecer os meus interlocutores. Eles são as reais fontes, a base de toda essa construção acadêmica. Foi pelas suas vivências que compreendi a complexidade que permeia a heteronormatividade, o patriarcado e as estruturas que sustentam a homofobia e a violência decorrente dela.



## 1.1. Sujeitos da pesquisa: quem são os interlocutores e porque o são

Um dos desafios de qualquer etnografia, na sua fase inicial, é o processo de delimitação do terreno e de estabelecimento de relações sociais com aqueles que serão os nossos principais interlocutores no terreno. Estava consciente dessas dificuldades, e por essa razão, optei por fazer escolhas regidas por um certo pragmatismo. Escolhi, inicialmente, as cidades de Marabá/PA e Resende/RJ, por serem cidades onde morei e estive inserida, ativamente, em igrejas evangélicas. Nessas cidades, conheci variadas lideranças religiosas, em sua maioria, homens, e também muitos não heterossexuais cristãos, que saíram publicamente do armário, tempos depois.

A cidade de São Paulo/SP foi adicionada após as primeiras entrevistas, e foi essencial para permitir um fenômeno de comparação entre os discursos que ecoam entre líderes de cidades de interior em relação à líderes de igrejas históricas da maior cidade do país e 10ª maior do mundo. Em São Paulo/SP, consegui entrevistar um pastor metodista e acompanhei pregações e a controvérsia envolvendo um pastor batista. Tentei entrevistar esse pastor batista, mas, por conta da controvérsia que o envolveu, sua agenda acabou não permitindo.

Os não heterossexuais (ex)cristãos que conheci, acabaram me levando a outros, e consegui desenvolver conviver e entrevistar seis interlocutores LGBs. As entrevistas que fiz a um deles, acabaram por não serem utilizadas nessa tese, por conta da sua base religiosa ficar no Rio de Janeiro, mas estas entrevistas ajudaram a confirmar a minha impressão que as histórias pessoais e regionais que conto nesta tese têm uma relevância mais ampla em todo o país. Dentre as lideranças religiosas, consegui entrevistar seis interlocutores, todos homens, dentre pastores e líderes de jovens, que conheci e também que fui recomendada por conhecidos que sabiam da minha pesquisa. Os pastores foram escolhidos dentre os que possuíam alguma vertente de

discurso de acolhimento, para que se compreendesse quais as dimensões e limitações do acolhimento proposto e praticado pelos religiosos não abertamente inclusivos/afirmativos. No total, portanto, somados não heterossexuais e lideranças entrevistadas e acompanhadas, essa dissertação contou com a colaboração de doze fontes diretas, distribuídas conforme figura a seguir (Figura 1).

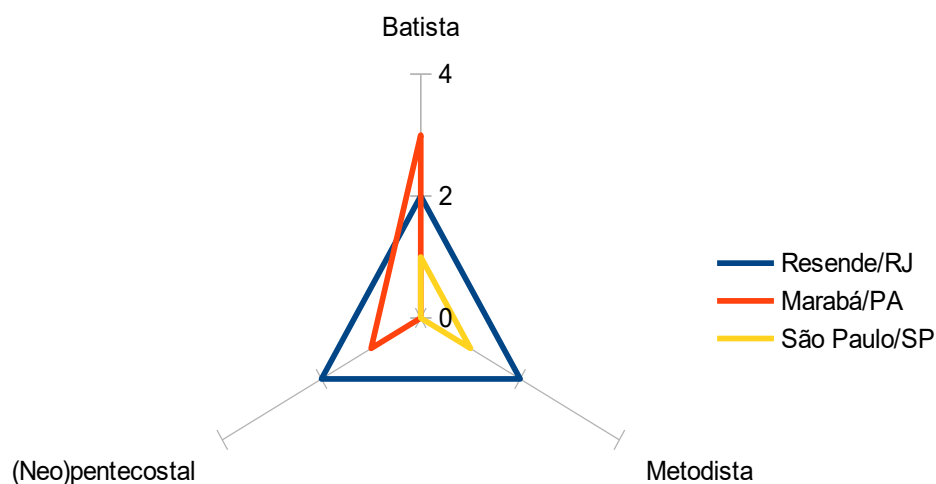


Figura 1. Distribuição religiosa-territorial dos sujeitos da pesquisa

Uso o termo “fontes diretas” no sentido de interlocutores (ex-)evangélicos que foram por mim entrevistados de forma sistemática, mas a verdade é que muitas outras fontes indiretas fizeram contato comigo nesse período pela espinhosidade do tema no seio da comunidade cristã. Além destes materiais, coletei ainda dados etnográficos no âmbito de experiências como a participação de cultos online, tanto em igrejas afirmativas quanto em não-afirmativas. Então, quando expunha para qualquer cristão o meu tema de pesquisa nas cidades terreno, percebia o desconforto, e na maioria das vezes, a contestação e o debate acabavam instaurados. O tema instigava opiniões, objeções e argumentos, que se somavam ao dos doze interlocutores efetivamente entrevistados.

Metodologicamente, a coleta de dados etnográficos foi feita através de observação participante e de entrevistas semiestruturadas (Burgess, 2006:84-85), facultadas por programas de videochamada, e o registo dos dados através da gravação e transcrição do áudio e da utilização de notas de campo. O relatório dos dados foi construído de forma descritiva, contendo assim, os dados colhidos com uma organização teórica (Burgess, 2006:198). A utilização dos dados e gravação da voz foi permitida através de termo de consentimento informado, e todos os nomes e dados que possibilitam a identificação foram suprimidos ou alterados, visando garantir a proteção das fontes. Os únicos elementos identificadores que correspondem à realidade são: a linha doutrinária da denominação ao qual pertencem e a cidade principal onde aconteceram as vivências. Esses dados foram preservados, em virtude de serem essenciais para a análise proposta.

As entrevistas foram colhidas entre 17 de abril de 2020 e 11 de maio de 2021, e a observação participante se deu, principalmente, entre março de 2020 e agosto de 2021, apesar do vasto contacto prévio e posterior com o evangelicalismo. Importante destacar que como fui educada desde a infância nessa fé, não somente tive esse contacto como aprendi sobre as disciplinas da rotina evangélica e como funcionam os atos e os processos de educação religiosa.

Utilizei de variados métodos digitais e algumas experiências presenciais, em menor quantidade do que gostaria, em virtude das medidas sanitárias de enfrentamento à pandemia do Covid-19. Essa virtualização do campo não chegou a afetar ou dificultar minha coleta, em virtude dos contatos previamente feitos e do relacionamento íntimo com a comunidade evangélica, razão inclusive que motivou a escolha das três cidades como terreno, apesar de ter tido contacto com fontes de diversas outras cidades pela natureza da observação participante em si.

O distanciamento social necessário nesse período acabou permitindo ao contato virtual e às experiências presenciais demonstrarem uma maior robustez e densidade de dados em redor do acolhimento, por conta das igrejas terem tido seus cultos presenciais

suspensos, temporariamente. Por conta disso, o público evangélico migrou para a internet, onde passaram ali a comungar e partilhar ideias com menor desprendimento. Essa realidade também demonstrou ter nos tornado mais sensíveis e abertos ao contato e a partilha por videochamadas, o que me permitiu desenvolver entrevistas longas, com cerca de uma hora de duração cada. Acredito que estávamos todos sedentos pelo contato humano, mesmo que virtual, facilitando os processos para que essa tese chegasse onde chegou, em complexidade e profundidade.

Ponto, que abordar sobre meu tema de pesquisa no terreno evangélico gerou muitos conflitos e alguns ataques pessoais, oscilando entre questionamentos, parabenizações, invalidações e, poucas mas existentes, tentativas de silenciamento ou modulação da análise dos resultados na escrita dessa tese.

Essas tentativas de silenciamento ou modulação dos resultados envolveu, muitas das vezes, a afirmação de que “sua pesquisa é muito interessante, mas você não está analisando da forma correta. Vou te ajudar com a forma correta e segundo a qual você deve escrever” (Frederico<sup>5</sup>, Resende/RJ). Essa foi uma das abordagens indiretas que mais me marcou. Ela aconteceu no início da minha observação participante, e acabou ocupando as primeiras páginas do meu caderno de campo. Frederico era um amigo de infância, e que fez contato comigo por uma das minhas redes sociais, no período em que estava iniciando minha coleta de dados. Durante a conversa de como as nossas vidas se deram após nosso distanciamento, chegamos ao meu tema de pesquisa do mestrado. O desconforto, seguido da invalidação e tentativa de controle das análises dos resultados se mostraram, nessa ordem. Frederico não entra na contabilização das fontes diretas, mas outros Fredericos compuseram os desconfortos da vivência no campo.

Ultrapassada essa contextualização, passarei a apresentar meus interlocutores diretos, conforme tabela 1: **Inês** nasceu em família batista e assim se designava quando se percebeu não heterossexual. Por conta de algumas reflexões e críticas à abordagem

---

<sup>5</sup> Todos os nomes aqui citados foram modificados para resguardar o sigilo, a privacidade e a segurança dos interlocutores.

da fé, passou a se entender como agnóstica um pouco antes de sair, publicamente, do armário como bissexual. **José** nasceu em família católica, com família extensa no evangelicalismo, e se converteu em uma igreja neopentecostal no início da juventude, onde saiu do armário como gay para as lideranças, e após passar por algumas tentativas de redesignação sexual, deixou a igreja quando saiu publicamente do armário. Hoje, ele não se encontra inserido em uma religião ou igreja. **Maria** nasceu em família batista, fez seminário batista, e sempre esteve envolvida nas ações das igrejas por onde passou. Ela saiu do armário como bissexual ao se apaixonar por uma mulher, e ainda se designa como cristã, apesar de ter solicitado sua exclusão do rol de membros de sua igreja. **Laura** veio de uma família de religião sincrética entre o espiritismo e o cristianismo católico. Sua mãe se converteu ao evangelicalismo durante sua infância, e sua família passou a frequentar uma igreja batista. Laura sempre atuou ativamente na igreja, até se perceber bissexual, o que acabou a afastando do convívio religioso, principalmente durante seus relacionamentos homoafetivos. Hoje, ela não rejeita o cristianismo, mas se abriu a novas possibilidades de fé. **Pedro** nasceu em família assembleiana, e é filho de pastor. Saiu do armário no início da juventude, sob forte oposição familiar e silenciamento pela igreja. Por conta da filiação pastoral, precisou estudar a homossexualidade e o cristianismo a fundo para desconstruir sua homofobia internalizada e construir argumentos de autovalidação frente ao mundo evangélico. Hoje, ele tem se aproximado e identificado mais com as religiões xamânicas, onde foi acolhido.

Nome	Doutrina evangélica	Sexualidade
Inês	Batista	Bissexual
José	Neopentecostal	Gay
Maria	Batista	Bissexual
Laura	Batista	Bissexual
Pedro	Pentecostal	Gay

Tabela 1: Interlocutores das saídas do armário gospel

Dentre os líderes evangélicos (Tabela 2), **Jonas** nasceu em família batista, sendo filho de pastor dessa denominação, e com o tempo, percebeu seu desejo de cuidar de pessoas, o que o motivou à liderança religiosa e ao estudo da teologia, seguindo os passos de seu pai. **Murilo** também nasceu em lar evangélico, originalmente assembleiano, mas ao se casar com uma metodista, migrou de denominação. No metodismo, começou a ser envolvido em atividades de liderança, e sentiu um apreço pelo cuidado e aconselhamento de pessoas, o que o motivou a estudar da Teologia, e posteriormente, o levou ao concílio para ser ordenado pastor de sua denominação. **Antônio** também nasceu em lar evangélico, já metodista desde o início. Sentiu o chamado ainda na juventude, pelo apreço em cuidar de pessoas. cursou Teologia, e passou pelo concílio da denominação para a ordenação pastoral. **Francisco** nasceu em lar cristão, de denominação batista, e após retornar de uma formação de liderança (JOCUM), começou teologia mas acabou abandonando por não ser o que ele esperava do curso. Seu desejo pela experiência sobrenatural com Deus acabou levando-o para uma igreja neopentecostal, onde hoje é um dos pastores. **Tobias** nasceu em lar católico, e houve a conversão familiar, em uma igreja batista, ainda em sua infância. Com o tempo, sentiu-se chamado ao pastoreado pelo apreço em cuidar de pessoas, tendo passado por várias experiências de liderança até chegar no pastoreado, de fato. Ele também passou por uma experiência de formação de liderança (Haggai). Até aqui, todos os líderes religiosos exerciam outras profissões, para além da liderança/pastoreado.

Os últimos apresentados são os pastores **Afonso** e **Kivitz**<sup>6</sup>. Afonso é pastor metodista, nascido em família católica. Foi o único de sua casa a se converter, ainda na juventude. Converteu-se em uma igreja neopentecostal, e depois migrou para a igreja Metodista. Ele começou a se envolver com a liderança da igreja quando ainda era recém-convertido, pela carência da denominação que estava inserido, e após cursar

---

<sup>6</sup> Único nome preservado no curso dessa etnografia, em virtude da controvérsia que o envolveu ter se dado no cenário público de debate religioso, e a conservação de sua identidade ser essencial para a análise do cenário como um todo, pela sua citação por outros interlocutores.

Teologia, teve uma ascensão religiosa muito rápida, já no cenário metodista. Kivitz é pastor da Igreja Batista da Água Branca, em São Paulo/SP, e durante a pesquisa de terreno, uma controvérsia o arrastou para o centro do debate do acolhimento de não heterossexuais por igrejas evangélicas. Kivitz, após um longo tempo de preferência pela não manifestação aberta sobre o tema, por vezes até oscilante entre incluir e não incluir, se posicionou abertamente em favor de uma Teologia Afirmativa, e em favor de uma revisão da tradição religiosa em favor do acolhimento efetivo de homossexuais, rejeitando a postura condenatória e excludente de muitos pastores.

Nome	Doutrina evangélica
Jonas	Batista
<u>Murilo</u>	Metodista
<u>Antônio</u>	Metodista
Francisco	Batista
Tobias	Batista
Afonso	Metodista
Kivitz	Batista

Tabela 2: Interlocutores da liderança evangélica brasileira

Todas essas histórias serão contadas a partir de agora, e te convido a navegar, comigo, pelo terreno religioso do evangelicalismo brasileiro. Começaremos conhecendo um pouco de como aconteceu a educação religiosa, familiar e eclesial, dos nossos interlocutores, para compreender um pouco os pilares da doutrinação no evangelicalismo.

## 1.2. O contexto político-religioso brasileiro

O ativismo político-religioso não é uma novidade no Brasil, já que é crescente desde a redemocratização brasileira, a partir de 1985, após um período de mais de vinte anos de ditadura militar (1964-1985). Diversas pesquisas já apontavam indícios do evangelicalismo possuir lideranças que objetivavam a ocupação religiosa de cargos políticos, numa tentativa de aumentar o poder e a proteção às denominações, principalmente pentecostais e neopentecostais (Freston, 1993, 1994; Trevisan, 2013). Freston (1999) também explica que protestantes de linhas históricas já ocupavam cargos políticos desde 1930, porém essa ocupação não era endossada oficialmente por suas denominações e nem possuíam características uníssonas.

Era uma presença pluripartidária, sem fortes concentrações ideológicas, cobrindo um leque desde a esquerda não marxista até a defesa apaixonada do regime autoritário. Os pentecostais estavam quase totalmente ausentes do congresso. Desde a redemocratização em 1985, a política protestante foi transformada, tornando-se muito mais visível e controvertida. (Freston, 1999:7)

Com a entrada dos pentecostais e neopentecostais na política, o objetivo de normatizar uma moral conservadora também passou a ser delineado, e uma bancada parlamentar evangélica foi se constituindo nesse sentido (Dantas, 2011; Queiroz, 2019), e começa uma visão bastante engajada de denominações, como a Igreja Universal do Reino de Deus (Leite, 2019; Oro, 2003) e a Assembleia de Deus (Almeida, 2017). A partir de então, cada vez mais evangélicos ingressavam em cargos públicos de forma organizada (padronizada) e engajada, religiosamente.

Um mapeamento do evangelicalismo em cargos políticos publicado em 2017, já confirmava essa forte onda conservadora no ativismo político-religioso evangélico (ibid), mas essa onda havia recebido muita força pela ascensão do movimento antipetista, com o início das investigações do esquema de corrupção na Petrobras (no início de



2014), a investigação do suposto envolvimento de Lula<sup>7</sup> e Dilma no esquema (no final de 2015) e o impeachment de Dilma Rousseff (em meados de 2016) (Quadros & Madeira, 2018).

É importante destacar que, a partir do antipetismo, a bancada evangélica assume publicamente sua rejeição às pautas da esquerda, absorvendo essa rejeição do antipetismo e canalizando os esforços em uma moral que se opõe, principalmente, ao reconhecimento de direitos da comunidade LGBTQ+. Apesar do reconhecimento da presença de um cristianismo progressista, ele ainda era visto como minoritário dentre as diversas correntes denominacionais evangélicas, e principalmente, em sua força político-normativa, exercida através da bancada parlamentar evangélica, e em muito, importada de um movimento conservador do cristianismo norte-americano (Almeida, 2017; Sales & Mariano, 2019).

Esse conservadorismo, fortalecido pelo antipetismo e pelo movimento evangélico norte-americano, estreitou a aliança de lideranças políticas e religiosas do evangelicalismo brasileiro, no âmbito político-partidário, e acabou por fortalecer ainda mais a “bancada evangélica”, que é a frente de parlamentares evangélicos, e que passaram a alinhar o posicionamento evangélico, político-partidário, num mesmo sentido: conservador engajado. Nesse sentido, a composição do Congresso Nacional entre 2015 e 2018 foi considerada com a mais conservadora dos últimos anos (Salomão Neto, 2017; Tadvald, 2015). E é exatamente esse evangelicalismo conservador, alinhado com o antipetismo, que construiu as bases para eleição de Bolsonaro em 2018 (Camurça, 2020). E que, a partir do governo Bolsonaro, rejeitou e hostilizou com ainda mais força todas as pautas igualitárias e/ou ligadas ao reconhecimento da diversidade sexual ou da identidade de gênero (Mariano & Gerardi, 2019).

E é por conta de todo esse poder que o evangelicalismo vem construindo no estado brasileiro, e pela força político-normativa da moral e da sexualidade que vem

---

<sup>7</sup> Lula presidiu o Brasil entre 2003 e 2011, e encerrou seu mandato com índice de aprovação recorde, de mais de 80%, segundo uma pesquisa feita pelo Ibope, encomendada pela Confederação Nacional da Indústria.

assumindo, que esta pesquisa encontra sua relevância. Um exemplo dos efeitos dessa atuação do ativismo político-religioso conservador na política brasileira foi a oposição aberta à criminalização da homotransfobia, inviabilizando todo e qualquer projeto de lei ou iniciativa que assegure direitos sociais, sexuais ou reprodutivos ao grupo LGBTQ+.

No Brasil, a criminalização se deu por atuação do Supremo Tribunal Federal, que equiparou a homotransfobia ao crime de racismo em 2019. Entretanto, essa decisão nunca se converteu em uma criação de lei que efetivasse essa proteção, de forma mais permanente e estável. Assim, desde 2019, tanto a proteção dada pela criminalização da homotransfobia, quanto a legalização do casamento homoafetivo, no Brasil estão revestidas dessa mesma fragilidade (Püschel, 2019) que pode mudar a qualquer momento, desde que os ministros do Supremo Tribunal Federal mudem de ideia. Essa dependência de que o Judiciário intervenha para assegurar os direitos humanos ao grupo (Lessa & Dravet, 2020; Sales & Mariano, 2019), tem ampliado a polarização entre a comunidade LGBTQ+ e o cristianismo evangélico e pode refletir uma eventual insegurança na vivência individual, bem como fortalece os mecanismos conservadores que constroem e sustentam a moral evangélica na heteronormatividade.

Importa destacar, por fim, que o Brasil e a América Latina, tem vivido um período de transição religiosa, com expressivo aumento do número de evangélicos, principalmente da linha pentecostal. No Brasil, estima-se que a próxima pesquisa demográfica (2022), já aponte para uma constituição de maioria da população dessa fé (Alves, Cavenaghi, Barros, & Carvalho, 2017; Mariano & Gerardi, 2019). E é exatamente essa moral conservadora evangélica, que tem ameaçado o reconhecimento de direitos à população LGBTQ+, que foi investigada nesta tese. Até que ponto essa moral conservadora conseguiria recuar para acolher indivíduos evangélicos, dissidentes sexuais, ou ela se replicaria às teologias e práticas vivenciadas no terreno, impedindo que não heterossexuais vivenciassem dessa fé. Esse cenário tem colocado a religião no centro do debate, não somente como uma possibilidade, já reconhecida, de cerceação

de direitos e cidadania íntima, mas também como algo que tem sido cerceado aos homossexuais.

Cidadania íntima é um termo cunhado por Ken Plummer (2001 e 2003) e desenvolvido por Henrike Donner e Gonçalo Santos (2016) para se referir à pluralidade de discursos e debates públicos sobre como se deve conduzir a vida pessoal, num mundo onde as pessoas são cada vez mais confrontadas com escolhas difíceis e conflituosas em redor da sua intimidade: desde a adoção de filhos ao casamento homoafetivo e à escolha dos métodos reprodutivos e contraceptivos, dentre outros.

Nesses debates sobre a intimidade, são estudadas as tentativas de criação de um fórum público em favor do direito de organizar sua vida pessoal da forma como cada um entende melhor. E nesse sentido, incluem-se os debates acerca de determinadas cidadanias, sexuais por exemplo, possuírem mais direitos que outras. A partir de então, compreendemos que toda intimidade é política, e que portanto, não podemos partir do princípio que exista uma forma de intimidade padronizada e válida para todos.

Por conta do exposto, esse conceito é profundamente relevante para os estudos da religião, para que os conceitos de bom cristão e bom cidadão superem o preconceito embutido na ideia de diferenciar a respeitabilidade de um cidadão ou cristão a depender da orientação sexual. Nesse sentido, é urgente questionarmos até que ponto a heteronormatividade impõe a reprodução como um dever, e até q ponto eles emprestam esse dever heteronormativo ao casamento, para validar sexualidades dissidentes. A cidadania íntima também nos permite compreender que não é preciso ter um casamento heteronormativo para contribuir com a reprodução social, uma vez que as alternativas de constituição de si são múltiplas, apesar de quaisquer debates, controvérsias e conflitos.

Esse conceito da cidadania íntima levanta a questão de como construir formas inclusivas de direito da vida pessoal, como ensinar as pessoas a conviver umas com as outras com todas as suas diferenças, como cultivar a civilidade das relações humanas num momento de crescentes tensões sociais bem como de crescente falta de civilidade

na vida social e pública. Trago a cidadania íntima como termo abrangente para me referir aos debates em redor da escolha religiosa que tem sido cerceada aos homossexuais.

### 1.3. Códigos de honra, revolução moral e homofobia

O que o evangelicalismo engajado na política tem feito é uma tentativa de conservação do código moral evangélico heteronormativo. Mas, antes que eu entre em maiores detalhes, preciso explicar o que seriam os códigos de honra e por que percebi estarmos diante de todo um conjunto de disputas no âmbito de uma possível revolução moral.

A construção de uma moral evangélica conservadora, que passa pela oposição ao reconhecimento dos direitos da população LGBT+, se baseia num ideal tradicional de família, como sendo uma instituição exclusivamente construída por um homem e uma mulher, cisgéneros. Nesse sentido, encontrei na teoria das revoluções morais de Appiah (2012) a explicação de como códigos de honra têm sido determinantes na construção e perpetuação da homofobia religiosa.

As revoluções morais são caracterizadas quando: já existem objeções às práticas mesmo antes de serem efetivamente abolidas; e nelas, a honra e seus códigos ocupam o papel central, com uma intensa preocupação com o reconhecimento pelos pares (Appiah, 2012:7-8). Nesse ponto, o posicionamento do lugar do acolhimento da diversidade sexual no evangelicalismo são demonstrações da tentativa e resistência frente a um reposicionamento da honra pela moral sexual. Assim, os códigos de honra assumem um papel primordial na construção dos indivíduos e das práticas que são aceitáveis e reprováveis, por um determinado grupo.

Portanto, Appiah (2012) desenvolve sua teoria acerca das revoluções morais, passando pela compreensão das instituições da honra, vergonha e reconhecimento. A

honra se basearia no cumprimento de um conjunto de normas e valores que determinariam quem ou o quê deve ser motivo de vergonha e quem ou o quê deve ser motivo de orgulho, sendo reconhecido como digno, virtuoso, e aumentar seu valor social no grupo.

Zelar pela honra é querer ser digno de respeito. Ao perceber que fez alguma coisa que o torna indigno, você sente vergonha, mesmo que ninguém esteja olhando. (Appiah, 2012:18)

Esse conjunto de valores/práticas pode estar ligado a um sistema jurídico mas não deve ser confundido com este uma vez que o mundo da honra permite que práticas tidas como ilegais sejam vistas como meritórias. Nesse sentido, Appiah ainda explica que por isso, a honra habita esse mundo específico da honra que somente inclui indivíduos que compartilham do mesmo ideal de práticas dignas. Isso nos permite compreender como a validação pelo grupo ao qual se espera o reconhecimento acaba sendo mais poderosa do que qualquer lei ou lógica, e em muito percebemos como as comunidades evangélicas se constituem como efetivas comunidades de honra. Assim, passamos a compreender o poder que os “códigos de honra” possuem em casos de revolução moral. Caso ainda não tenha ficado claro, uma revolução moral bem sucedida se dá quando uma prática que era tida como aceitável e determinadora de um status positivo no grupo, é modificada a ponto de tornar a mesma prática motivo de reprovabilidade, vergonha, recebendo um valor negativo a quem às pratica, até que a prática entre em desuso.

Se Appiah constrói sua teoria em redor de três revoluções morais em diferentes partes do mundo (o fim dos duelos, dos pés de lótus, e da escravidão), demonstrando como esses reposicionamentos da honra foram imprescindíveis para uma mudança de práticas, propus, aqui, que a teoria das revoluções morais de Appiah fosse usada para analisar e compreender o acolhimento aos dissidentes sexuais por evangélicos. Porque, como exposto até então, o conservadorismo tem exposto as disputas em redor da diversidade sexual no cristianismo. Nesse sentido, busquei identificar se o lugar da

honra evangélica seguia com as propostas tradicionais de exclusão e/ou tentativas de “cura gay” ou se o evangelicalismo estaria se abrindo para o reconhecimento e validação de outras possibilidades enquanto parte da diversidade natural da humanidade.

Quando falo sobre o evangelicalismo como uma comunidade de honra, parto do lugar histórico e tradicional da honra evangélica enquanto heteronormativa, homofóbica e patriarcal. Todas essas construções serão melhores destrinchadas ao longo dos capítulos desta tese, mas o que busquei ao longo das investigações foi identificar como estava a decorrer essa revolução moral de acolhimento e se consideraria, ao final, bem-sucedida no que se propõe.

Identifiquei tratar-se de uma revolução moral em curso a partir da observação de que práticas como a exclusão de membros dissidentes sexuais estavam a diminuir nas comunidades religiosas, e eu começava a ouvir diversas defesas, mesmo por conservadores, de que a exclusão da igreja seria uma prática de violência religiosa. De igual forma, ouvia muitos pastores afirmando que a homofobia seria um pecado, e que o cristianismo deveria acolher a todos. O que não ficava claro para mim era qual era essa nova proposta de acolhimento. Foi nesse ponto, que somei esta dissertação aos exemplos de Appiah, de forma que analisarei se essa virada do acolhimento religioso pode ser considerada uma revolução moral bem-sucedida no que se refere ao reconhecimento da diversidade sexual.

Adianto que o que pensei no início da pesquisa, tratar-se de uma transformação em direção ao acolhimento, acabou por se demonstrar como uma transformação de resistência ao acolhimento de fato, uma vez que identifiquei a propagação e o fortalecimento de uma proposta de incluir/acolher negando ao sujeito sua identidade e com uma finalidade de transformá-lo, sem ser transformado por ele. Essa proposta não

demonstrou um acolhimento efetivo, mas algo que poderíamos aproximar ao conceito de colonizar, no sentido de usar de instrumentos para dominar e aculturar o outro.<sup>8</sup>

O novo colonialismo precisa organizar a sociedade das vítimas, para ter a mesma – ou quase a mesma cultura – do explorador. Só assim ele – a vítima – deixará de ser um explorado passivo e irá se transformar em um explorado ativo. Isto é, um explorado que apoia e coopera com o neocolonialista para a destruição de sua própria cultura e de sua própria nação. (Barbosa, 2011:8)

## 1.4. Etnografia de uma revolução moral inclusiva ou afirmativa?

Em resposta a toda essa problemática do acolhimento, estão a surgir diferentes movimentos evangélicos inclusivos e inclusivos não-afirmativos. Quando iniciei minha pesquisa, não percebia haver essa diferença, mas o campo me mostrou particularidades que as diferenciam. Para facilitar essa divisão discursiva, denominarei como igrejas inclusivas as comunidades que tendem a um acolhimento para transformar sem transformado, isto é, sem afirmar direitos e dignidade à homoafetividade, como é o caso do Movimento Cores. Esse movimento surgiu em 2014, e é um braço da Igreja Batista da Lagoinha, e nega a sexualidade divergente ao mesmo tempo em que aceita. Para pesquisadores como Marinho et al., 2016 e Moura, 2019, não se trataria efetivamente de um movimento evangélico inclusivo por conta da reprodução da heteronormatividade e das defesas da castidade envolvidos nesse acolhimento. Apesar disso, a definição dada pelo próprio movimento em seu Instagram é ser um “lugar de todes!” (Movimento Cores), e eles se propõem a acolher dissidentes sexuais, e portanto incluem (numa definição rasa dessa inclusão) não heterossexuais.

---

<sup>8</sup> Dada a delimitação necessária para essa pesquisa, não adentrarei com profundidade no debate acerca da decolonialidade religiosa e científica, mas recomendo a leitura de Ribeiro, C. (2020). *Religião, decolonialidade e o princípio pluralista*. Numen: Revista de Estudos e Pesquisa Da Religião, 23(1), 21–40. Retrieved from <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/31405/21957>

Já igrejas inclusivo-afirmativas, que aqui chamarei apenas de afirmativas, seriam as que não somente reconhecem os abusos que já foram cometidos contra dissidentes sexuais e de gênero, como se aliam na luta pela cidadania sexual e contra essas desigualdades e violências. O termo afirmativa deriva das ações afirmativas, e foram bem explicadas no resumo feito a partir dos estudos de Gomes (2003) conforme segue.

As ações afirmativas se definem como políticas públicas (e privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Na sua compreensão, a igualdade deixa de ser um princípio jurídico a ser respeitado por todos, e passa a ser um objetivo constitucional a ser alcançado pelo Estado e pela sociedade. (Moreira, Ferraresi, Carvalho, & Amaral, 2017)

Nessa esteira, igrejas inclusivas poderiam ser entendidas como espaços de uma defesa discursiva de acolhimento à diversidade, mas condiciona o acolhimento à castidade, negando dignidade e igualdade às diferenças sexuais. Essa modalidade acaba surgindo em resposta às críticas aos tradicionais afastamento e exclusão de discordantes/dissidentes (Jesus, 2013). No caso das igrejas afirmativas, esses espaços já não seriam mais de castração, mas de reconhecimento, validação e respeito das diferenças sexuais e de gênero (Freire, 2020), sem hierarquias e com um acolhimento mais ativista e subversivo em torno de amor sagrado incondicional.

Desde o final da II Guerra Mundial, um aumento da proteção a direitos individuais trouxe para o centro das discussões a revisão de alguns valores morais, que infringiam direitos de grupos minoritários, historicamente perseguidos e desumanizados por conta deles. Dentre eles, a heteronormatividade e a homofobia decorrente são exemplos, por se constituírem reais práticas de intolerância e que evidenciam preconceitos pessoais, muitas vezes aceito socialmente, e que opõem-se por completo ao respeito a diversidade e a cultura de paz.

A dinâmica de oposição entre homossexuais e evangélicos dificulta o diálogo e a percepção de que a pluralidade de pensamento é essencial para a democracia (Efrem Filho, 2019:124-127) e para a tolerância (UNESCO, 1997:11-12). Mesmo que seja



inegável a presença dessa oposição evangélica à homossexualidade, isso não impede que evangélicos se apaixonem de uma forma homoerótica. Mas, será que esses indivíduos encontram um ambiente seguro para professar sua fé e sua homossexualidade conjuntamente? Será que esse famoso conservadorismo evangélico vem se tornando mais acolhedor nos últimos anos, em resposta às iniciativas internacionais por tolerância e respeito à diversidade? E, será que existe diferença entre a postura de evangélicos de doutrinas históricas para evangélicos de doutrinas pentecostais ou neopentecostais? Ou variam conforme algumas características culturais da cidade onde a igreja está inserida? A presente etnografia explora estas questões à luz de metodologias qualitativas de “descrição densa” (Geertz, 1978:20) baseadas em narrativas, práticas e experiências de membros da comunidade evangélica.

Destaque-se que, da parte do antropólogo, o fato de crer ou não crer em Deus ou na Bíblia pode alterar as suas percepções do campo (Blanes, 2006), pelo que manifesto minha crença em um cristianismo tolerante e plural, pelo defendo que esse ambiente se torne de paz e respeito à diversidade. A reflexividade, presente nas etnografias, reconhece que os textos acadêmicos não são completamente dissociados e independentes da realidade do campo ou da perspectiva do analista (Atkinson, 2014). O perigo de não estar atento a ela é não somente cair numa falha metodológica, como também gerar um bloqueio no recetor cristão dos resultados do estudo, acirrando a polarização e a oposição pré-existente, expondo no texto seus próprios preconceitos (Nietzsche, 2001:14).

Para a análise, também utilizei o conceito de racismo, cunhado pelo Supremo Tribunal Federal na ementa da decisão pela criminalização da homotransfobia:

O conceito de racismo, compreendido em sua dimensão social, projeta-se para além de aspectos estritamente biológicos ou fenotípicos, pois resulta, enquanto manifestação de poder, de uma construção de índole histórico-cultural motivada pelo objetivo de justificar a desigualdade e destinada ao controle ideológico, à dominação política, à subjugação social e à negação da alteridade, da dignidade e da humanidade daqueles que, por integrarem grupo vulnerável (LGBTI+) e por não pertencerem ao estamento que detém posição de hegemonia em uma dada estrutura social, são considerados estranhos e diferentes, degradados à condição de marginais do

ordenamento jurídico, expostos, em consequência de odiosa inferiorização e de perversa estigmatização, a uma injusta e lesiva situação de exclusão do sistema geral de proteção do direito (STF, 2019:6).

Como o racismo e a homotransfobia possuem ações enraizadas no preconceito, produzem as chamadas intolerâncias religiosas. Por intolerância, recorrerei a conceptualização de tolerância da UNESCO, de forma negativa. Sendo assim, intolerância será considerado o desrespeito, a não aceitação ou apreço da diversidade das culturas do mundo, dos modos de expressão, e das maneiras de exprimir as qualidades de seres humanos; como o desconforto na diferença; como um contributo para uma cultura de guerra (UNESCO, 1995).

Neste ponto, importa destacar os mecanismos de defesa do ego, pelos quais um indivíduo está sujeito ao se perceber enquanto perpetrador de práticas racistas: negação/recusa, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação (Kilomba, 2019). Estes mecanismos servirão de base para a análise do estágio onde se encontra a homofobia no discurso religioso evangélico, tomando como ponto de partida da análise, as experiências individuais de quatro homossexuais que saíram do armário pertencendo a religião evangélica, e passando pela consulta à fontes primárias e secundárias, utilizando técnicas de etnografia digital com a utilização de redes sociais e de dados obtidos diretamente de sites na Internet e plataformas como YouTube, agregando conhecimentos adquiridos por conversas ao longo da vida no evangelicalismo e pelo contacto com membros de cidades que não são mencionadas aqui, mas que me permitiram uma melhor análise. Incluí também análises de notícias veiculadas em imprensa e televisão, além da participação em cultos (das mais variadas doutrinas e denominações evangélicas).

Portanto, a partir principalmente dos estudos de Appiah (2012) e Kilomba (2019) construí essa tese. No **primeiro capítulo**, trago uma introdução ao tema das revoluções morais e dos códigos de honra, explico a metodologia aplicada e apresento meus entrevistados. No **capítulo dois**, apresento uma introdução à cultura evangélica

brasileira e o poder que essa religião exerce sobre seus fiéis. Minha intenção não é somente lançar criticidade sobre a vivência religiosa, mas situar leitores não evangélicos das especificidades dessa vivência, que se fizeram presentes durante minha pesquisa de campo. No **terceiro capítulo**, apresentarei quatro histórias de homossexuais que saíram do armário enquanto estavam em realidades evangélicas, e como foi cada uma das experiências: familiar e denominacional. Aqui, pretendo apresentar como a vivência de homossexuais dentro das igrejas evangélicas tem sido reprimida, perseguida e hostilizada, e como a fé evangélica tem criado ambientes de hostilidade, violência e exclusão.

No **quarto capítulo**, apresentarei um mapeamento da controvérsia em volta da defesa do acolhimento evangélico a homossexuais, cujo ponto de entrada foi a pregação de Ed Renê Kivitz, em outubro de 2020. O método e a teoria do Ator Rede foram escolhidos como forma de demonstração de como a religião precisa urgentemente reagregar o social à Teologia, para que as violências religiosas possam sair do silenciamento em direção à reparação. As divisões entre natureza e cultura tem fundamentado muitos dos argumentos homofóbicos, e esse reagregar do social com uma análise simétrica dos atores é indispensável para que a religião deixe de ser uma arma engatilhada sobre vulneráveis.

No **quinto capítulo**, trarei relatos pastorais frente a divergência de acolhimento ou não, e da acusação do evangelicalismo como instrumento de construção e manutenção da homofobia. Com o aumento da polarização e do ativismo político-religioso, e a fetichização da perseguição cristã pela criminalização da homofobia, compreenderemos como a honra tem atuado na conservação da violência e dos preconceitos envolvendo a sexualidade. Também perceberemos como os discursos de acolhimento têm sido transformados nos últimos anos, saindo da exclusão de membros e da defesa das terapias de reorientação, a caminho da defesa de um acolhimento que castra.

Por fim, encerrarei discorrendo sobre os desafios que têm sido enfrentados pela religião evangélica para que o acolhimento da diversidade se torne possível, sua urgência e o quanto ele é indispensável para a construção de uma cultura de paz.

Te convido a, ousadamente, questionar a si e ao seu redor, para quais violências você tem silenciado e quais são as que você tem cometido. Tentei tornar essa leitura o mais didática e acessível que eu pude, para, ao espelho da minha mãe, produzir um conhecimento popular e de amplo acesso. Espero que assim como eu saio dessa escrita uma pesquisadora melhor, ela te enriqueça e te dê ferramentas de empoderamento para eliminação da homofobia evangélica.

## 2. A CULTURA EVANGÉLICA BRASILEIRA: DO PATRIARCADO AOS “BONS CRISTÃOS”

---

Este capítulo debruça-se sobre a questão de como a cultura evangélica e o evangelicalismo têm sido construídos e reconstruídos ao longo dos anos, produzindo imagens normativas da família e da sociedade. Este processo de (re)construção fez uso de ideais como os da santidade enquanto separação do “mundo”<sup>9</sup>, da pureza interpretativa e da superioridade moral, e levou a um processo de fragmentação e diversificação da doutrina evangélica educativa, familiar e eclesial. A análise aqui apresentada debruça-se, em particular, sobre a história da noção evangélica de “bom cristão” e a forma como esse ideal se transformou numa espécie de “código de honra” (Appiah, 2012:50) comunitário que desincentiva à pluralidade de ideias, no sentido amplo, e em particular, no que diz respeito à configuração e orientação da vida pessoal.

Assim, após uma revisão bibliográfica sobre a história do evangelicalismo, analisaremos oito experiências de educação e aculturação evangélicas, sendo: quatro com sexualidades divergentes da (suposta) norma moral evangélica, e quatro com sexualidades condizentes a ela e que se tornaram, ou estão no processo para se tornarem, pastores.

Como resultados, identifiquei que os discursos de patologização e estigmatização da homossexualidade ainda ecoam no evangelicalismo, fortalecendo a heteronormatividade no grupo. Esses discursos acabaram se demonstrando como instrumentos de silenciamento, invisibilização e até “justificação” para a violação de direitos, e encontrei defesas da homofobia justificadas pelo código de honra envolvido na construção do “bom cristão”, fortalecidos pelo fetiche da perseguição cristã. As

---

9 O “mundo” aqui retoma o uso feito pela cultura evangélica acerca do conjunto de objetos e pessoas não pertencentes ao universo confessional cristão-evangélico, ou seja secular.

disputas envolvendo esse pódio evangélico do “melhor cristão” têm aberto espaço para autorreflexão e crítica de práticas religiosas, e com isso brechas tem sido abertas para diálogos urgentes e renovados sobre a cidadania íntima.

## 2.1. História do protestantismo e do pentecostalismo brasileiros

Desde as missões jesuíticas do período colonial, o Brasil construiu sua cultura em redor da tradição religiosa católica e de uma forma nada democrática, já que o Catolicismo era a religião oficial da Colônia portuguesa.

Os jesuítas usavam o regime do trabalho forçado sobre os indígenas para sua docilização, isto é, para a construção dos “bons cristãos”, que de acordo com Boris Fausto, “significava também adquirir os hábitos de trabalho dos europeus, com o que se criaria um grupo de cultivadores indígenas flexível às necessidades da Colônia” (Fausto, 2001:49).

No período brasileiro enquanto colônia portuguesa, o catolicismo era a religião oficial, havendo proibição de qualquer outra doutrina religiosa. A pluralidade de ideias e a liberdade de pensamento, de opinião e de crença só foram autorizadas pela Constituição de 1824. Apesar da autorização legal, a separação dos poderes entre Igreja Católica e Estado, só virou realidade, sem restrições, com a Constituição de 1891, abrindo de verdade a possibilidade de novas religiões no país (Azevedo, 2010).

Foi um sacerdote, o Pe. Muniz Tavares que, na Assembleia Constituinte de 1823, defendera com intrepidez a liberdade de pensamento e de opinião, fulminando com palavras de fogo os intolerantes e declarando com ênfase, num dos lances de sua oração, reconhecer a liberdade religiosa “um dos direitos mais sagrados que pode ter um homem na sociedade; direito sagrado, porque a consciência é um santuário onde poder humano nenhum tem o direito de penetrar”. (ibid:294)

O Brasil teve um primeiro contato com o protestantismo, entre os anos 1625 e 1692, com as invasões holandesas e conquista de parte do Nordeste (Viração, 2012),

mas essa religião só chegou, oficialmente, em 1819, por intermédio de um acordo comercial. Foi, então, permitido ao anglicanismo, e somente ele, passar por cima da proibição constitucional e abrir, no país, sua primeira igreja. Outras denominações protestantes, chegaram apenas após a mudança constitucional (Tabela 1), que separou Igreja e Estado, e abriu espaço para a diversidade de fé e culto.

Denominação	Ano de chegada ao Brasil
Anglicana	1819
Metodista	1836
Luterana	1845
Congregacional	1858
Presbiteriana	1862
Batista	1882
Episcopal	1890

Tabela 3. Primeiras denominações protestantes do Brasil.  
Fonte: Azevedo, 2010:296.

Essa primeira transnacionalização religiosa era recebida do protestantismo europeu, com grande contaminação dos ideais colonizadores, sendo muito semelhante à atuação do catolicismo no país. As duas vertentes do cristianismo possuem tantas similaridades quanto diferenças. Ambas são religiões cristãs, centradas no cânon bíblico e que pregam o expansionismo como princípio missiológico. Entretanto, divergem: no reconhecimento do papado como liderança da Igreja Católica, na canonização dos santos, nas representações imagéticas, e no reconhecimento de Maria, e outros, como intercessores dos fiéis diante de Deus. O protestantismo rejeita essas doutrinas do catolicismo, e lhes atribui a acusação de idolatria. Para protestantes [e evangélicos, no geral] a interpretação dos textos bíblicos não permitiria qualquer intermediação entre Deus e os homens. Os pontos de conflito entre as duas linhas acabaram por levar ambas “a procurar, nas instituições de ensino e de cultura e nas atividades de caráter social, outros tantos pontos de apoio para a conquista das almas e predomínio religioso”

(ibid:298). A conversão religiosa tem sido utilizada, portanto, não apenas como um refúgio de fé e esperança, mas também como um instrumento de mudança cultural pela doutrina religiosa (Prandi, 2008).

Com o passar das décadas, o protestantismo foi sendo cada vez mais questionado, fragmentado e modificado, ao passo que esses questionamentos e fragmentações acabaram mais controlados no âmbito da Igreja Católica, possivelmente pela centralização doutrinária que acaba por [tentar] uniformizar as mudanças. Em contrapartida, o protestantismo foi se tornando cada vez mais diverso<sup>10</sup>, criando movimentos como o pentecostalismo e o evangelicalismo.

O pentecostalismo chegou ao Brasil, em 1910, como um reflexo do Avivamento da Rua Azusa, evento de renovação carismática protestante que ocorreu quatro anos antes, em Los Angeles. A primeira onda pentecostal ficou conhecida como clássica, e foi marcada pela expansão internacional da vertente norte-americana, e o surgimento das denominações Cristã do Brasil e Assembleia de Deus. Mais tarde, com grandes eventos públicos de manifestações carismáticas, surgiu o Pentecostalismo da cura divina, marcado pela criação das Igrejas do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor e Brasil para Cristo – na década de 1950. A terceira onda é chamada de neopentecostalismo, e inicia na década de 1970, sendo marcada pela mediatização da fé e o engajamento político como estratégia de proselitismo religioso e auto-proteção contra a perseguição cristã. Essa terceira onda originou as igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus (Freston, 1995).

O ativismo político-religioso ganhou maior repercussão com o neopentecostalismo, mas esse ativismo sendo absorvido pelas outras doutrinas. Freston explica que, em 1986, um representante da Assembleia de Deus afirmava intencional eleger um representante em cada estado brasileiro, como forma de atenuar tensões e profissionalizar seu seguimento doutrinário (Freston, 1993:93).

---

<sup>10</sup> Para uma retrospectiva mais detalhada da história do protestantismo até o evangelicalismo brasileiro, consultar Simões, E. (2016) *Evangelicalismo Latino-Americano: uma perspectiva histórica*.



Apesar do início do pentecostalismo brasileiro ter sofrido grande influência norte-americana, Freston (1995) também explica que o movimento americano ainda era novo, e possuía poucos recursos financeiros, o que fez com que essa influência não chegasse a criar uma relação de dependência ou submissão doutrinária.

Na verdade, o que tem sido observado e estudado é esse reflexo do neopentecostalismo sobre as outras doutrinas cristãs. Sobre isso, Ari Pedro Oro (2003) explica que a mentalidade política e religiosa da Igreja Universal tem influenciado as diversas doutrinas evangélicas, tanto no engajamento político quanto na utilização do carisma e da mediatização. E essa influência também tem sido observada na construção e fortalecimento do fundamentalismo religioso e da popularização da teologia de prosperidade (Gouvêa, 2012).

Para quem não é familiarizado com os movimentos evangélicos, o pentecostalismo trouxe o carisma para o protestantismo, isto é, a validação das manifestações dos dons espirituais. Exemplos desses dons, seriam: curar pessoas pela oração, receber revelações de Deus sobre o futuro ou a vida de alguém, falar a língua dos anjos (ou em línguas espirituais), dentre muitas outras. Protestantes tenderam a rejeitar essas manifestações por considerar uma mística religiosa que não seria condizente com o que acreditavam ser o correto: um culto racional. Todos acreditam que o Espírito Santo de Deus passa a habitar o fiel quando ele aceita a ideia de que Jesus é o salvador, pelo poder do seu sacrifício e de sua ressurreição. Entretanto, divergem quanto ao momento em que isso aconteceria. Para protestantes, seria um processo automático, inerente à aceitação de Jesus como o salvador. Já pentecostais, acreditam que não necessariamente aconteceria na mesma hora, pelo que denominaram o momento de “Batismo com o Espírito Santo”. Existem muitas outras diferenças, que não citarei aqui, para não me estender ao longo de todos os pontos de divergências e controvérsias, mas o fiz neste parágrafo, como evidência de que já faz algum tempo que a identidade protestante e/ou evangélica não é uníssona.

## 2.2. Bases da formação do evangelicalismo brasileiro

A diferenciação entre evangélicos, protestantes e pentecostais não é tão simples de definir, como já podem ter percebido. Exatamente porque, ela decorre dessas várias fragmentações e disputas já citadas, e em virtude das diversas correntes interpretativas que foram surgindo ao longo dos anos.

Desde a denominação protestante inicial, o luteranismo, criada logo após a Reforma Protestante (1517), divergências quanto a forma e modo de batismo e a doutrina de salvação como uma escolha pessoal ou uma determinação divina deram espaço para a fragmentação e criação, dentre outras denominações, a anabatista<sup>11</sup> (Cairns, 1995:241-248).

Para que você possa compreender a diversidade denominacional atual, é importante destacar que o cenário da divisão do cristianismo não foi marcado apenas pela Reforma Protestante, mas outros movimentos reformistas (como a Contra Reforma e a Reforma Radical) acabaram por subdividir o protestantismo em diversas outras possibilidades doutrinárias, hoje chamadas de Novos Movimentos Religiosos (NMR) (ibid). Com tantas fragmentações da identidade protestante e todas elas reivindicando ser a mais correta à luz da Bíblia, aos poucos, o termo evangélico foi se tornando uma nomenclatura reagregadora das denominações derivadas das divisões do protestantismo.

Rodrigues explica que, normalmente, imediatamente após uma cisão religiosa, a nova vertente costuma ser considerada como uma seita, sendo portanto, rejeitada pelo grupo original. Após um tempo, esses movimentos começam a ser reconhecidos como denominações, e acabam inseridos e/ou reconhecidos no cenário religioso. Ele ainda indica que esse processo e o caráter pejorativo associado ao termo seita, costumam ser utilizados pelo poder religioso dominante como tentativa associar uma imagem negativa

---

<sup>11</sup> Os anabatistas são, hoje, conhecidos por batistas.

às vertentes minoritárias que surgem (Rodrigues, 2008:3). E exatamente pelo reconhecimento de que fragmentações e reagregações religiosas acontecem, e tem ganhado força e relevância após a década de 1960, e os NMR acabaram abrindo portas para o chamado nomadismo religioso. No caso específico brasileiro, esse nomadismo tem se aliado ao sincretismo e a uma grande inventividade religiosa, que acabou sendo definido como a “síndrome brasileiro” (*ibid*:16).

Nesse capítulo, partiremos das histórias de evangélicos, ex-evangélicos e pastores evangélicos, para fazermos uma análise do cenário cultural atual dessa religião. Esses interlocutores nos ajudarão a compreender algumas bases da construção e transmissão dessa cultura. Ao longo da minha pesquisa, observei um certo ideal de construção de bons cristãos, que será melhor abordado na conclusão da dissertação, mas que foi construído no imaginário coletivo evangélico ao longo dos anos e das divisões, criando e nutrindo esse ideal. Foucault certamente o consideraria uma disciplina para docilização dos fiéis (Foucault, 1987), mas gostaria de recusar essa denominação teórica ao longo deste trabalho, em respeito aos que fazem da fé cristã um instrumento de resistência, transformação e transgressão. Entretanto, é inegável que essas disciplinas de construção e manutenção do poder estiveram presentes, assim como os instrumentos teológicos de subversão.

A partir de agora e nos próximos três capítulos, a etnografia nos auxiliará a lançar luz nas vivências ainda desconhecidas ou pouco conhecidas, e através da qual histórias pessoais serão contadas que permitirão desenvolver uma análise situada mais complexa das tensões sociais e políticas que moldam o poderoso sistema de significados que é a cultura evangélica brasileira (Clifford & Marcus, 2010). As igrejas ou comunidades, como uma representação física e coletiva da religião, acabam se configurando como o lugar onde símbolos e crenças possuirão significados próprios, e serão compartilhados e apreendidos entre o grupo de fiéis, por discursos ou práticas (Geertz, 1978:65-69). Mas, neste trabalho, não serão ignorados os instrumentos de poder e política religiosa e moral envolvidos na manutenção de um cristianismo

heteronormativo e patriarcal. Para tanto, recorrerei à crítica feita por Asad a Geertz (Asad, 2010), e permitir a essa etnografia uma análise da fé como um instrumento de poder e modulação de discursos.

No caso do Brasil, a cultura evangélica tem sido reconstruída e popularizada através de um ativismo político-religioso, crescente nas últimas décadas. Através das histórias dos meus interlocutores, poderemos compreender como essa cultura é construída, questionada e reconstruída e o poder envolvido em cada processo.

### 2.3. A crença em uma imutabilidade da cultura evangélica

Apesar das sociedades e as comunidades religiosas serem constituídas sob um conjunto de padrões culturais e morais, esses padrões estão em constante negociação e reconstrução. Como já foi aqui mostrado, ao longo da história do movimento evangélico, as negociações de reconstrução e alteração dos paradigmas evangélicos é uma realidade desde a origem da religião. Essa constante transformação se dá em virtude da renovação de muitos padrões comportamentais, que por serem aprendidos por intermédio dos relacionamentos e das experiências quotidianas, faz de toda cultura, inclusive a religiosa, “um sistema de comportamentos aprendidos” (Frost & Hoebel, 2001:35).

Apesar dessa constante transformação e reconstrução, ao longo da etnografia, observei que muitos evangélicos nutriam um ideal de pureza doutrinária, que, de certa forma, os levava a uma percepção de que possuíam a mais verdadeira e fiel interpretação dos textos bíblicos. E, conseqüentemente, que suas interpretações nunca foram moldadas para se encaixar na evolução da ciência e da sociedade. Esse pensamento foi observado com maior força entre as lideranças, mas um eco também foi observado entre os fiéis e um reflexo esteve presente também nas saídas do armário.

Conversando com Pedro, enquanto ele contava sobre sua formação religiosa, ele contou que teve uma criação familiar bastante conservadora e preocupada com a guarda de preceitos mais antigos, apesar de perceber que a Assembleia de Deus hoje está mais moderna. Para explicar essa guarda de preceitos antigos, ele conta que, em sua infância, era comum ouvir atribuições condenatórias de coisas comuns do dia a dia.

eu acredito que eles estavam na fundação da assembleia de Deus lá em Belém, assim. Então, é uma família muito conservadora, né, muito conservadora principalmente porque eles carregam os princípios do começo da Assembleia. (...) era muito comum a gente escutar que assistir televisão era pecado, que usar piranha de cabelo era pecado, porque a piranha tinha o formato da cabeça de uma cobra, e isso simbolizava o inimigo, (...) beber Coca-Cola era pecado (...) Eu lembro que na casa dos meus avós, a gente não podia assistir televisão, que se fosse pra assistir tinha que assistir pregação. Então tipo, a gente era o que, seis, sete anos e tinha que ficar assistindo pregação de culto. (Pedro)

Sua família era muito simples e, ele atribui a isso a dificuldade dos familiares em questionar os padrões ensinados pela denominação. E à medida que passaram a ser reproduzidos pelo pai, quando começou a pastorear, ele descreve o início de sua percepção de um desconforto gerado por seus questionamentos, que abalavam a relação entre ele e seu pai. Com esse desincentivo, diminui as perguntas, até que deixou de fazê-las.

Então, a minha família em si, eles sempre tiveram muita dificuldade de questionar algumas coisas. Só que acabou que o meu pai acabou seguindo o ministério, né, então hoje em dia ele é pastor. (...) questionava muito meu pai sobre algumas coisas que eu não entendia na Bíblia, tipo assim: ah pai, se Deus é amoroso, por que ele tá fazendo isso? (...) Eu aprendi, em um determinado momento, que eu não podia mais questionar assim, porque eu não conseguir todas as respostas com o meu pai, e que isso gerava um clima ruim. (Pedro)

No caso de José, que teve uma formação evangélica conduzida pela igreja onde se converteu e não pela família, sua história retrata uma percepção da construção do pecado enquanto uma determinação mais pela vontade humana das lideranças, do que efetivamente por uma doutrina padronizada e impessoal. Sua saída da igreja é apontada como consequência das sucessivas violências religiosas que sofreu por ser gay (contadas no terceiro capítulo), que geraram nele uma descrença na possibilidade

de que a igreja e as disciplinas empregadas mudariam, uma descrença que, ali, poderia ser tratado com respeito e dignidade.

Enfim, daí começou a diminuir a minha vontade de estar naquele lugar, entendeu, porque sempre seria assim, nunca ia mudar. O estereótipo do gay sempre vai estar atrelado a alguma coisa negativa: ou alguma coisa de assédio, ou alguma coisa de descredibilizar a igreja, ou alguma coisa de desmoralizar a igreja, ou de incentivar outras pessoas mais novas a serem gays. Então, assim, era uma situação bastante complexa, e eu comecei a não querer mais estar ali. (José)

As histórias dos líderes também trouxe essa idealização da imutabilidade, quase que inquestionável, mesmo dentre os opositores do fundamentalismo evangélico e defensores de uma humanização do evangelicalismo.

A igreja não pode ser fundamentalista no seu aspeto espiritual. Ela tem seus dogmas, ela tem seus costumes, ela tem a sua doutrina que é bíblica e é pra todos. O que a nossa fé é, a nossa crença nos estimula pela palavra de Deus, que é a Bíblia Sagrada, e nós cremos e difundimos, mas nada disso pode fugir ao acolhimento e a relação humana e acima de tudo, a falta de humanidade. (Antônio)

O que o Pr. Antônio nos conta, isoladamente, poderia nos levar a crer que a doutrina bíblica é uníssona em todas as denominações evangélicas, e que todas defendem os mesmos costumes, já que todas baseiam sua fé no mesmo livro. Entretanto, como já foi apresentado aqui, igrejas evangélicas baseiam-se na mesma Bíblia para fundamentar doutrinas divergentes, e que inclusive, foram as motivadoras das fragmentações que originaram tantas denominações. Então, quando ele fala sobre a igreja ter seus dogmas e costumes, percebemos uma certa utopia de uniformidade.

Na sequência do seu relato, ele nos permite perceber que, mesmo quando há a defesa do acolhimento da diversidade e de todos pelo evangelicalismo, a mudança é sempre colocada como um ônus de quem quer pertencer a religião, ignorando que os próprios costumes religiosos são passíveis de transformações, e impedindo qualquer questionamento da estrutura heteronormativa do evangelicalismo.

As pessoas têm o direito de serem como elas entendem que elas devem ser, agora, se o ambiente que nós temos, cristão, baseado nos nossos costumes e na nossa crença, se ela não se sente bem ela tem todo o direito de não estar mais ali. (Antônio)

É interessante observar que ele afirma que esse dogmatismo é relativo, e que constante revisão e ressignificação, com a mudança da visão da liderança da igreja para que preste um melhor serviço à comunidade.

A gente tá em constante reforma, né? E, eu não sou a mesma pessoa que eu era há 10 anos atrás, nem há 5, eu te falo que nem há seis meses. Muitas coisas mudaram. E, eu comecei a compreender que todos nós temos um propósito único, que é de servir às pessoas. Mas, a missão de vida, essa é aquela que tem o nosso sabor, aquilo que a gente tem, ela tem sim a ver com parte do nosso dom, mas quando ele tá ligado também a essa questão de servir às pessoas. (Antônio)

A visão do acolhimento que se enxerga respeitosa, mas que exige que incomodados saiam, acaba por reforçar o ideal de uma imutabilidade, que é demonstrado como sendo um mito pelo próprio reconhecimento pelos interlocutores de que tem havido mudanças nas igrejas evangélicas, no sentido do acolhimento.

Esse mito da imutabilidade acaba por servir de instrumento para nutrir a perpetuação de violências e o sentimento de impotência do fiel frente a algumas normas impostas pela igreja, e calha por funcionar como um mecanismo de silenciamento.

Ao analisar o argumento para o chamado pastoral, recorrentemente, atrelado à habilidade e ao apreço por cuidar de pessoas, me perguntei como então, a maioria dos pastores ainda são homens, apesar de muitas denominações já aceitarem o pastorado feminino. Para este capítulo, todos os líderes religiosos entrevistados eram homens, mas é, no mínimo curioso perceber que as características apontadas como importantes para o chamado religioso, são características socialmente estabelecidas como femininas (cuidado e empatia).

É aqui que o patriarcado começa a se delinear, já que essas características não atribuem qualquer poder ou liderança às mulheres. Então, mulheres cuidadoras e apaziguadoras acabam mais comumente ocupando papéis de docência nas escolas bíblicas e/ou apenas de esposa e mãe. Enquanto isso, homens cuidadores e apaziguadores recebem, majoritariamente, a honraria máxima de serem ordenados

pastores. Saffioti aponta variados malefícios resultantes dessa desigualdade de gênero, e conclui que “as mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder” (Saffioti, 2015:37) Essa construção do gênero, dos seus papéis e da desigualdade, acaba interferindo não somente nos cargos eclesiais, mas ao longo de toda a construção da norma sexual cristã, como veremos mais a frente.

Destaco que, denominações como a Metodista e a Assembleia de Deus, já aceitam a ordenação de mulheres pastoras. Mas, ainda há certa controvérsia sobre a aceitação do pastorado feminino, pois, algumas vezes, as pastoras acabam submetidas a um outro pastor, titular, ou outra autoridade masculina (Mello & Lima, 2016). Na denominação batista, o assunto ainda é controverso, não havendo um posicionamento claro pela Convenção Batista Brasileira, que é a maior do país e América Latina (Stephanini, 2018). Nas igrejas neopentecostais, a variedade doutrinária fica demonstrada ao passo que não há um padrão. Numa comunidade neopentecostal que acompanhei, em Resende/RJ, as ordenações femininas estavam associadas à ordenação do marido, sendo, na totalidade das vezes uma ordenação conjunta, e no caso do marido “se desviar” e abandonar a igreja, a esposa perde seu pastorado. Nessa comunidade, observei então que o pastorado feminino, diferente do masculino, não era autônomo e independente, mas condicionado ao papel exercido pelo marido.

O argumento de a Bíblia ser um livro de uma só doutrina moral e sexual aparece constantemente no relato dos interlocutores, desenhando o funcionamento da heteronormatividade e do patriarcado, que não permitem questionamento ou resignificação. O tema sexualidade tem chamado a atenção, em virtude da diferença de abordagem em relação a outros dogmas morais, que compõe esse código de honra evangélico.

Eu acho que o perfil da nossa igreja, muita gente já tem um laço de igreja há bastante tempo. A gente já viu tanta coisa acontecer, que hoje a gente pode agir diferente, a gente pode demonstrar mais amor, mais acolhimento, mais cuidado, ao invés de excluir as pessoas, né? Então, é só pensar, uma jovem engravidava, coitada né? Ela era apedrejada, sabe? A gente não agia bem,



eu já agi muito mal com isso, sabe? Hoje eu não agiria assim, da forma como eu agia há um tempo atrás. (Tobias)

Apesar de, pessoalmente, não gostar da correlação entre adultério e homossexualidade, porque, sorrateiramente, empresta uma reprovabilidade moral desonesta à homossexualidade, ela foi trazida por alguns dos interlocutores, como exemplo da diferenciação na abordagem das questões morais.

O erro de uma pessoa, ele não é maior do que o erro de outra. Então, a gente tá tratando, às vezes, o homossexual de uma forma diferente de um cara, por exemplo, que é adúltero, que traiu a esposa. (Francisco)

Essa diferenciação no tratamento de questões morais, constrói uma escala de reprovabilidade moral, dentro do evangelicalismo, e que se usa da homofobia para a diferenciação e a criação de subcategorias de fiéis e sua marginalização, e que por conta disso, evidenciam ainda mais o contexto de preconceito em que estão inseridas (Natividade, 2009). Essa hierarquia dentro das reprovações morais perpetuadas pela cultura evangélica é exposta também por Tobias, que ainda que mantenha uma visão da homossexualidade ser um pecado, ele admite que o tratamento dado ao que a igreja discorda não é uniforme pelo acolhimento, qualquer que seja ele.

Mas a gente faz muita diferenciação disso [homossexualidade] e é muito difícil romper isso, sabe? É muito complicado você romper essa barreira. É muito difícil você romper isso mesmo, sabe? É um modelo mental que a gente foi criado a vida inteira, entendeu? Não tem como a gente fugir disso. Quer dizer, não tem como, não, é muito difícil não pensar dessa forma: de tratar pecados de formas diferentes. (Tobias)

E exatamente essa criação de hierarquia moral baseada num pensamento punitivo de Deus, que constrói o medo de Deus e do inferno, servindo como controle de corpos e da sexualidade. Pedro relata exatamente essa criação baseada no medo e em frequentes ameaças relacionadas ao pecado, ao inferno e à ameaça constante pela presença do diabo. Ele conta que todos os seus primos, sua mãe e ele próprio apresentaram transtornos de ansiedade na vida adulta.

Eu fui criado numa cultura de medo muito forte, assim, uma cultura do medo do inferno, medo de pecar, medo de Deus. (...) A gente cresceu, todos

juntos, e todos nós tínhamos essa cultura do medo. Então, hoje, todos nós temos transtornos de ansiedade muito fortes, todos nós fazemos acompanhamento psicológico, alguns de nós tomam medicamentos, muito porque a gente foi criado que tipo, qualquer coisa que a gente fizesse a gente ia pro inferno, que o demônio tava sempre perto da gente. Então, todos nós tínhamos medo do escuro, era uma coisa assim, bem generalizada. (Pedro)

Ele ainda conta que esse acompanhamento psicológico é aceito somente se o profissional for evangélico também, e estiver alinhado com a visão religiosa. Ele demonstra que há um desconhecimento e um receio muito grande sobre a atuação profissional referente no âmbito da saúde mental, de que esse profissional possa fazer com que haja a compreensão da homossexualidade como algo natural, e isso seria visto como estar em pecado também.

Meu pai não permitia que a minha mãe fizesse nenhum tipo de acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, só se fosse um psicólogo, tipo, pastor da igreja, que fosse convencer também que eu era pecador. (...) E se ela me aceitasse, ela estaria entrando em pecado também, entende? (Pedro)

Essa postura de fechamento de alguns evangélicos apenas em escutas que confirmem o que pensam, e impedindo a abertura de espaços de questionamento ou resignificação, que eu chamarei de bolha evangélica, foi visto em alguns outros relatos, como veremos a seguir.

## 2.4. A construção da rotina de devoção e separação do “mundo”

A rotina evangélica é, por vezes, chamada de caminhada cristã. A caminhada cristã inclui todos os costumes que são abrangidos pela profissão da fé evangélica, dentre eles: aceitação pública de Jesus, batismo, regularidade das orações, frequência nos cultos religiosos e leitura da Bíblia, dentre outros costumes que compõe a cultura

evangélica no cotidiano. Independente da origem religiosa e familiar, esses costumes acabam ensinados pelo convívio com o grupo religioso. Tobias nos conta um pouco de sua construção e reconstrução de hábitos religiosos, quando acontece sua conversão do catolicismo para o evangelicalismo.

O contexto da minha mãe era assim, era católico e meio espírita, sabe, tudo misturado. O sincretismo, que é bem comum no Brasil mesmo. Mas ela era católica, mas ela se converteu e desde então ela me levou na igreja. Eu fui criado na igreja. E aos meus onze anos de idade eu entreguei meu coração pra Jesus. Eu entendi o que o pastor pregou naquele dia, e eu lembro até hoje o que exatamente, naquele dia, o pastor pregou: ele falou sobre a eternidade. Eu entendi que eu queria ir pra eternidade também, eu queria viver isso na minha vida. E eu fui batizado e desde então eu to na caminhada cristã, sabe? (Tobias)

Inês nos auxilia a compreender melhor alguns outros hábitos. Ela conta que teve uma criação bastante rigorosa e com pouca liberdade. Sua família, que era muito religiosa, mantinha as tradições do culto como algo sagrado e a leitura da Bíblia como uma forma de disciplina/castigo.

Domingo era o dia sagrado, era bem religioso mesmo: tem ir pra EBD, tem que ir pra igreja de noite. Então, foi assim toda a minha adolescência até a parte da minha juventude (...) já aconteceu até, tipo assim, de ter castigos meus, dentro de casa, em que o meu castigo era ler a Bíblia (...): só vai sair de lá quando você voltar e tiver lido todo o capítulo e tem que me explicar. (Inês)

Inês traz ainda uma educação familiar-religiosa com incentivo ao consumo de produtos da cultura gospel, isto é, produtos criados por evangélicos para o público evangélico, como músicas, literaturas, bíblias comentadas, etc. Apesar dela não ser proibida de ouvir músicas não religiosas, ela relata ter ouvido comentários incentivando o consumo de músicas evangélicas pela sua mãe:

Eu podia escutar tudo, tipo, ela dava uns comentariozinhos assim: “ah, tu não é mais crente, não? Cadê as músicas cristãs, nunca mais ouvi” (Inês).

Ainda sobre o ensino a respeito do consumo de produtos confessionais, ela afirma que sua mãe “comprava coisas da igreja, tipo, Bíblia da garotada, Bíblia infantil, Bíblia de num sei o que, muito livro da igreja mesmo” (Inês). Até que, em sua

adolescência, ela foi levada para aprender música, com uma finalidade bem específica: “a partir da minha adolescência, (...) ela me colocou na escola de música, aí eu aprendi flauta, depois aprendi violão, e era pra tocar dentro da igreja” (Inês).

Pedro conta um pouco de sua educação religiosa também incluindo uma grande movimentação de produtos gospel, e com uma rotina de grande frequência ao ambiente igreja.

Até os meus doze anos (...), eu tava muito presente dentro da igreja. É muito porque era nossa rotina assim: ir pra igreja três dias na semana. O pai já assumia cargos de ministério, então, eu tinha muita dificuldade. Lembro que na época, eu sempre li a Bíblia, né, primeiro livro que eu li foi a Bíblia (Pedro)

No caso de Maria, ela já traz um relato de uma educação religiosa com certa liberdade de questionamento e de discordância, afirmando que sempre teve discursos diferentes dos produzidos pelos membros do seu grupo social-religioso. Mesmo assim, ela também retrata seu convívio, até a fase adulta, como sendo exclusivamente com cristãos, e com uma rotina de bastante frequência na igreja, mas sem cercear sua capacidade de resistência ao controle sexual e de gênero, que já começamos a perceber em seu relato, com a determinação do que seria pecado e a subversão presente no seu questionamento “será?”.

Eu sempre tive um pensamento e um discurso bem diferente do que as pessoas ao meu redor. Eu fui criada na igreja praticamente, (...) eu sempre tive um discurso muito diferente e um pensamento muito diferente das outras pessoas que faziam parte do meu círculo ali, do meu contato, dos meus amigos. Mas, até então tudo bem, porque eu não entendia, porque eu vivia ali com essas pessoas e não conhecia muito do mundo externo. Eu só vivia com o meio cristão, e não tinha contato com pessoas de fora dessa realidade, gays, etc. Mas eu sempre entendi, ou pensei, sempre tive um pensamento diferente deles. Então, sempre que alguém falava alguma coisa, eu questionava: mas por que? Será que é assim mesmo? Será que tem que ser assim? Principalmente em relação a coisas que eles diziam ser pecado. (Maria)

Depois que Inês contou sobre a imposição familiar do estudo de Música para tocar na igreja, ela também relatou que acabou gostando e se sentindo parte de algo. Que quando começou a tocar na igreja, se sentia bem pelo convívio com o grupo dos

músicos, nos ensaios. Além disso, ela relata ter participado de outros grupos dentro da igreja, e que todos esses convívios faziam bem pra ela porque se sentia lembrada, e foi se sentindo parte, que ela começou a sentir prazer em ir pra igreja.

particpei de ministério de louvor, particpei de mensageiras do rei, e assim, (...) foi um momento muito bom, quando eu entrei. Porque parece que eu consegui me achar, sabe? Tava fazendo alguma coisa. Eu adoro música, então, eu curtia pra caramba os ensaios, (...) eu me amarrava na galera, as pessoas eram incríveis. Passei por um (...) momento no colégio muito deprê meu (...) E ai, tipo assim, a Luana me chamou pra participar do grupo de dança e teatro da igreja. E foi como se alguém tivesse lembrado de mim, sabe? Então, eu comecei a participar das coisas, comecei a participar dos eventos e tudo mais, e eu gostava pra caramba. Eu peguei esse gosto por ir pra igreja mesmo, não sentia mais que era uma obrigação. (Inês)

Na notas preenchidas durante a entrevista, foi apontado o quanto ficava perceptível o sentimento de pertença que Inês possuía com o grupo, até sua adolescência. Ela relata ter sido acolhida, recebida, a iniciativa do grupo em trazê-la para mais perto, atitudes que ela relata terem feito a diferença em períodos em que passou por sentimentos de profunda tristeza e solidão, durante o início de sua adolescência.

O engajamento nas atividades fornecidas pela igreja foi uma constante nos relatos. Todos os interlocutores tiveram contato com algum ministério durante sua presença na fé evangélica, seja ele de louvor, dança, de pregação, ou compuseram alguma liderança na estrutura religiosa. É interessante observar como esses cargos eclesiásticos se apresentaram como parte de uma estrutura hierárquica, e que participar dava algum status religioso ao mesmo tempo em que intensificava a cobrança e o controle.

Afonso conta que veio de família católica e que se converteu ao evangelicalismo no início da juventude, em uma igreja neopentecostal que mistura pontos conservadores com liberais. Por liberais, ele exemplifica com o culto jovem e de um ativismo social-religioso com dependentes químicos.

[a igreja] É conservadora nos pontos religiosos, e liberal nos pontos sociais. (...) Segunda feira era um culto jovem, todo mundo sentava no chão, em cima de almofadas, e eles iam pro centro, pra avenida principal, carregavam

os jovens que estavam drogados e levavam pro culto. Foi ali que eu me converti. (Afonso)

Nessa experiência, percebemos que o proselitismo religioso se abriu ao social, entretanto, os costumes religiosos continuaram a tentar uma preservação de uma suposta tradição, construída de forma conservadora. Antônio, também oriundo de uma família católica, nos conta um pouco de como percebeu o processo de fragmentação do protestantismo, e de como as denominações cristãs que saíam das protestantes eram vistas como seitas<sup>12</sup>. Percebemos também, como o protestantismo foi abrangido pelo evangelicalismo, e uma polarização original entre católicos e evangélicos, que também pudemos perceber na história do protestantismo.

Aos dezesseis anos, eu tive uma experiência com Deus, e fui pra igreja, que na época era tida como igreja protestante. Católicos e protestantes, igreja cristã protestante x igreja católica apostólica romana. É assim, mais ou menos que era visto, no histórico que já vem bem de antes, a maneira de você professar a sua fé. Os demais eram tidos como seitas, de um modo geral assim. (...) Aos dezesseis anos, então, eu tive a minha experiência com Deus, e fui pra igreja protestante, hoje, chamada de igreja evangélica. E ali, eu estou até hoje. (Antônio)

Essa construção da categoria de seita já foi explicada, anteriormente, com um propósito de depreciação, e acaba por reforçar o ideal de uma deturpação de novos movimentos religiosos, apontando uma incorreção dos demais grupos em detrimento da melhor análise feita na igreja a que se pertence.

Afonso conta que teve seu chamado pastoral apenas dois anos após sua conversão, ainda com pouca educação religiosa no evangelicalismo e quando ainda era jovem. Ele conta que conhecia pouco da Bíblia, e que passou por muitas dificuldades na atuação pastoral por conta disso.

É até assustador quando eu falo. Eu tenho 44 anos de convertido e 42 anos de ministério, pra você ver o tempo que eu tive de igreja. Hoje, isso não existe mais. Hoje, a pessoa tem que ter tantos anos de igreja. (...) Eu tinha que correr atrás, eu não conhecia a Bíblia. Eu não tinha Bíblia em casa, a Bíblia que eu tinha em casa era a Bíblia da Barsa. (...) Eu me converti ali, e logo fui pro Ministério. Acabei ocupando cargos muito cedo na minha vida. Não me arrependo, mas hoje eu acho que não é bom, né? (Afonso)

---

<sup>12</sup>Seita seria uma vertente do cristianismo não reconhecido como correta à luz da bíblia.

Pelo seu relato, conseguimos perceber como os chamados para exercer alguma função na igreja e a necessidade do conhecimento da Bíblia lhe foram urgentes e, por isso, a leitura da Bíblia foi sendo construída enquanto hábito individual e ele passou a ser um incentivador, de forma indispensável, para futuros líderes.

Francisco teve uma formação religiosa bastante relacionada com a estrutura batista, denominação de sua família, e seu relato nos permite perceber como isso influenciou na construção de sua cidadania e empatia, ao mesmo tempo em que percebemos o ensino da hierarquia e da tradição como valores morais.

A estrutura que eu tenho de criação sempre foi crescendo no meio evangélico, de igreja e tal, mais tradicional. E aí, eu aprendi muito nesse período. Uma das coisas que eu acho bem interessante nas igrejas mais tradicionais é a questão da estrutura. Pode ser que essa estrutura atrapalhe um pouco pra algumas coisas, mas é extremamente bom pra outras coisas. Dentro dessa estrutura, eu cresci sendo encaixado em salas de faixa etárias, e tudo o mais, e dentro desses locais a gente acaba tendo oportunidade de crescer em determinada vertente que a gente tenha de dom, alguma coisa nesse sentido. (Francisco)

Ele considera ter tido um bom processo de formação evangélica, com experiência com o processo democrático batista, e explicando que desde jovem, já passava por experiências de ter que eleger um representante ou ser o representante de outras pessoas, dando uma consciência de responsabilidade e cuidado com outras pessoas, mas também reforçando a construção da hierarquia já apontada no relato anterior.

Aos meus doze anos, a gente tinha uma turma chamada embaixadores do rei, e nessa turma você já tinha votação pra quem seria o presidente, o tesoureiro, o secretário, num sei o que lá. E a primeira vez que aconteceu de eu ser o presidente, veio uma noção de responsabilidade muito forte nisso, e eu comecei a olhar aquela situação como se, espera aí, agora eu to cuidando de alguém. (Francisco)

Há comunidades religiosas que fazem a divisão dos seus membros em células<sup>13</sup> ou pequenos grupos, e há algumas que, fazem uma divisão da igreja baseada no gênero dos fiéis. José conta que se converteu do catolicismo ao evangelicalismo, em

---

<sup>13</sup>Células ou pequenos grupos são grupos de estudo bíblico que acontecem regularmente em igrejas evangélicas. Esses espaços costumam proporcionar ambientes menos de convívio social, cooperação e estudo bíblico.

uma igreja que fazia ambas as divisões. Seu relato é importante, pois nos permite perceber um pouco de como foi sua recepção, educação religiosa e aculturação à igreja evangélica. Ele conta que se converteu, na adolescência, por conta de uma amizade, mas quando foi pra igreja, eles tiveram que se afastar e ele tinha que frequentar uma célula, semanalmente, além de outras disciplinas espirituais que foram sendo ensinadas nesse processo.

Ela [uma amiga] me apresentou pro esposo dela, que na época, a igreja era: homem anda com homem, e mulher anda com mulher. Então, por mais que eu tivesse uma amizade muito grande com ela na época, eu teria que ter um distanciamento, eu teria que andar somente com homens. (...) Aí comecei a andar com os homens, com os meninos da igreja, tinha lá a questão das células, você tinha que frequentar a célula. (...) Você é instigado até você verbalizar aquilo que eles acham que é pecado pra eles. (José)

Todos os relatos trouxeram a percepção de um fechamento dos evangélicos em bolhas sociais de concordantes, muito semelhante à atividade dos algoritmos no uso das redes sociais. Se o algoritmo transforma as redes sociais em construtores de bolhas sociais, que criam uma “espécie de confinamento informático ao qual são submetidos os usuários das ferramentas on-line” (Pellizzari & Junior, 2019), e esse confinamento, tem, ali, auxiliado no distanciamento da reflexão e na racionalidade nas decisões (*ibid*), essa formação da bolha social evangélica parece servir ao mesmo papel de padronização e de desincentivo à pluralidade. De toda forma, se por um lado a construção dessa bolha social atua nessa tentativa de criação de um monodiscurso, livre da pluralidade em toda sua amplitude, por outro, a bolha também “protege” e privilegia fiéis que se submetem a um conjunto normativo. O espírito de comunidade acaba gerando também um sentimento de proteção mútuo, que mesmo exigindo o cumprimento de alguns códigos morais, acabam oferecendo o único suporte que muitos terão acesso durante períodos de vulnerabilidade.

Dessa forma, essas exigências de conformidade, a proteção, o privilégio e o auxílio são fornecidos acabam por ser de grande relevância, especialmente, em tempos de pandemia com distanciamento social. E, essa bolha social, em tempos de medidas



sanitárias de contenção ao Coronavírus, pode tanto ser reforçada quanto implodida, o que analisaremos com maior profundidade no quarto capítulo.

## 2.5 Assistência social, espírito comunitário e sentimento de pertença

Ainda dentro da formação religiosa e educação cristã, uma preocupação vista, com frequência, na experiência eclesial foi com a manutenção, não somente de uma escuta aos fiéis, como de sua presença e atuação na comunidade em que está inserida. Essa preocupação já foi um pouco delineada na construção do sentimento de pertencimento pelos fiéis. Mas, o que foi narrado anteriormente, aqui se delineia como uma finalidade pastoral, de fato.

A gente prega o evangelho, mas ela tem um papel social também. Então, quando a gente começou, a igreja ficava fechada a semana inteira, então, pensamos: vamos abrir aqui uma coisa pra gente servir a comunidade. (Tobias)

Essa estrutura de se abrir para uma atuação comunitária se delineou entre os interlocutores tanto como uma forma de ação missionária quanto uma agência de generosidade e apoio ao necessitado. O mesmo pastor conta sobre uma experiência de quando abriram a igreja para a oferta de um curso de fotografia para a comunidade, e que em decorrência desse curso, uma mulher se aproximou e foi ajudada pela igreja em questões de emocional, financeiro e de saúde mental. Ele demonstra também ter tido receio que a sua igreja não a recebesse bem, por conta dela não estar inserida no código de conduta que a igreja costuma ver como correto, porque era lésbica. Mas, foi surpreendido pelo acolhimento que considera que ela recebeu da igreja.

Foi lá uma mulher, só que ela morava com uma outra pessoa, uma outra mulher. E ela começou a frequentar a igreja, começou a caminhar com a gente (...). Ela começou a ir no curso duas vezes na semana e aos

domingos ela começou a ir lá, mas, aí, fumava muito, uma vida com um monte de problema, entendeu? Eu pensei assim: quando ela chegar aqui, a igreja não vai acolher, algumas pessoas vão olhar torto, sabe? Não vão receber. (...) Mas, pelo contrário, sabe? Até hoje ela tá na igreja, ela não foi batizada, sabe? Ela tem uma série de questões, mas ela tá lá. E as pessoas são carinhosas com ela, ajudam de todas as formas possíveis, sabe? Emocionalmente, agora a situação financeira dela já se resolveu um pouco, mas teve momentos difíceis sabe? E a igreja acolheu, ajudou. Algumas pessoas lá da igreja que são do curso de psicologia, sabe? A aconselham também. (Tobias)

Esse relato é bastante interessante, porque expõe já com bastante clareza uma reprovabilidade religiosa atribuída a sexualidade não heterossexual. Esse assunto, especificamente, será abordado no quinto capítulo desta dissertação. Mas, é importante destacar que homossexualidade é colocada como um problema, que permite uma inclusão mas não uma afirmação de sua identidade sexual. Então, ela foi incluída e “acolhida”, mas não foi batizada e nem passou a pertencer de fato o corpo da igreja, de forma indistinta, mas foi incluída como alguém que precisava de ajuda, salvação.

Outros pastores também relataram atuações sociais de apoio a comunidade, atuando tanto em suas cidades como em instituições de formação de liderança evangélica, com apoio desde o Haiti até em favelas do Rio de Janeiro. Um deles, contou sobre uma experiência que o marcou, durante um apoio a uma favela após um deslizamento de terra que soterrou uma casa de uma senhora de idade.

A gente ficava numa base, na favela, e num dia que choveu pra caramba e teve deslizamento de terra no meio da favela e a gente tinha que subir a favela pra chegar ao local aonde a gente tinha sido mandado, e a gente via o tráfico, via pessoas com arma, era normal. Mas, nesse dia eu vi a pobreza mesmo, sabe? A miséria que muita gente vive. As vezes, a gente vê na televisão e não tem noção. Quando nos chamaram pra ajudar a tirar lama na casa que tinha soterrado e tal. Cara, eu todo franzininho, né? (...) E bora? Bora! E mais gente junto, vamos lá pegar uma enxada, tiramos. (Francisco)

Todas essas histórias trazem uma perspectiva desse ativismo social de forma bastante engajada e hierarquizada, que atua buscando uma salvação ou ajuda do outro mas sem, necessariamente, reconhecê-lo como digno e igualmente merecedor. De certa forma, esse discurso de salvamento acaba ampliando a visão do nós x eles, que coloca o outro numa posição hierárquica inferior, que precisa de uma intervenção. Essa

visão é muito semelhante a exposta pelos jesuítas no período colonial, e talvez ainda haja uma repercussão desse pensamento colonial influenciando esse engajamento social, mas que não me aprofundarei nesse tema em específico.

Outra atuação levantada foi a presença e escuta por pastores, durante o período de pandemia, com uma intensa presença virtual, acompanhando fiéis e pessoas que procuram por alguém que lhes ouvisse.

Quando a pessoa vem te pedir ajuda, ela tá morrendo, ela tá desesperada, ela precisa de alguém pra acolher. Não é passar a mão na cabeça, é falar o seguinte: olha, eu to aqui pra te ouvir. Eu to aqui pra te ajudar, porque eu me importo com você. (Francisco)

Esse sistema de comunidade permite que seus membros não se sintam tão isolados, mas mantenham a noção de pertencer a algo. Em tempos difíceis de pandemia com a necessidade de medidas sanitárias como o distanciamento social, a comunidade religiosa parece ter sido uma forma de manter uma rede de apoio, e a estrutura religiosa se adaptou a essa nova realidade para se fazer presente em um momento de tanta ausência, mesmo com o fechamento dos templos.

Então, a estrutura que eu tinha de atendimento, de reuniões, que a gente fazia, e sempre foi muito parecida mesmo, em relação a estrutura, né? Quer dizer, é um sábado a noite, ou é um evento no final de semana, ou é um congresso, isso tudo mudou. E de um ano pra cá, a gente, eu pelo menos, tenho voltado muito mais a questão virtual, a gente não pode ter contato. (...) E por conta disso, eu comecei a vir mais pra esse lado também virtual, vamos dizer, digital, sei lá (Francisco)

Essas experiências desse pertencimento acabaram por se demonstrar condicionadas ao encaixamento em um código moral e de conduta, e que, por vezes, fica relacionada ao desincentivo da autonomia individual, especialmente, nos casos de evangélicos nascidos na religião, como foi o caso de Inês. Ela contou que sua criação familiar foi de intensa vigilância e também com pouca pluralidade e contato apenas entre cristãos.

a minha criação sempre foi muito caseira, eu não podia sair, 22h em casa, 00h em casa, então, (...) sempre foi isso, pra eu sair tinha que saber como vai, com quem, como volta, que horas chega, quero saber quem é, então sempre foi muito assim. E, quando eu tava no ensino médio, era muito: (...)

cobrando, cobrando, cobrando estudar, que num sei o que. (...) Na época do ensino médio, uma parente minha trabalhava no colégio, então minha mãe sabia de tudo. (Inês)

No caso de fiéis dissidentes de gênero e sexualidade, a subversão às normas religiosas acaba se dando, de forma mais segura, com a saída da igreja ou da casa da família. Nesses casos, o sair de casa e/ou da igreja, se revelou como a única possibilidade para descoberta de si e das outras possibilidades, plurais, de existência.

## 2.6. O sair de casa na construção da autonomia e da abertura à pluralidade

Inês e Maria demonstraram que foi no período da Faculdade quando começaram a ter um ganho de autonomia e responsabilidade individual, e acesso à pluralidade de ideias e contato com diferenças na prática. Esse contato se demonstrou, em ambos os casos, como um impulsionador da construção da identidade individual delas.

Quando eu entrei na faculdade foi um pouco uma mudança nesses pontos, porque eu comecei a sair mais, tipo, eu era dona do que tava fazendo (...) Dentro da faculdade, era eu. Minha mãe parou de cobrar essas questões de estudo, era eu, eu mesmo, e eu tinha essa responsabilidade disso, meio que involuntariamente. (...) Conheci várias pessoas, eu comecei a viajar pra ir pra congresso, e tudo o mais, e eu fui ganhando um pouco mais de autonomia dentro de casa, e fui perdendo um pouco de medo da minha mãe, e ganhando mais maturidade, mais responsabilidade, e eu comecei a enxergar, tipo o mundo. (Inês)

Mas, Inês também conta que, num período em que foi aprovada para um intercâmbio, recebeu muitas recomendações, ainda na intenção de manter um status quo religioso e de incentivo à prática da fé. Esse é um momento que marca sua angústia e discordância frente ao código moral religioso que estava inserida.

Antes de eu sair, mil recomendações: olha, não vai desviar dos caminhos do Senhor, a igreja é isso e num sei o que, e eu, não claro, com certeza. Só que eu já não tava mais muito a fim de ir pra igreja, eu não via propósito, eu

tocava no louvor porque eu gostava de estar no louvor, mas eu não via propósito nas coisas que eram faladas, não via mais sentido em nada. E aí, minha família sempre me falando isso né? Vai, não vai desviar. Deus em primeiro lugar, e tal. Aí eu cheguei lá, e eu até tentei, fui na igreja duas vezes, e não fui mais, eu falava pra minha mãe que eu ia, mas eu não ia. (Inês)

Essa narrativa também foi encontrada nas histórias de outros interlocutores.

aos 17 anos, eu decidi que eu queria ser ministra de música, da igreja. E aí eu fui pra um seminário teológico pra poder fazer música e trabalhar com música na igreja. Nesse tempo, eu tive a oportunidade de conhecer outras coisas, participar de outros círculos sociais, com outras pessoas, e aí nessas pessoas aí também tinham gays e tudo o mais e aquilo não causava um estranhamento pra mim. (Maria)

Foi após o aumento do contato com a diversidade de ideias e de sexualidades, que Maria e Inês tiveram suas primeiras experiências homossexuais. E possivelmente, o medo do contato venha exatamente daí, do fornecimento de instrumentos para furar a bolha social e expandir o pensamento e as reflexões a partir do refletir sobre si pela vivência do outro. Não existiria experiência mais antropológica que esta. A existência e o convívio da diversidade nos torna mais tolerantes e traz reflexões sobre o que foi dogmatizado e padronizado como cultura, e nos traz ferramentas para subvertê-la e reconstruí-la.

A presença de dissidentes e da diferença se mostrou como um importante motor de empoderamento para a autoaceitação e saída do armário, como veremos no capítulo a seguir. Mas, um exemplo claro da importância dessa representatividade, é visto no relato a seguir.

Lembro que (...) existe uma pregadora (...), ela é uma pastora lésbica e o fato dela ter se assumido, isso causou um rebuliço muito grande dentro da igreja, porque ela era “ex-lésbica”, e depois de muitos anos de ministério, ela foi e se assumiu. O fato dela ter se assumido foi muito impactante pra mim, assim, porque eu falei, eu já tinha visto ela pregar, eu já tinha sentido “a presença de Deus”, entre aspas, com a pregação dela. E quando ela se assumiu ela falou que ela nunca tinha deixado de ser lésbica, ela só tava escondendo isso de si mesma. E aí, a referência dela criou uma certa dúvida dentro de mim, assim. Porque se Deus usou ela, mesmo ela sendo lésbica, e ela entendendo que ela sempre foi assim, então, talvez a homossexualidade não seja pecado. (Pedro)

Enquanto indivíduos que não se sentem abrangidos pela norma sexual evangélica, saem de casa e, só então, vivenciam o ganho da autonomia que precisavam para questionar e poder elaborar a autoconsciência de sua sexualidade, autonomamente, os que se encaixam na norma, mesmo que temporariamente, acabam chamados para exercer alguma atividade religiosa: dar aulas de Bíblia, participar de missões, virar pastor, músico, dançarino, auxiliar na parte administrativa da igreja, etc. Mas, todas elas são exercidas apenas se e enquanto os fiéis se adequarem a norma moral estabelecida.

Quando um indivíduo, especialmente do sexo masculino, se adequa aos padrões da norma, ele acaba recebendo algum destaque. Com o tempo, ele passa a reproduzi-la e ser agente de pregação dela. Algumas vivências do chamado pastoral passam por experiências místicas de chamamento e outras passam apenas pela experimentação de lideranças ao longo da caminhada cristã, mas em sua grande maioria as lideranças ainda são masculinas.

## 2.7. O tornar-se mulher evangélica: a construção social dos papéis e performances normativas de gênero

Dentre as histórias de educação religiosa, a questão dos papéis de gênero e da construção de um padrão feminino versus um padrão masculino foi uma constante. Maria e Inês contam terem passado por pressões relacionadas ao seu estilo e forma de se vestir dentro da igreja, tendo relatado cobranças pelo encaixamento a um padrão de gênero determinado, que era tido por feminino.

eu sempre gostei mais de tênis, de andar assim. E o pastor que eu trabalhava na época, ele falava que não, que eu tinha que usar salto,

entendeu? Por mais que eu não quisesse, na igreja, eu teria que usar uma roupa, assim mais, segundo ele, arrumadinha e de salto. (Maria)

José contou ter sofrido com a preocupação e cobrança da igreja em ele performar uma masculinidade, dentro de um padrão preestabelecido de vestimentas, comportamento e amizades. Esses padrões de vestes acabaram criando estilos que seriam permitidos ou proibidos, de acordo com cada gênero, e essa estrutura de poder e disciplina eclesiástica, que decide o que pode ou não ser vestido, acabou por criar e fortalecer um mecanismo de controle das relações sociais na igreja.

No final do culto, ele [o líder] chamou todos os discípulos dele e falou que não queria mais os discípulos dele conversando com mulheres na igreja, com nenhuma mulher na igreja, porque ele estava vendo o momento que um discípulo dele ia entrar na igreja de saia. (José)

Pedro nos contou como a masculinidade se apresentou a ele desde cedo, e que na escola, acabava tendo muito mais amigas mulheres. Ele teve aversão à figura masculina por muito tempo, por conta da cobrança de seu pai, pastor, sobre sua masculinidade. Nesses relatos, já é possível perceber o entrelaçamento entre o estereótipo da masculinidade como obrigatoriamente sendo cisgênero e heterossexual.

Meu pai exigia muito que eu fosse masculino, eu lembro que eu queria dançar quando eu era criança, (...) e eu sambei na frente da televisão. Aí, meu pai me bateu, bateu nos meus pés porque eu não podia dançar nada do mundo, né, e eu não podia dançar como uma mulher. (Pedro)

Pedro também nos apresenta como ele foi aprendendo sobre o ideal cristão de submissão da mulher em relação ao homem. Ele conta como esse ideal, por vezes, é utilizado como um instrumento para perpetuação da violência contra a mulher e de colocação da mulher numa posição de fragilidade e que dificulta o seu posicionamento contra a violência.

Pra cá pro interior, eu já cheguei a escutar casos do tipo: que a Lei Maria da Penha é uma afronta a palavra de Deus, porque a mulher pode então se sobressair contra o homem. A minha família acredita muito na submissão da mulher perante o homem, então por isso, é uma família extremamente machista. (Pedro)

Esse ideal da supremacia masculina pode estar por trás das elevadas estatísticas de violência doméstica entre mulheres evangélicas. Ao desenvolver uma pesquisa na Casa Sofia, um projeto social da igreja católica em São Paulo, que acolhe e defende mulheres em situação de risco, Vilhena (2010) conta que não esperava se deparar com 40% das mulheres atendidas se declararem evangélicas, e acionou o alerta para um complexo processo de opressão e silenciamento que estava em curso, processo que pode ser vislumbrado nesse relato feito por Pedro.

Ele nos permite compreender também como a violência de gênero acaba por emprestar seu aparato de opressão para a construção da homofobia, ao contar como a feminilidade era apresentada a ele como um critério de “justificação” de violência, não somente no cenário religioso, e demonstra medo de performar feminilidade e o quanto um homem efeminado sofre desse mesmo silenciamento violento que abarca mulheres em situações de vulnerabilidade.

Eu tinha muito medo também de ser feminino, porque a gente via como as crianças femininas eram tratadas dentro da igreja, dentro da escola. (Pedro)

José também aponta essa relação entre a homofobia, a heteronormatividade e a violência de gênero em seu relato, e aponta para uma relação entre essas violências de gênero e as violências decorrentes do racismo. Ele apresenta a existência de um cenário que se opõe à qualquer tipo de diversidade.

Geralmente a liderança é homofóbica. E aí então, eles usam a homofobia deles atrelada a um contexto bíblico punitivo, entendeu? É um prato cheio pra apontar, pra julgar, pra discriminar, pra falar que você tem que mudar, que você tem que ser masculino, que você tem que namorar uma mulher, entendeu? Porque na verdade eles estão tapados pra qualquer tipo de diversidade dentro da igreja, entendeu? Seja LGBTs, seja galera negra, porque o negro sofre o mesmo preconceito na igreja que o gay. (José)

O cenário da etnicidade na religião evangélica tem sido problematizado pelas ciências sociais desde a década de 60, e Vagner Silva tem feito parte das construções acadêmicas sobre o tema. Ele apontou, com base no censo de 2011, que existiam mais negros brasileiros na religião evangélica do que nas religiões de matriz africana (V. G.



da Silva, 2017). Ainda assim, a necessidade de desmistificar a falsa oposição criada entre a identidade negra e a evangélica segue sendo urgente (Reina, 2017), e os episódios de racismo envolvendo grandes estruturas denominacionais ainda acontecem.

## 2.8. O medo da esquerda e de uma perseguição cristã no Brasil

De certa forma, como explicado no primeiro capítulo, pautas como o combate ao racismo, ao machismo e a homofobia passaram a ser vistas como exclusivas da esquerda, e há uma certa resistência da ala conservadora da religião que tenta resistir à discussão deles, como explica um dos pastores entrevistados.

Hoje, no Brasil, essa questão da polarização maior, ela é política, né? Mas, ela vem muito da questão da família, da defesa da família, ela vem por causa disso, né? Os evangélicos se posicionam a favor da direita porque se você não apoiar o presidente Bolsonaro você está sendo contra a família. O pessoal da esquerda vai legalizar um monte de coisa no nosso país, a educação vai tratar de um monte de questão sobre sexualidade na escola e não vai ter controle sobre isso, e tal tal tal tal. Acho que a igreja vem de um ponto e vai pra esse ponto. (Tobias)

Com esse relato, o medo da esquerda começou a ser delineado. Um medo mais radical foi apresentado com maior clareza por um dos interlocutores, e me acompanhou ao longo dessa pesquisa, permeando algumas outras escutas. Esse ponto foi trazido como parte da equação que compõe a atual polarização política, com impacto na fragmentação do evangelicalismo.

Então, o que eu coloco pra você é isso: existe essa perseguição? Existe! Agora eu tenho mais medo da palavra do José Dirceu do que da palavra de qualquer postulante de cargos judiciários. (...) Uma pessoa como José Dirceu, como o próprio Boulos, que são extremistas, do jeito que são, esses eu temo. Porque aí eu não sei quando virão nem quando vão atirar. Entende? O outro eu sei que vem com a lei. (...) Então, eu me preocupo mais com isso, com essa perseguição, que é a perseguição da extrema

esquerda. Essa perseguição pra mim, ela é mais temida porque ela aconteceu na Rússia, ela aconteceu em Cuba, ela aconteceu na Venezuela, ela acontece na Coreia do Norte, ela acontece em todos os países de extrema esquerda. (Afonso)

Há uma crença forte e crescente a respeito da perseguição cristã no Brasil, e não apenas meus interlocutores pastores trouxeram esse temor, mas minha experiência do terreno foi marcada por esse tema, tamanha a repercussão e o elevado número de adeptos. Muitos cristãos, hoje, acreditam serem perseguidos, e inclusive o presidente do Brasil chegou a dar uma declaração pública, discursando na ONU, em que defendeu um combater à crescente “cristofobia” no Brasil, além de definir o Brasil como conservador e ter na família a sua base, o que é, no mínimo, curioso, levando em conta que é justamente a família evangélica que vira as costas primeiro para o parente não heterossexual, como veremos no capítulo a seguir. De toda forma, essa preocupação não parece ser com a família, mas com uma proteção de uma heterossexualidade compulsória.

Afonso acrescentou que acredita que a questão da homofobia pode ser utilizada como instrumento de perseguição cristã, em virtude do evangelicalismo defender a família enquanto uma instituição heteronormativa.

A perseguição aos cristãos. Pra mim é mais temerosa essa perseguição, e eles podem usar o título da homofobia para perseguir sim, podem (...) Então, esse pra mim, eu tenho muito mais medo, do que a lei no sentido de lei, porque a mesma lei que diz que homofobia é crime, diz que eu tenho liberdade religiosa. (Afonso)

A mesma definição de família é arguida por outros pastores, mas tratarei da abordagem da homossexualidade e do conceito de família para evangélicos no capítulo cinco.

De toda forma, essa polarização é retratada abertamente por Afonso, mas permeia os discursos de todos os pastores. Segundo ele, “hoje, o meio evangélico tá

dividido. De que maneira? Esquerda e direita”. Essa divisão política do evangelicalismo instiga a uma série de controvérsias, que veremos ao longo da dissertação.

O pastor Murilo ao falar sobre a polarização política, ele demonstra uma crença de que há uma tentativa de empurrar a homossexualidade a força no cristianismo, com utilização das mídias, novelas e propagandas. Dentre os interlocutores, Murilo foi o único que trouxe essa questão da influência da mídia, mas na experiência do terreno, esse foi um argumento bastante recorrente entre evangélicos, e alguns fiéis chegaram a contar que deixavam suas televisões ligadas em emissoras de televisão evangélicas o dia inteiro, mesmo que não estivessem a assistir.

Parece que eles aproveitam essa oportunidade pra polarizar. Então, tentam empurrar de várias formas, né, essa questão da homossexualidade e a igreja, ela é afrontada no sentido de que? O que nós pregamos, nas vistas deles, deveria ser um amor implacável que acolhe, que abraça, que faz com que essas pessoas tenham os mesmos direitos que os demais. E eles usam a mídia pra isso. Eles trabalham por detrás, nas novelas, né? Eles trabalham nas propagandas. (Murilo)

Antônio também fala um pouco de como a polarização política tem afetado as igrejas evangélicas brasileiras: dividindo-as em fundamentalistas ou progressistas a depender da visão política de sua liderança, e conseqüentemente, dos membros. Ele ainda vincula o debate da homofobia religiosa a essa fragmentação pela polarização.

No aspecto da homofobia em si, e suas conseqüências, a gente tem reparado que tem levado a polarizar (...) em dois extremos: o extremo fundamentalista e o extremo de uma igreja com uma visão progressista. Só que confundem as vezes, porque uma igreja com uma visão progressista não significa dizer que ela está quebrando seus dogmas e que está indo contra a palavra de Deus e aquilo que ela prega, aquilo que ela entende de reino de Deus e de salvação. Nós enfatizamos isso, e quem quer realmente, vai estar conosco. (Antônio)

Nos próximos três capítulos, exploraremos mais a fundo cada uma das histórias de vida dos oito interlocutores entrevistados, e como eles trabalham e viveram a questão da sexualidade e do reconhecimento da sua visão de cidadania íntima, em saídas do armário ou em posicionamentos públicos ou em forma de aconselhamento pastoral individual.

### 3. REFLEXOS DA HETERONORMATIVIDADE CRISTÃ: CONFLITOS E (DES)ACOLHIMENTO DE (EX)EVANGÉLICOS BRASILEIROS NO PROCESSO DE SAÍDA DO ARMÁRIO

---

Este capítulo debruça-se sobre as experiências de homens e mulheres (cisgêneros), identificados como gays, lésbicas e/ou bissexuais, no seio das igrejas evangélicas contemporâneas e o processo de saída do armário desses indivíduos que professavam a fé evangélica à época de sua publicitação. Fazendo uso de métodos etnográficos como entrevistas semiestruturadas capazes de dar voz a narrativas densas na primeira pessoa, eu mostro como o processo de saída do armário na comunidade evangélica é sempre um processo violento, excludente, e/ou silenciador, ilustrando de forma por vezes extremamente dramática os contornos desses processos de violência, exclusão e silenciamento. A discussão enfoca-se em exemplos retirados da comunidade evangélica no Marabá (Pará) e Resende (Rio de Janeiro) mas o fenômeno é mais geral. Em todas as comunidades evangélicas não afirmativas no Brasil, e estamos a falar de uma boa parte das comunidades evangélicas brasileiras, não é possível um homem ou mulher cisgênero se declarar abertamente homossexual ou bissexual e construir a sua intimidade em redor desta orientação sexual sem ser vítima de várias formas de violência, exclusão e silenciamento por parte dos seus pares evangélicos: “cura religiosa” ou “expulsão de demónios”; percepção de exclusão por parte dos membros da igreja que tomaram conhecimento de sua sexualidade; processo de exclusão da igreja; pregações doutrinárias preconceituosas e hostis; abandono da igreja bem como expulsão de casa e rompimento do vínculo familiar.

Para tanto, foi utilizada a etnografia com entrevistas semiestruturadas, com investigação de: qual era a vertente evangélica que estava filiado (histórica, pentecostal

ou neopentecostal); qual foi o posicionamento dos líderes religiosos quando souberam de sua sexualidade; se passaram por tentativas de “cura religiosa” ou “expulsão de demónios”; se houve a percepção de exclusão por parte dos membros da igreja que tomaram conhecimento de sua sexualidade; se passaram pelo processo de exclusão da igreja; quais eram as pregações doutrinárias acerca do tema em sua igreja; no caso de possuírem parentes evangélicos, como foi a atitude deles quando tomaram conhecimento de sua sexualidade; se, ao longo dos últimos anos, consideram que houve evolução do pensamento religioso pelos líderes e pelo grupo evangélico acerca da sexualidade não normativa; e se ainda frequentam uma igreja evangélica e como são recebidos.

Este trabalho entra em debate com os diversos debates sobre polarização, (in)tolerância, pluralidade de ideias, e conflitos religiosos e culturais. Ele busca fomentar o diálogo entre os direitos humanos e a religião evangélica, e contribuirá para fornecer uma análise etnográfica contextual da homoafetividade pelo movimento evangélico, buscando identificar se há reverberação do discurso de inviabilização de direitos nas vivências individuais, se tem havido avanço quanto ao tratamento da questão dentro das comunidades de fé, e como estudo, pretende embasar futuras estratégias para redução da polarização, da intolerância religiosa e da homofobia cristã.

### 3.1. Saídas do armário nas denominações históricas: o caso das igrejas batistas (Marabá/PA e Resende/RJ)

Dentro das vivências de saída do armário, foram realizadas duas entrevistas, ambas se deram com mulheres, cisgêneros, que assumiram relacionamentos

homoafetivos com mulheres, que aqui, serão chamadas de Maria e Inês. Ambas cresceram em lares que professavam a fé cristã, com quase todos da família dentro da denominação batista. Inês cresceu em Marabá/PA, e Maria cresceu em Resende/RJ.

### 3.1.1. A descoberta de si e o contacto com a diversidade

A relação entre a fé e a sexualidade para Maria se apresentou, com maior clareza, a partir do término de sua primeira etapa de estudos. Maria estudava em um seminário teológico, fora de Resende. Quando voltou para Resende, e começou a trabalhar numa igreja, depois em outra, até que começou um relacionamento heterossexual, que durou cerca de cinco anos. Maria não relata ter sido pressionada abertamente a ter um relacionamento, mas que havia uma pressão sobre estar solteira dentro de uma igreja, e havia um contexto no qual o assunto principal de suas amigas era pautado em relacionamentos heterossexuais.

Parece que na igreja tudo meio que, até entre os amigos mesmo, o papo é sempre esse, entendeu? Você tem que ter um relacionamento. Você tem que namorar alguém, entendeu? Você não pode ser solteira, você não pode. Ainda mais no contexto da igreja mesmo, você tem que ter alguém, você tem que ter um namoradinho, entendeu? Não fui cobrada, mas sempre eles tinham que: ah, porque que você não namora fulano? Por que que você não namora sicrano? E eu acho que foi o erro do meu último namoro na igreja, porque ele era meu amigo e eu deveria ter continuado com ele como amigo, entendeu? (...) Mas eu acho que a pressão também, de não ter ninguém, e estar dentro da igreja é muito grande, entendeu? E aí acabou tendo que ser isso, vamos dizer assim, e aí, não deveria ter sido, entendeu? (Maria)

Tanto Maria quanto Inês, relataram ter contacto com a pluralidade de ideias e a diversidade, apenas após entrar para a faculdade. Inês ainda nos conta ter sentido uma expectativa de intolerância por uma de suas amigas, que estranhou seu comportamento tolerante com a homossexualidade.

E uma das minhas melhores amigas na faculdade ela é homossexual, ela é lésbica. E aí, conversando com ela, por várias vezes a gente conversou, e por fim ela me perguntou se tipo, me causava um estranhamento o relacionamento dela, o fato da namorada dela, e eu disse que não. (Maria)

Inês relata um forte período de suposições sobre sua sexualidade pelo seu estilo de se vestir. Ela também narra, simultaneamente, não ligar para os comentários mas ficar um pouco ofendida, sentimentos ambíguos, que culminam com autoafirmações de sua heterossexualidade para com os seus questionadores, à época.

todo mundo tinha já um certo preconceito por mim, até o momento eu era hétero, tinha um certo, tipo assim, ah, olha o jeito que a Inês se veste, é diferente e tudo o mais. (...) Só que eu nunca me liguei, sabe? As pessoas falavam isso e eu me sentia, tipo assim, ofendida, porque as pessoas falavam e eu ficava tipo: não, sou hétero. (Inês)

Foi após a entrada na faculdade, que Maria e Inês tiveram suas primeiras experiências homossexuais. Maria, relata que encarou a experiência com normalidade ao mesmo tempo que se refere a experiência com estranheza, demonstrando também a presença de certa ambiguidade emocional. A vontade de se assumir logo aparece em seu relato:

eu tive a oportunidade de frequentar novos lugares e de ficar com uma mulher. E pra mim, foi assim, meio que normal, entendeu? Não me causou nenhum, é claro: quando eu fiquei com uma mulher, foi estranho no primeiro momento, não naquele momento, foi, acho que, estranho depois que aconteceu, entendeu? Que eu fiquei pensando, eu lembro que a primeira coisa que eu pensei foi: cara eu beijei uma mulher. Então, tipo assim, foi uma vida inteira na igreja e isso acontecer pra mim foi tipo assim: opa, o que eu fiz? Mas, assim, foi bom e eu acabei ficando com essa menina por um ano, quase um ano, sem me assumir nem nada. Então, eu saía, eu ia na igreja, continuei indo na igreja, isso eu não tava mais no ministério de música nem nada, e aí eu ia pra igreja aos domingos, tocava até, mas (...) não deixava de ficar com quem eu quisesse. E aí, nesse período eu fiquei tanto com homens quanto com mulheres. (...) E aí eu conheci a Joana, acho que tem dois anos, e eu vi que por ela valia a pena eu me assumir, (...) porque eu tava gostando dela. (Maria)

A experiência de Inês é permeada também por um processo complexo de aceitação, onde ela passa a refletir a naturalidade da relação homoerótica e aceitar um possível desejo seu a partir da reflexão sobre uma amizade que era homossexual. Após receber mensagens de uma menina de sua faculdade, demonstrando interesse nela, Inês ignorou por achar que era uma brincadeira. Depois de certa insistência, elas começaram a conversar. Nesse momento, essa aproximação e uma amizade fizeram a diferença para que Inês percebesse seu interesse com mais clareza:

Ao mesmo tempo, eu respondia por educação, e ao mesmo tempo era uma experiência nova. Eu não tinha vivido isso ainda, não sabia se eu tava gostando ou não tava gostando, não sabia o que que era. (...) E aí, beleza, eu ignorei, né? Porque eu era hétero [risada]. A gente continuou conversando. Eu comecei a me questionar, e um tempo depois (...) um amigo próximo se assumiu pra mim, e eu comecei a me questionar. É normal, é a vida, as pessoas nascem desse jeito, tipo, não tem nada de errado com isso. E aí, ao mesmo tempo eu fui me aceitando também, pensando: ah, talvez eu só queira experimentar. (...) Aí, a menina continuava falando comigo, e ela falou assim: ah, vamos sair (...), comer e tal. E eu falei assim: ah vamos! Foi uma bosta, zero clima, foi horrível, mas a gente continuou conversando, (...) enfim, ficamos, namoramos. Eu adorei, uhu [risada]. (Inês)

### 3.1.2. A retirada do armário pela descoberta familiar e as quebras de vínculo

Após cada um ter tido sua experiência, começam os registros do caminho para a descoberta pela família, e dos conflitos internos desse período. Maria relata viver uma vida dupla até então, e o quanto era desgastante para ela.

até então, a minha vida, vamos dizer assim, era dupla, né. Porque ninguém na verdade sabia o que eu fazia, e eu ia pra igreja, sempre com aquele pensamento, não o que eu to fazendo não é errado, e parava. Mas, sempre com aquela minha luta interna, entendeu? É? Num é? Que que tá acontecendo, entendeu? Ficava com algumas crises. Eu lembro que na época que eu tava ficando com essa menina ainda, que eu fiquei um ano com ela. Nessa época eu emagreci muito, também pelo relacionamento com ela e também por essa questão, entendeu? (Maria)

Nesse meio tempo, Maria decidiu contar para sua mãe, após uma desconfiança ter surgido por parte dela. Sua mãe desconfiou que ela estava ficando com uma de suas amigas, e quando expôs sua suspeita, Maria foi convidada a sair de casa, caso quisesse se relacionar com mulheres, foi quando ela resolveu seguir a recomendação da mãe: “E aí ela achou que eu tava ficando com essa menina, e numa conversa ela foi e falou: olha, se você quiser ficar com mulher, eu acho que você tem que ter a sua própria casa (...) Aí eu saí de casa” (Maria).

Essa descoberta familiar aconteceu um pouco diferente para Inês, e com um pouco mais de conflito quando da descoberta. Inês dormia no mesmo quarto que sua



mãe, e um dia, estava trocando mensagens com sua namorada já tarde da noite. Sua mãe insistia para que ela desligasse o celular, enquanto Inês relutava, até que sua mãe perguntou com quem ela estava falando, e tendo recebido a resposta: “To conversando com a Laura, com o Ricardo e com a Manuela” (Inês), sua mãe deu início à conversa sobre homossexualidade:

ela falou assim: olha, eu pedi muita sabedoria pra Deus, mas eu não vou aguentar mais e eu vou falar logo o que é que é. Aí, eu olhei assim estranho, aí eu já me toquei, cara descobriu! Aí lá veio ela, isso tipo, 2h da manhã, tá? Ela veio com um caderno meu que ela tinha pego, (...) e achou um rascunho de uma carta que eu tinha feito pra essa minha ex, uma carta de meses de namoro (...) Três meses depois, quando foi esse dia, ela veio falar comigo e disse: ‘olha eu achei isso daqui, e tava pedindo muita sabedoria pra Deus porque eu não sabia lidar com isso. Mas, o que é que é isso, em Inês? E tipo assim, que tipo de, o que é essa carta e o que é que isso significa?’ Eu falei assim: ‘É isso aí mesmo, mãe. Eu tava namorando com uma menina’. E ela: ‘que namorando? Isso é coisa do capeta. Isso é coisa do diabo’, e num sei o que. Eu falei assim: ‘mãe, a senhora quer que eu fale o que? Tipo, eu chorando já, horrores. (Inês)

A mãe de Inês, apesar de ter refletido sobre a possibilidade de sua filha estar se relacionando com uma mulher por três meses, quando recebeu a confirmação por sua filha, reagiu condenando a conduta homossexual como pecado, e na sequência com preocupação com o nome da família, com a forma com a qual se refeririam à filha dali em diante, expôs seu sentimento de decepção, que é um sentimento que reflete uma expectativa pessoal frustrada acerca de uma projeção sobre o outro, além de relacionar o relacionamento homossexual à safadeza. A situação demonstra ter gerado certo trauma em Inês, que afirmou ter meio que abstraído isso da cabeça, mas citou algumas das falas que foram mais marcantes e ficaram registadas em sua memória.

Eu não lembro muito dos detalhes porque já faz um tempo, eu meio que abstraí isso da minha cabeça, mas ela ficou falando assim: ‘ah, que tipo de coisa é essa? Tu tava na faculdade era pra estudar e não pra ficar de safadeza’. Eu falei assim, ‘ueh, mas eu continuei estudando. Continuo sendo a mesma pessoa de sempre. A única diferença é que agora a senhora sabe que eu gosto de mulher também’. ‘Ah, isso não é certo, tu vai sujar o nome da família. (...) Aí falou: ‘o que é que é isso, tu é sapatão, tu é gay, que que tu é?’ Eu falei assim: ‘não mãe, eu gosto de homem e gosto de mulher, só isso’. Aí ela falou assim, ‘ah, mas vão ficar te chamando de sapatão, agora. Olha, eu num te criei pra isso não, isso é uma decepção. Você é uma decepção pra família’. Falou um monte de coisa. Nem lembro mais as coisas, mas foi tipo, tudo nessa vibe. (...) Aí ela foi bater na janela do meu pai: ‘olha

aqui que que tua filha tá fazendo, e jogou, mostrou a carta pra ele, meu pai leu, e tipo: ‘mulher, vai dormir’. Meu pai nunca nem comentou nada comigo. ‘Mulher, vai dormir, óh o jeito que a Inês tá! Vai dormir’. E aí, ela foi dormir e tal, e eu me debruçando de chorar, soluçando. Aí no outro dia, eu com a cara super inchada de tanto chorar, meu Deus que que vai acontecer de agora pra frente, e ela saiu, como se nada, absolutamente nada, tivesse acontecido.’ Mas, é o que acontece hoje: ela finge que não existe nada disso. (...) Juntando tudo isso e o término, eu emagreci 19kg. (Inês)

As reações familiares foram bastante diferentes, tendo recebido certo apoio de sua madrasta. Sua tia, que ficou sabendo porque sua mãe a chamou para conversar no dia seguinte, ouviu que: “era pra eu ir embora de casa porque ela não tinha criado filha pra isso” (Inês). Mas, Inês não chegou a ser convidada pessoalmente a sair, apesar desta fala de sua mãe. E sua tia, após a conversa com sua mãe falou: “independente de qualquer coisa, eu sou sua tia e tenho muito orgulho de você, eu só não sei entender isso direito. Então, eu vou precisar da tua ajuda.” (Inês).

A saída de casa de Inês acabou acontecendo um pouco depois dela retornar de um intercâmbio de seis meses. Ela conta que assim que retornou, a convivência era pacífica, mas que com o tempo, o desgaste emocional da convivência, a obrigatoriedade de ir para a igreja e o excesso de controle foram se tornando insustentáveis, até que após uma discussão por tarefas domésticas, ela decidiu sair de casa. Conta que ligou para sua tia, e pediu que viesse lhe buscar, pois não moraria mais com sua mãe. Ela relata que até então não era muito próxima dessa tia, que se aproximaram depois que ela saiu do armário.

eu trabalhava, e aí mano, voltou todo o desgaste emocional de ter que morar com a minha família de novo. Essas coisas da minha mãe, de não ter liberdade pra sair, pra fazer nada, ter horários, e ser super controlada, ter que ficar indo pra igreja de novo, e aí juntava com outras situações. (...) as coisas vão acumulando né? (...) Teve um dia que, mano, eu surtei, não deu conta. E foi uma coisa assim muito besta. (...) Mano, eu decidi, eu liguei pra minha tia e falei assim: tia, eu vou sair de casa. Pode vir amanhã e trazer o carro porque eu não vou mais morar aqui. (...) E aí eu fui morar com a minha tia. (...) Minha tia não é tão bem de condição como a minha família é. (...) Todo mundo achava que eu ia acabar voltando pra casa da minha mãe, porque achava que eu era aquela pessoa muito apegada a bens materiais: ah, porque sua mãe sempre te deu tudo, e tal. Só que mano, tinha tudo isso, só que a paz de espírito que foi morar com a minha tia (...) foi uma coisa assim, surreal. (Inês)

### 3.1.3. Autonomia, qualidade de vida e sofrimento pelo rompimento familiar

Inês relata alguns benefícios após ter se mudado de casa:

parei de perder cabelo, ver a preocupação, e as coisas estão muito nos mínimos detalhes (...) Era muito bom, porque eu chegava em casa e eu podia ser quem eu era. Minha tia tipo, super me apoiou, a gente fazia videochamada, eu, ela e minha namorada, (...) eu não precisava mais ir pra igreja, e minha tia sempre foi: 'tem certeza que tu quer sair da igreja?' 'Tia, não gosto mais. Não vejo sentido'. E aí tipo, morar com a minha tia foi muita paz de espírito. (...) A gente se diverte junto, não tem a falsidade que sempre teve na minha família, sabe? Não tinha um falando do outro pelas costas. Eram pessoas realmente unidas, era tipo, viver família de novo. (Inês)

Nessa fase, Inês já começa a descrever um pouco mais da autonomia que foi ganhando e relata como essa aceitação foi importante para sua qualidade de vida. Sua autonomia é vista desde a sua decisão de sair de casa até se ia continuar ou não na igreja, além da aceitação e apoio serem relatadas em outras escolhas pessoais, como: relacionamento, estudos e trabalho.

Entretanto, sua saída da casa de sua mãe não foi pacífica, tendo ouvido dela na ocasião: "não volta aqui nem no dia que eu morrer" (Inês). Ela relata que ficou sem falar com sua mãe por quatro meses, até que uma tia foi conversar com ela, dizendo que sua mãe sentia muito a sua falta. Ela não estava em Marabá, então mandou uma mensagem no Facebook. Sobre a reaproximação, ela afirma que:

Quando você fica adulto você não quer brigar, você só quer paz na sua vida. Você começa a ter maturidade pra olhar pras coisas assim, e por que eu brigava por isso, se é uma coisa tão simples de resolver? (Inês)

Maria passou por uma situação similar com relação à perda de contacto familiar, mas esse rompimento de relacionamento perdura até hoje, somando mais de dois anos sem contacto com uma parte de sua família próxima.

A minha mãe não aceita e o meu irmão que não é cristão não aceitou também. Então, tem dois anos indo pra três anos, que eu não falo nem com a minha mãe nem com um dos meus irmãos. O único que me aceita dentro da família mesmo é meu outro irmão. (Maria)

Inês conta que hoje em dia, todos da sua família sabem de sua sexualidade, mas sua mãe e seu pai não falam sobre o assunto, falam só sobre outras coisas. Com sua tia, e boa parte da família da mãe, ela consegue falar sobre o assunto com naturalidade. Ela relata que apesar de todos saberem, ela evita evidenciar seus relacionamentos

Hoje, eu não sou de postar muita coisa, se eu estou com alguma pessoa, eu não posto beijando, porque tipo, é uma coisa de ter empatia também, porque você não pode forçar as coisas goela abaixo das pessoas, as pessoas não entendem que é tipo, uma coisa normal da vida. E assim, eu prezo muito pela saúde da minha mãe, tipo, eu sei que muitas pessoas iam encher o saco dela e tudo o mais, e tipo assim, eu não escondo, se perguntarem eu falo e tudo o mais, mas a minha mãe também não toca no assunto. Ela sabe, (...) tá tranquilo, mas é aquela coisa, finge né, que não existe. Meu pai não toca no assunto. (Inês)

### 3.1.4. O rompimento congregacional

Com relação ao relacionamento denominacional, ambas relataram terem parado de ir à igreja depois que se assumiram publicamente. Maria conta que o pastor da igreja que ela frequentava ainda fala com ela normalmente, manda mensagem, ela afirma que ele sabe do seu relacionamento e tudo o mais. Mas, ela preferiu parar de frequentar por conhecer a doutrina da igreja e por respeito.

Até hoje o pastor da igreja que eu estava, fala comigo normalmente, manda mensagem, ele sabe do meu relacionamento e tudo o mais, só que assim, por uma questão de entender como funciona a doutrina da igreja, e saber, e acho que até por respeito, entendeu? De saber que eu não estou seguindo essa doutrina que a igreja impõe, eu deixei de participar da igreja." (...) "De vez em quando eu ia, só pra participar e tal, mas eu percebo que tipo assim, o olhar das pessoas muda, eu acho que é meio que normal, entendeu? Eu entendo isso também, meio que mudou e aí, não só por isso, mas eu parei de ir. (Maria)

Ela segue seu relato afirmando que a igreja na qual frequentava, ela aceita e recebe. Mas que preferir ter seu nome retirado do rol de membros, por não estar seguindo a doutrina religiosa.

a igreja que eu tava ela aceita, tipo assim, ela te recebe, entendeu? Mas eu entendo que, como eu não estou dentro da doutrina, não faria sentido eu

estar no rol de membros deles, entendeu? Então assim, quando eu realmente decidi me assumir, eu pedi pra tirarem meu nome do rol de membros, só que o pastor não quis tirar, e agora, como realmente eu não tenho ido, ele me mandou uma mensagem dizendo que estaria retirando o meu nome, mas, que eu era super bem-vinda pra ir e tudo o mais.” (...) “depois que eu me assumi, eu acho que automaticamente eu já me afastei. Porque enquanto eu ainda ficava com algumas mulheres, eu ainda frequentava normalmente, entendeu? As minhas crises eram internas. Aconteciam tudo dentro de mim, sem ninguém ficar sabendo, mas, depois que eu realmente me assumi, eu achei que eu não poderia, que eu estaria desrespeitando, já que sabiam a minha situação, como eu estava vivendo, eu acho que de repente eles poderiam achar um desrespeito com a igreja. Por mais que, tipo assim, não é o que eles falam, certo? Mas é claro que você sente, né? (Maria)

Apesar de seu relato, Maria contou que uma das suas melhores amigas, também da mesma igreja, sabia que ela estava ficando com mulheres. E um dia, após elas terem participado de um momento de oração compartilhada na igreja, sua amiga questionou “como que você pode levantar e orar? Nessa situação que você tá?” (Maria). Ela contou que essa foi uma situação chocante para ela, especialmente, por vir de uma de suas melhores amigas, e também atribuiu a isto um pouco do desestímulo em frequentar a igreja, após sua saída do armário, porque não gostaria de passar por esse tipo de situação.

A Inês saiu da igreja no momento em saiu da casa da mãe, e perguntada sobre comentários que recebeu das pessoas de sua igreja, ela respondeu que nunca recebeu qualquer tipo de comentário, direcionado a ela, sobre sua sexualidade. Que pelo contrário, ela tinha descoberto outras pessoas que também se assumiram depois. Ela contou para algumas amigas que eram da igreja, mas não recebeu nenhum tipo de comentário, e relatou que o líder dos jovens da igreja ainda manda mensagem para ela, perguntando se ela está bem e dizendo que sente saudades.

As meninas da igreja, a Lara eu contei pra ela depois, a Elaine sempre soube, mas eu contei pra ela, mas assim, de virem comentar comigo, nada. Nada referente a sexualidade. Falaram: ah, você tá sumida da igreja (...) Eu me distanciei muito da galera também, porque eu parei de ir na igreja, né? Então, não vieram comentar nada referente comigo, sobre isso. (Inês)

Tanto Inês quanto Maria relataram que nunca passaram por tentativas de cura nem expulsão de demónios, mas ambas relatam terem saído da igreja no momento em que se assumiram. Maria chega a mencionar que não achar que isso aconteceria na igreja em que ela frequentava:

o pessoal da igreja batista, eles são muito políticos, entendeu? Então, tipo assim, eu acho que era uma coisa que eles não fariam, e também eles sabem com quem eles podem falar e com quem eles não podem né?  
(Maria)

As duas também afirmam que mesmo que visitassem a igreja, num futuro, com suas namoradas ou esposas, não as apresentariam na igreja desta forma. As duas citam palavras como empatia e respeito para justificar esta opção, por compreenderem que a homoafetividade não é pacífica dentro da igreja.

Não é porque eu acho e eu sei que é normal que pra outra pessoa vá ser tão normal quanto. Então, tipo, a igreja tem as creditações dela e tudo o mais, eu não posso simplesmente chegar um dia e querer forçar isso na goela de cada um. Então, eu acho que eu não tomaria essa abordagem tão radical de dizer: ah, essa é minha namorada, e tal, pastor. Acho que eu não faria isso, mas eu acho sim que as pessoas, os meus amigos iriam vir falar comigo normalmente, mas ignorariam se percebessem que ah, é minha namorada. (Inês)

As duas também reconhecem que as igrejas vem avançando quanto à tolerância a diversidade, e Maria conta que muitos membros da igreja e cristãos mais velhos continuam falando com ela, normalmente.

Inclusive eu percebo até pelos cristãos mais velhos que ainda tem relacionamento comigo, entendeu? Se relacionam comigo independente de qualquer coisa. Eles tem a opinião deles, assim como eu tenho a minha, mas eles tem aceitado melhor, entendeu? Se for pensar em igreja como pessoa, eu acredito que sim, que as pessoas que estão na igreja hoje, tem um pensamento, acho que de aceitação, mas não de concordar com o que você faz. É o que tá na Bíblia, entende? Eu não vou concordar com o que você faz, mas eu tenho que respeitar, entendeu? Acho que o respeito mudou. (Maria)

Pelo exposto, as experiências relatadas dentro da Igreja Batista, em diferentes cidades, narram um aumento na aceitação à pessoa homossexual, apesar de manterem a não aceitação da prática sexual homoerótica. Entretanto, o que as histórias nos

mostram, é uma negação da realidade, tanto por parte das igrejas como por parte das famílias, ou seja, ou eles excluem o relacionamento com o homossexual ou eles se relacionam ignorando por completo a sexualidade desta pessoa para evitar qualquer tipo de desconforto.

Ambas relatam algumas situações de desconforto após sua saída do armário: Inês sofreu mais abordagens condenatórias de sua mãe; enquanto Maria recebeu uma abordagem de tentativa de restrição de sua oração, por uma de suas melhores amigas. No caso dessas vivências em denominações históricas, as lideranças não participaram ativamente desse cenário de proselitismo sobre a sexualidade, apesar de ambas já terem ouvido na igreja, pregações sobre a homossexualidade ser um pecado. Então, no caso das duas, nenhuma delas recebeu por parte da igreja, qualquer tipo de palavra direcionada pessoalmente: seja de aceitação ou de reprovação. Essas palavras ficaram por conta dos relacionamentos mais próximos, dentro da igreja: familiares ou amigos.

Também foi percebido uma grande referência ao respeito e compreensão por parte delas aos cristãos que não aceitam os relacionamentos homossexuais, e uma certa sujeição demonstrada pelo afastamento pessoal ou cuidados quanto não publicitarem tanto suas relações, para não desagradá-los. Além disso, as duas relataram que consideram que tinham a certeza que as vivências dentro de denominações (neo)pentecostais possuiriam mais relatos de intolerância, por considerarem a denominação batista menos invasiva, ou “mais política” (Maria).

## 3.2. Saídas do armário nas denominações (neo)pentecostais: os casos da Assembleia de Deus (Marabá/PA) e do Projeto Vida (Resende/RJ)

Assim como nas denominações históricas, dentro das denominações (neo)pentecostais, foram entrevistadas duas pessoas: dois homens, que se identificaram como gays. José se converteu ao cristianismo no Projeto Vida de Resende, ainda na adolescência, e possui muitos familiares evangélicos, de maioria (neo)pentecostal. Já Pedro, nasceu em família evangélica, e pertença à quarta geração de membros ativos dentro da Assembleia de Deus, igreja de denominação pentecostal, sendo também filho de pastor.

### 3.2.1. A masculinidade e o medo evangélicos

Pedro nos conta que veio de uma família extremamente machista, e o relato é seguido já pela introdução de lembranças acerca da descoberta de sua sexualidade, ainda na infância e a repreensão.

Eu tinha, acho que, uns quatro anos, não sei exatamente, tava passando um programa na televisão, aqueles programas do Gugu e talz, era uma disputa de natação. E aí o meu pai tava na sala comigo e eu cheguei e falei assim: Nossa pai, esses dois homens são muito bonitos, essas mulheres nem tanto, mas esses dois homens são muito bonitos. E eu fui ferrenhamente repreendido, assim sabe: que homem não podia achar outro homem bonito de forma alguma e nada do tipo. (Pedro)

Com escutas neste sentido, Pedro conta que não conseguia entender ainda, mas que isso foi condicionando sua postura, e iniciando um processo de negação da possibilidade acerca da homossexualidade desde novo: “Então eu ficava tipo, beleza, não vou fazer mais assim, né? Então eu neguei, comecei a negar isso dentro de mim”. Pedro também relata uma criação baseada na criação de medo, de constantes ameaças relacionadas ao pecado e ao inferno, e conta que ele e todos os primos



apresentaram transtornos de ansiedade após a vida adulta: “Eu fui criado numa cultura de medo muito forte, assim, uma cultura do medo do inferno, medo de pecar, medo de Deus” (Pedro).

José conta que foi para igreja muito cedo, através de uma amizade. Ele conta que foi para igreja porque não conseguia entender quem ele era, e que foi para igreja porque sentia medo e vergonha de se aceitar. Era uma igreja “muito jovem e animada”, e seu relato também traz uma perspectiva de medo:

A minha trajetória de tantos anos no meio evangélico sempre foi atribuída a medo no contexto que é incutido na nossa cabeça de que a gente vai ser punido: punido por ser gay. (...) Eu fui pra igreja muito cedo, né, por não me entender, por não entender aquilo que eu era. Eu preferi ir na igreja por vergonha de ser quem eu era, por medo. Só que dentro da gente, a gente sabe quem a gente é, e a gente se aceita, se entende como homossexual desde muito cedo. (José)

Ele acrescentou que o nível de punição em sua igreja era alterado, de acordo com padrões de masculinidade:

o nível de punição da igreja vai subindo ou vai descendo, entendeu? Porque se você é um gay que tem um comportamento heteronormativo, ok, você é bem-vindo na igreja. Se você é um gay que tem trejeitos, você é efeminado, você tem alguma coisa que te lembre o mundo feminino, você precisa ser curado. (José)

José também relata uma certa dificuldade de estabelecer um relacionamento de liberdade com a figura masculina, e que isso foi um problema para ele, porque nessa igreja, era: “homem anda com homem, e mulher anda com mulher”. E, por conta disso, teve que se distanciar dessa amiga que o levou.

Por mais que eu tivesse uma amizade muito grande com ela na época, eu teria que ter um distanciamento, eu teria que andar somente com homens. Já começa aí uma problemática muito grande, porque o homem homossexual tem uma dificuldade no relacionamento de liberdade com outro homem. Então, começa aí, porque você não sente liberdade de falar dos seus ‘pecados’, pecados entre aspas porque, na minha cabeça, hoje, o entendimento de pecado não é isso. Então você já vai todo fechado, já entra fechado, porque você sabe que você pode ser a qualquer momento ridicularizado, diminuído, por aquela situação que você se abriu, como aconteceu comigo. (José)

Então, José contou que nessa igreja, eles eram instigados a verbalizar os pecados pessoais com suas lideranças, e que isso fazia do processo de cura: “por mais que ele soubesse já da minha situação, eu precisei verbalizar, você é instigado até você verbalizar aquilo que eles acham que é pecado”.

Tive que contar pra pastor, tive que contar pra pastora, tive que contar pros líderes de jovens, minha amiga já sabia, ou seja, você tem que contar pra algumas pessoas, da sua vida particular, né? Pra eles verem como eles vão te tratar, entendeu, como vai ser o tratamento daquela pessoa. (José)

José relata que cada nicho de comportamento pecaminoso, segundo a igreja, recebia regras de comportamento diferenciadas, e especialmente os gays, tinham um código de conduta específico, e que normalmente não era falado no púlpito, pelos pastores principais, mas disseminado pelos líderes de célula. Ele conta como enxerga isso:

Você pode estar aqui, desde que você cumpra algumas regras de comportamento que os outros não precisam cumprir, mas você tem que cumprir porque você tem um problema. (...) Isso é complicado porque gera muito trauma, as pessoas, na verdade, nas igrejas não são aceitas como elas são, elas tem que se transformar naquilo que os pastores querem que elas sejam. (José)

### 3.2.2. Reflexos do mito do homossexual predador/assediador e disciplinas religiosas

Apesar de tudo, José relata não ter tido muitos problemas na igreja, tendo passado apenas por algumas situações problemáticas. Ele conta que era do Ministério de Louvor, e que tinha amizade com muita gente ali, inclusive muitas crianças, e um menino particularmente, era muito seu amigo. Ele conta que “começou uma história dentro de algumas pessoas da igreja de que eu estava assediando aquele menino”, e que um dos pastores da igreja foi conversar com a mãe desse menino sobre essa desconfiança, e que depois ele foi chamado pelo pastor para perguntar sobre o fato. Ele conta que a mãe do menino nunca acreditou, porque gostava muito dele, mas que essa

foi uma situação em que se sentiu profundamente desrespeitado, e que acredita que essa acusação de assédio só aconteceu por saberem de sua sexualidade:

essa parte minha de homossexual, no período que fiquei na igreja, eu tentei dentro de mim apagar o máximo que eu pudesse, por acreditar que era errado, entendeu? Por acreditar que era pecado, eu tentei o máximo possível esconder, camuflar: ‘não, agora eu to curado’, entendeu? Vou começar a me identificar com uma pessoa do outro sexo, gênero, numa boa, enfim. E essa parte começou a me magoar muito, começou a me machucar muito quando o fato de eu ser uma pessoa mais velha, e estar tendo contacto com pessoas mais novas atribuir um possível (...) assédio sexual com um rapaz mais jovem. E aí, eu fui chamado pelo pastor, entendeu, pra conversar sobre isso, e eu falei: qual que é a base disso, de onde tiraram isso? Preciso saber de onde tiraram isso, entendeu, qual foi o dia que eu demonstrei alguma coisa ou qual foi o dia que essa outra pessoa demonstrou alguma coisa, porque é uma coisa sem fundamento nenhum, né? Eu estava sendo julgado somente por ser gay? Qual que é a prova que vocês tem de que alguma coisa real aconteceu? Qual era a evidência? Não tinha evidência porque nunca aconteceu, entendeu? (José)

José descreve essa situação como tendo sido “bastante constrangedora” e “humilhante”, por ter envolvido diversas pessoas numa história falaciosa e sem provas. Ele conta que há um forte estereótipo sobre o gay dentre os cristãos, e que:

O estereótipo do gay sempre vai estar atrelado a alguma coisa negativa: ou alguma coisa de assédio, ou alguma coisa de desacreditar a igreja, ou alguma coisa de desmoralizar a igreja, ou de incentivar outras pessoas mais novas a serem gays. (José)

Pedro conta que em sua adolescência, começou a ter conhecimento de vários homossexuais que se assumiram na igreja, e que todos os casos eram muito comentados, tendo contado um que o marcou, de uma menina que foi mandada pela família para outra cidade após a família descobrir que ela estava ficando com uma menina, e de mais um amigo que foi descoberto homossexual e foi disciplinado.

Ele cantava na igreja e tudo o mais, então ele ficou tipo, meses sem poder subir no púlpito, sem tomar santa ceia, nem nada do tipo” (...) “Isso me deixava com muito medo, assim né, porque a gente via que qualquer pessoa que fosse descoberto ser homossexual, mesmo que tivesse tido só um tipo de envolvimento, isso virava uma explosão muito grande. (Pedro)

Pedro conta que em sua vivência, conheceu diversos homossexuais que escondiam sua orientação da igreja, e se diziam héteros, mas ele conta que via que

eles não eram totalmente felizes. E que isso tudo, à medida que ele foi crescendo, foi fazendo com que ele estudasse cada vez mais a Bíblia. Ele queria entender se era pecado ou se não era. E isso foi crescendo dentro dele, e quanto mais a dúvida crescia mais ele estudava a Bíblia, inclusive pesquisando sobre traduções, dentre outros estudos sobre a história da Bíblia.

Eu chegava a escutar pessoas dizendo que a homossexualidade não era pecado, lembro que (...) existe uma pregadora (...), ela é uma pastora lésbica. E o fato dela ter se assumido isso, causou um rebuliço muito grande dentro da igreja, porque ela era 'ex-lésbica', e depois de muitos anos de ministério, ela foi e se assumiu. O fato dela ter se assumido foi muito impactante pra mim, assim, porque eu já tinha visto ela pregar, eu já tinha sentido 'a presença de Deus', entre aspas, com a pregação dela. E quando ela se assumiu, ela falou que nunca tinha deixado de ser lésbica, ela só tava escondendo isso de si mesma. E aí, a referência dela criou uma certa dúvida dentro de mim, assim. Porque se Deus usou ela, mesmo ela sendo lésbica, e ela entendendo que ela sempre foi assim, então, talvez a homossexualidade não seja pecado. (Pedro)

Ele conta que muitos relacionamentos homossexuais, dentro da igreja, eram puramente sexuais, porque na visão desses homens, beijar na boca era pecado mas fazer sexo não.

isso aconteceu bastante dentro da igreja, com as pessoas que eu acabei me relacionando: beijar na boca é pecado, mas o sexo em si não, entende? Então o homem beijar na boca de um outro homem, isso era visto como algo extremamente homossexual, e muito mal visto, mas se fosse só o ato sexual em si, era algo que eles conseguiam ignorar assim. Então, eu cheguei a me relacionar com alguns homens da igreja e todos eles tiveram o mesmo discurso, tanto é que o primeiro beijo com um outro homem que eu dei na minha vida, eu já tava na faculdade, quando eu já tinha saído da igreja. (Pedro)

Pedro conta também que depois de estudar muito, chegou a conversar com sua avó sobre suas reflexões sobre o assunto.

Eu falei, tipo assim, existem argumentos muito, muito fortes que provam que a homossexualidade não é pecado. Mas, eu vou resolver confiar em Deus, e Deus fala ao meu coração que é pecado. Então, eu vou continuar acreditando que é pecado mesmo que todas as evidências se mostrem contra isso. (Pedro)

Depois disso, Pedro narra ter entrado num período de conflito interno muito grande.

Cheguei numa situação em que eu já tinha tido a minha primeira vez com homem, já tinha me relacionado, eu já sabia que eu gostava, e eu comecei a achar isso muito errado, dentro de mim, porque eu era uma pessoa que pregava, eu era uma pessoa que era 'batizado no Espírito Santo', entre aspas, eu profetizava, eu tinha revelações, e tudo o mais, dentro daquela liturgia da Assembleia. Isso me consumiu de uma certa forma, que eu comecei a frequentar a igreja, literalmente, todos os dias. Sete dias por semana, eu estava na igreja. (...) Com isso, eu acreditava que eu não teria tempo pra ser gay. Porque a intenção era que eu ficasse tão ocupado, 100% do tempo com a minha mente, que eu não ia ter tempo pra ser gay. (...) Meu pai chegou a brigar comigo porque eu tava indo demais pra igreja, e tava literalmente esquecendo todo o resto. (Pedro)

A partir de então, Pedro conta que conversou com seu líder de jovens, e contou tudo pra ele. Na época, ele frequentava uma igreja em uma outra cidade do interior do Pará, ainda não era Marabá. Ele conta que a informação foi recebida com grande surpresa, e que ninguém desconfiava de nada, exatamente pelo fato dele ser filho do pastor. Em resposta a isso, ele relata ter recebido grande acobertamento pela liderança da igreja.

Isso foi extremamente acobertado, extremamente extremamente acobertado. Tanto que, meu próprio pai não soube disso na época. Foi uma situação que foi resolvida, entre os pastores da cidade e o líder de jovens e eu não cheguei a ser disciplinado nem nada, porque eu era filho de pastor. Então, foi uma situação que foi muito acobertada por causa disso. Fui 'perdoado', entre aspas, de uma forma muito mais fácil do que os meus amigos que não eram, entende? Até porque, eu era referência dentro da igreja, então, eu pregava, eu fazia muita coisa, eu tava lá presente, eu dava estudos. (Pedro)

Diferente de Pedro, José conta outras três em que ocorreram abordagens dentro da igreja, referentes a sua sexualidade. A primeira, foi quando estavam vários levitas homens (nome atribuído aos músicos e/ou dançarinos dessa denominação) numa outra igreja, e um menino que também era gay "colocou a mão na minha cabeça e falou abertamente: que todo demônio de homossexualismo saísse da minha vida". Ele conta que ficou em choque e sem reação, até por saber que ele também era gay. A segunda abordagem se deu com a cobrança, aberta, para que José tivesse uma namorada:

Eu tive que namorar uma menina pra mostrar que eu não era mais gay. Eu fui pressionado a ter um relacionamento, porque eu tinha que mostrar que eu não era mais gay. Uma das pastoras me pressionou muito: 'que estava na hora de eu ter um relacionamento'. Teve um dia, em outra cidade que

outra pastora falou para mim, pro Bernardo: está na hora de José, Bernardo, fulano, terem uma namorada [José enfatizou a entonação desse a]. (...) falou nomes. Por que era hora da gente ter uma namorada? Por que a gente tinha que evidenciar? Porque a gente tava na frente do altar, tinha que evidenciar pras pessoas que a gente se curou. (José)

E a terceira, ele caracteriza como tendo sido estopim para que ele saísse dessa igreja. Ele conta que seu líder o viu conversando com sua esposa, que era muito sua amiga, e na sequência, chamou todos os discípulos dele (nome dado aos membros de cada célula), e disse:

que 'ele não queria mais os discípulos dele conversando com mulheres na igreja, com nenhuma mulher na igreja, porque ele estava vendo o momento que um discípulo dele ia entrar na igreja de saia'. Por estar conversando com a mulher dele. (José)

Ele conta que se sentiu completamente humilhado, porque ele sabia que esta fala era direcionada a ele. E fala também, que no fundo, todos meio que sabiam quais eram as dificuldades de cada um, então palavras como essa, na frente dos outros discípulos, deixavam claro não somente para ele, como para todos que ali estavam, para quem era direcionado.

E aí, você liga que por mais que eles preguem uma coisa da (...) libertação, da cura ('libertação' porque não existe isso de libertar um gay), o estereótipo sempre vai estar em você. Você sempre vai ser visto como o gay do grupo. Nem eles acreditam no que eles pregam. Porque se eles pregam uma cura, e a pessoa não está tendo envolvimento homo-afetivo com ninguém, a pessoa está 'curada'. E aquilo foi a prova de que nem eles acreditavam naquilo que eles pregavam, de que uma libertação, uma cura, na verdade era sempre uma coisa opressora pra te deixar preso a eles: você ainda não foi curado, você precisa continuar aqui, você não foi curado. É uma dominação constante, claro que, sem você perceber: não é uma dominação amarrada, no cabresto. É incutido na sua cabeça que você tem que prestar obediência a eles, não a Deus, a eles. (José)

### 3.2.3. Auto-aceitação e abandono familiar e religioso

Pedro conta que mesmo sendo novo na igreja de Marabá, já assumia muitos cargos, porque ele frequentava todos os dias, era tido como um exemplo ali, mas que

essa situação foi lhe gerando um enorme cansaço, e foi quando decidiu baixar um aplicativo de relacionamento gay, onde conheceu seu primeiro namorado.

Foi muito engraçado as coisas que aconteceram, porque o boato começou muito rápido. Quando eu comecei a namorar ele, (...) um dos ex dele também era daquela igreja. Então, ele soube quando eu comecei a namorar ele. E começou-se a espalhar o boato de que eu era gay. E tipo, muita gente não acreditava nesse boato, né? Porque eu ainda assumia uma postura muito heteronormativa. (...) E aí isso foi tipo, gerando uma história de tal forma que até foi muito importante pro meu próprio processo de aceitação, porque eu fui percebendo que ali eu não tinha necessariamente o amor incondicional que era pregado, nem nada do tipo. E eu parei, cada vez mais de ir pra igreja. (Pedro)

José conta que mantém poucas amizades desta época da igreja, mas que uma delas tinha contado que:

O pastor da igreja falou pra ele que ele não poderia tirar tal pessoa do altar por questões realmente religiosas, mas que ele tinha ranço e ódio daquela pessoa por ele ser gay, e que a vontade que ele tinha era de arrastar aquela pessoa lá de cima de tanto desprezo que ele tinha. É pessoal, você entendeu? (José)

Assim, José entende que a intolerância que ele vivenciou não tinha cunho religioso, efetivamente, mas pessoal, refletindo convicções das lideranças e não a crença de fato de que Deus condenava algo.

Pedro contou que depois que ele foi se assumindo para os amigos mais próximos – que muitos inclusive não acreditavam, brigavam com ele porque achavam que ele estava brincando – ele tomou a decisão de contar para os pais, porque já não estava mais indo à igreja, desde que brigou por conta dos boatos que haviam sido espalhados, que eram verdadeiros mas envolviam as pessoas erradas. Ele conta o que ouviu após se abrir para um primo:

eu perguntei como que ele achava que ia ser a reação dos meus pais, e ele me sugeriu, super indicou não contar, porque isso poderia destruir a nossa família de uma maneira muito severa. (Pedro)

Mesmo com a contraindicação, Pedro chamou seus pais para conversar, mas ele relata que seus pais já tinham alguma desconfiança porque ele tinha postado uma

brincadeira no Facebook, onde ele marcou um amigo que também era gay. Ele contou que sua mãe foi *stalkear* o rapaz, e comentou:

Pedro, eu acho que esse teu amigo é gay. Eu falei, é, ele é gay e eu não tenho nenhum problema com isso, tipo, não é o fato de ele ser gay que vai me fazer deixar de ser amigo dele. E aí, ela ficou calada. Eu acho que isso foi criando certas pulgas atrás da orelha dela que aí eu soube que ela teve um sonho comigo me relacionando com outro cara. Depois desse sonho, ela ficou muito surtada, porque minha família acredita muito em sonhos, e aí meu pai foram bater em Marabá, pra fazer um culto doméstico comigo. (Pedro)

Ele conta que nesse culto doméstico, seu pai lhe perguntou o que estava errado com ele, e que começou contando que havia saído da igreja e que não concordava mais tanto com a Bíblia, e deu os seus motivos. Ele conta que, pelo seu pai ser pastor e tinha vários cursos de teologia, ele já sabia que não podia falar isso sem dar motivos muito fundamentados, baseados inclusive na própria Bíblia.

Eu sabia eu não simplesmente podia dizer que eu não acreditava mais, eu tinha que ter embasamento, então (...) eu me embasei na própria Bíblia pra dizer o porque eu não acreditava na Bíblia. (Pedro)

Pedro conta que isso tudo já foi um baque para os seus pais, e que seu pai chegou a dizer que “ia entregar a carteira de pastor dele, que ele não queria mais ser pastor, porque se ele tinha falhado com a própria família, ele não servia para comandar uma igreja”. Aí, ele continuou, pois não queria que a conversasse encerrasse ali: “Não quero que a conversa encerre aqui, porque eu não falei exatamente o que eu queria falar (...) eu fui atrás de tudo isso por um motivo, e esse motivo é que eu sou gay”.

Após se assumir, Pedro conta que a mãe deu um grito imenso e desmaiou, e foi quando seu pai foi acudir ela, e tentar reanimá-la.

Ele consegue reanimar ela, ela começa a me sacudir e gritar que isso não é verdade, que Jesus me ama, e ela começa a se desesperar de uma forma muito intensa, que ela já sabia, que ela tinha visto, mas que Jesus ia me salvar, e meu pai começa a chorar. Só que assim, eu acho que em toda a minha vida eu só vi meu pai chorar no funeral da mãe dele. (Pedro)

Essa reação de choro também foi relatada pelo pai de José, quando ele lhe contou sobre sua orientação sexual:



Quando eu contei aqui em casa, eu precisei falar abertamente que eu era gay, porque meu pai ouviu uma conversa com um ex namorado meu, aí a minha mãe já sabia, e ela falou: olha, o seu pai ouviu, você vai ter que contar. (...) Tive que sentar todo mundo na sala e contar. Aí a primeira fala foi: 'você sabe que você vai pro inferno, né?' (...) Sempre punitivo, entendeu? (...) Quando eu contei aqui em casa que era gay, eu falei pro meu pai: não chora! Não chora, porque ele começou a chorar. Eu falei: não chora! Sabe por que? Você nunca sentou pra conversar comigo. Você tá sentando hoje pra me julgar. Então, não chora. Vai chorar sozinho, no seu quarto, na minha frente não. Não faz mais efeito, entendeu? A gente se blinda. (...) Eles estavam preocupados como que o outro ia pensar e não como você estava se sentindo. É isso que a igreja faz com a gente. A igreja se preocupa com a imagem dela. Você tem que mudar ... pra me agradar e não me envergonhar. (José)

José relata como foi seu relacionamento familiar a partir de então, relatando um cenário que ele denomina como homofobia:

a questão da homofobia, é muito complicada. Meu pai também tem esse problema, ele não me aceita. Ele aceita o José dentro de casa, mas ele não concorda, ele não aceita. Meu ex frequentou minha casa treze anos, meu pai o cumprimentava, mas meu pai nunca sentou na mesa pra comer quando a gente tava comendo. Esperava a gente parar de comer, pra ele ir comer. (José)

Além desse cenário com seu pai, ele retrata como denominações podem alterar o nível de tolerância, ao trazer a experiência que teve com sua irmã:

durante muito tempo, ela teve dificuldade de lidar com isso dentro de casa, porque o meu namorado frequentava a minha casa. Então, ela não conseguia cumprimentar, ela não conseguia sentar na mesa, e com o tempo, e isso foi até uma coisa boa, um tempo depois ela conseguia almoçar com a gente na mesa, sabe quando aconteceu isso? Quando ela saiu do Projeto Vida e foi pra uma Metodista. Ela ficou um tempo na Metodista, e ela começou a conseguir sentar com a gente na mesa. E aí, ela voltou pro Projeto Vida, e aí voltou tudo de novo. (José)

Após a epifania dos pais de Pedro, eles foram dormir. Ele narra que ela passou "a noite num estado catatônico", e que ela tremia. Falou que o pai dele "falou coisas absurdas" para ele, e que ele ficou "com muito medo", e que até então tinha uma relação muito forte com sua família. Ele relata que o pai dele falou:

que a vontade dele é que amanhã, no outro dia que ele fosse voltar pra casa dele, que ele batesse o carro, e ele e a minha mãe morressem pra que ele não tivesse que ver aquela situação, e de viver num mundo que o filho dele era gay. E aí, foi muitas coisas assim, que era abominação, que eu sabia disso, que era por isso que eu tinha me envolvido com, pesquisando e

questionando a Bíblia, porque eu queria me justificar, que era o inimigo falando através de mim, que eu era responsável pela minha mãe estar daquela forma. (...) Minha mãe chegou uma hora assim, que ela foi pra varanda, eu fiquei até com medo dela se jogar, mas meu pai não deixava eu me aproximar da minha mãe. (Pedro)

Pedro conta que foi pro quarto, e que ali, contou para seu irmão também, que estava assustado pela situação. E no final, conversaram:

eu perguntei pra ele, tu ainda me ama, mesmo que eu seja gay, e ele falou assim: não, não amor mais. Isso me machucou, mas eu sabia que era algo muito dele ser criança né? Eu acho que essa opinião dele rendeu 10 minutos, pra ser sincero. (Pedro)

No dia seguinte, seus pais foram embora, chorando muito. Pedro conta que ficou sabendo depois que sua mãe entrou em uma depressão profunda e acha que ela chegou a tentar suicídio, mas que seu pai não permitia que nem ela nem seu irmão fizessem acompanhamento psicológica com um psicólogo que não fosse da mesma linha doutrinária que eles. Pedro atribui ao fato dele ter medo que sua mãe o aceite, porque isso também seria um pecado. Ele conta que sua mãe chora até hoje, se for tocado no assunto de sua homossexualidade.

eu soube que depois disso, ela surtou e ela tentou se matar, mas até hoje eu não sei exatamente como foi isso, assim, porque minha vó me contou depois, que ela ia morrendo de uma forma, que se ela morresse daquela forma, a minha vó nunca ia encontrar a paz, entende? Então, eu só consegui entender que foi o suicídio. Porque eu nunca tive coragem de perguntar isso pra minha mãe ou pra ninguém da minha família" (...) "Meu pai, tipo, ele me culpava pela situação que a minha mãe tava vivendo e ele não aceitava ela ir no psicólogo. Porque ele tinha muito medo de se a minha mãe fosse no psicólogo, ou fizesse qualquer tipo de tratamento, ela pudesse me aceitar. E se ela me aceitasse, ela estaria entrando em pecado também, entende? Então meu pai não permitia que a minha mãe fizesse nenhum tipo de acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, só se fosse um psicólogo, tipo, pastor da igreja, que fosse convencer também que eu era pecador. (Pedro)

Apesar disso, ele contou que seu irmão frequenta uma psicóloga, bastante conservadora, mas que ele vai "porque como eu falei, como a gente foi criado na cultura do medo, a ansiedade ela é real", e que conversando com seu irmão, ele lhe contou que "ela ainda chora, se ela falar sobre o assunto ela chora", se referindo a sua mãe.

Durante uma conversa com sua avó, Pedro foi perguntado porque ele não queria que ele soubesse sobre sua homossexualidade. Ele disse que nunca tinha dito isso, e perguntou de onde tinha vindo essa informação.

Aí ela falou que foi minha mãe que disse isso: 'que meu avô teria muita vergonha de saber, que eu tinha pedido pra não contar', só que eu nunca cheguei a pedir isso, assim, sabe? E aí isso criou muito sentimento de que meus pais estavam com vergonha de mim. Até porque eu cresci com meu pai falando assim: nossa, fulano é muito bom, o único problema dele é que ele é gay. (Pedro)

Ele também conta, que perdeu muito do contacto que tinha com sua família, e que seu pai cortou muito do apoio financeiro que ele dava para ajudar nas suas despesas com a faculdade, mantendo apenas os custos que eram debitados diretamente no cartão. E qualquer gasto tinha que ser feito com o cartão de crédito, para que ele pudesse controlar e "evitar o dinheiro fosse gasto com motel". Depois de um tempo, Pedro recebeu um pedido de perdão pelo seu pai:

E eu cortei vínculos com a minha família, sabe? Eu parei de visitar meus avós, eu parei de visitar meus pais, no meu aniversário eu recebi um pedido de voltar pra igreja eu não recebi parabéns. É tipo: que Jesus me amava e coisas do tipo. E aí, acho que foi uns seis meses mais ou menos depois, meu pai mandou mensagem pedindo perdão, que ele não tava dando exemplo de amor de crente, sabe? Não tava dando exemplo de amor. E aí, eu não tive nem reação com essa mensagem né? A parte de mim, já estava bem machucada. E desde então, desde essa mensagem, a gente simplesmente ignorou o assunto. Agora a gente não fala mais sobre, o assunto relacionamento não é mais pautado de vez em quando eu solto algumas coisas, mas tipo, é como se eu não tivesse mais uma sexualidade, entende? (...) Eu sou bloqueado nas redes sociais dos meus pais, tipo, eles não me seguem nas redes sociais, porque eu passei a postar foto do meu namorado lá, e eles realmente escolhem ignorar a minha sexualidade, assim. (Pedro)

José comenta que, faz um tempo que saiu da igreja, e de lá para cá, enxerga alguns avanços na igreja de onde ele era. Apesar disso, ele não se vê mais frequentando uma igreja evangélica, por conta deste estigma que considera que o gay carrega, mesmo que cumpra todo o código de conduta. José relata que na igreja, ele foi bem-vindo no primeiro dia, e depois os códigos de conduta foram sendo expostos, e afirma que na igreja: "Você tem que se moldar da forma que eles acham que é

conveniente pra eles. Pra não envergonhar eles, não envergonhar o nome da igreja deles”. E que mesmo você cumprindo todo o código, carregará um eterno estigma negativo.

Você vai sempre ser o gay, que você que cantou, você que olhou, você que investiu, nunca vai ser o contrário. Na verdade, é muito humilhante, ser gay e estar dentro de uma igreja. Porque sempre vão desconfiar de você, sempre vão desconfiar da sua postura, sempre vão desconfiar da sua intenção, porque sempre vão achar que a sua intenção é uma intenção sexual. Então, hoje, sinceramente, pra mim, não vale a pena estar dentro de uma igreja. (José)

Ele contou alguns dos reflexos que sentiu, depois de tudo, e depois que ele saiu dessa igreja:

Eu só consegui conquistar (...) alguma coisa de estudo depois que eu saí de lá. Porque por mais que eles falem que você é capaz, a tratativa deles é te amarrar de uma forma que nem estudar você consegue. Você tem que ficar focado pra eles, é *full-time* pra eles. Então, você se anula pra viver uma vida deles, não com eles. Você se anula pra servir eles. Hoje, eu sou infinitamente mais feliz. (...) A gente cresce e aprende a responder pela gente, não deixar ninguém falar pela gente. A gente tem voz. (...) Eu conquistei coisas culturais, de entender até a questão da homossexualidade depois que eu saí, porque você fica com a mente meio que aprisionada. Você começa a olhar pros outros, que são iguais a você também, com julgamento, porque você é muito julgado. E aí, se pra você é errado, pro outro também é errado. (...) A gente só se conhece, infelizmente, quando a gente sai da igreja, falando do contexto religioso, né? E aí a gente se surpreende, porque a gente descobre o quanto a gente era maravilhoso, e as pessoas faziam questão de falar que você não era. (José)

Apesar de narrativas tão fortes, José falou quatro vezes em sua entrevista que sua história não era a melhor e que, com certeza, tinham pessoas com histórias muito piores, de pessoas que foram abusadas, tendo inclusive contado algumas que eram de seu conhecimento: “assim, eu falei de mim, mas acho que eu não sou a melhor pessoa pra falar de trauma dentro da igreja, porque tem gente que deve ter sido muito abusado” (José). Essa é uma fala que chama a atenção, e que não estiveram presentes nos demais relatos. Uma hipótese que parece justificar sua invalidação da vivência, seria comparação com histórias de vida de violência física. Entretanto, apesar da não

existência de um relato de violência física, a violência se manifesta de diversas formas, e não existe escala de intensidade da violência, que impacte na sua reprovabilidade.

### 3.3. Para além dos códigos de honra evangélicos

Os relatos colhidos narram muitas vezes situações relacionadas com a honra, o respeito, a imagem de estima que se tem, seja pela família no qual o homossexual esteja inserido, seja pela igreja na qual ele esteja inserido, mas essas menções nunca são em proteção ao homossexual, sempre em proteção à religião. Essas preocupações estão intimamente relacionadas com os códigos morais de cada e com o reconhecimento pela estima, ou “honra pelos pares” (Appiah, 2012:19). E no caso do estudo, foi identificado que os pares atuam, muitas vezes, de forma excludente aos homossexuais.

Além disso, observou-se uma grande diferença nos relatos entre as denominações (neo)pentecostais e as denominações históricas. Dentro das denominações históricas, foi relatado um desconforto originado nos próprios homossexuais, por saber estarem indo contra o código da igreja. Já da parte (neo)pentecostal houve relatos mais abertos e incisivos, direcionados a esses homossexuais.

Em todas as denominações, a heteronormatividade foi mencionada, e ela se configura quando a única forma aceita como natural é a de relacionar-se heterossexualmente (Albuquerque et al., 2013:517). Pelos relatos, essa opressão do homem sobre a mulher ficou mais evidenciada nos dois relatos (neo)pentecostais. Um dos fatos que podem ter sido significativos para essa diferença, podem estar relacionados ao fato dos homossexuais das linhas históricas serem ambas identificadas pelo género feminino, e os dois homossexuais das linhas (neo)pentecostais terem sido

ambos do gênero masculino. E isso pode ter sido uma das justificativas para essa diferença.

De toda forma, observamos que nenhuma das fontes permaneceu na igreja após sua saída do armário, e todas, independente de seguirem professando uma fé evangélica ou não, demonstraram desconforto nessa continuidade no pertencimento à igreja. Assim, encontramos como resultado principal que apesar de haver um relato de aumento da tolerância e do respeito dentro das igrejas, as vivências individuais ainda não evidenciam haver um ambiente seguro e de paz, onde seja possível professar a fé evangélica e ser homossexual.

Os entrevistados também foram perguntados se percebiam alguma diferença entre o nível de intolerância nas capitais e em cidades de interior, tendo todos afirmado que percebiam diferenças. José afirmou que na capital, as pessoas convivem com a diferença o tempo todo, nas ruas, e que considera que a percepção das pessoas lá é mais evoluída por conta disso. Ele também falou que o aumento da proporção dificulta o controle individual, o que limitaria a possibilidade de saber e intervir na vida do outro.

Na verdade, o outro passa a não ser mais perceptível, então o que ele faz não me interessa. Talvez, na capital, a sua percepção, o relato de alguém possa ser esse: eu sou imperceptível. Porque é um mundo, entendeu? E as pessoas já estão acostumadas na rua a lidar com a diferença. Por mais que eles achem que é pecado, que vai pro inferno, que é errado, mas é uma busca individual sobre Deus, você precisa se libertar, o problema é seu, entendeu? É diferente das pequenas igrejas, das pequenas cidades, que todo mundo se acha no direito de se envolver no seu problema, de se envolver na sua história, entendeu? (José)

De toda forma, essas diferenças ainda não ficaram claramente evidenciadas na comparação dos relatos de Marabá/PA e Resende/RJ, carecendo de um maior número de relatos e estudos, para que seja feita qualquer afirmação nesse sentido.

## 4. BRECHAS NA MOBÍLIA HOMOFÓBICA EVANGÉLICA: DISPUTAS EM REDOR DO ACOLHIMENTO EVANGÉLICO À COMUNIDADE HOMOAFETIVA

---

Neste capítulo, vou fazer um mapeamento da controvérsia que cerca o acolhimento de homossexuais pelas igrejas evangélicas, onde múltiplos atores têm influenciado na sua abertura e movimentação. Como motor de abertura, o tema movimentou o cenário evangélico e convidou denominações e múltiplos outros atores a um posicionamento. O meu objetivo é seguir atores e mapear as esferas de agência dentro dos debates atuais de (des)acolhimento, e observar como as tentativas de mudanças morais se concretizam no cotidiano cultural-religioso, através da abertura e fechamento de controvérsias.

Para isso, foi utilizada a metodologia qualitativa de pesquisa etnográfica, aliada aos métodos da Teoria Ator-Rede (TAR) para seguir, identificar e mapear os múltiplos atores envolvidos na controversa revolução moral evangélica, buscando identificar as principais motivações e resistências ao acolhimento evangélico. Para coleta de dados, foi realizada pesquisa nos sítios eletrônicos de variados veículos da imprensa nacional, repositórios acadêmicos e utilização da etnografia digital nas redes sociais do motor da controvérsia, que foram utilizados na construção de um diagrama actorial das principais influências na movimentação.

Por tratar-se de uma controvérsia ainda em movimento, tudo ainda está em curso, mas este mapeamento preliminar servirá de base para futuras análises que poderão incluir novas inscrições de pontos de abertura e fechamento da controvérsia. Pretendeu-se investigar de que forma o mapeamento de controvérsias e a TAR podem ser úteis nos processos de acompanhamento de aberturas e fechamentos e nas

mudanças de paradigma social e moral no mundo religioso, e assim acompanhar com maior clareza a movimentação de uma revolução moral e seu jogo de identidades.

## 4.1. Teoria Ator-Rede, religião e homofobia evangélica

A metodologia da cartografia de controvérsias, que aqui chamarei de mapeamento de controvérsias, é composta por um conjunto de técnicas para explorar e visualizar questões, se constituindo como o exercício de elaborar dispositivos para observar e descrever um debate, especialmente, mas não exclusivamente, em torno de questões tecnocientíficas (Venturini, 2010). Ela foi construída a partir da teoria do ator-rede (TAR), desenvolvida por Bruno Latour, Michel Callon e John Law, entre outros, e vem sendo amplamente difundida dentro e fora do domínio de estudos de ciência e tecnologia a partir de então. Seu ponto disruptivo consiste na resignificação do conceito e abrangência do social como uma busca por reassociações ao invés de repartições lógico-científicas, e analisando os atores de forma mais simétrica entre humanos e não humanos.

À partir de observações feitas no MediaLab<sup>14</sup> do Sciences Po foi percebido que a repartição científica tradicional, entre natureza e cultura, ignorava importantes interseções e conexões, principalmente, no que se refere às influências dos atores não humanos e das interseções entre natureza e cultura, que acabavam ignoradas na abordagem tradicional (ou sociologia do social, como ele denomina) de setorização das áreas de conhecimento (Latour, 2012). De acordo com Latour, é preciso tomar o cuidado de não restringir, de antemão, a abrangência do social a um domínio limitado e

---

14 O MediaLab do Sciences Po foi o primeiro laboratório experimental com o intuito de usar métodos da web para construir novos caminhos para a pesquisa sociológica. Para saber mais, consulte [www.medialab.sciencespo.fr/](http://www.medialab.sciencespo.fr/).



específico durante a prática científica, porque segundo ele, não existe algo que possa ser definido como não social (ibid:24). Dentre muitos exemplos dados, Latour cita a quarentena feita por conta do vírus SARS como um exemplo de como um vírus, a epidemiologia e a virologia impactaram as associações entre parentes e amigos. Esse exemplo me pareceu muito pertinente ao cenário atual de enfrentamento da pandemia do Coronavírus e às medidas sanitárias adotadas ao longo do mundo. Essa realidade tem feito parte do nosso cotidiano, e demonstra como a divisão clássica entre natureza e cultura já não se demonstra suficiente diante da complexidade da realidade e do fazer científico.

Partindo dessa premissa, a teoria do ator-rede é uma tentativa de defender o reagregamento do social, e o método de cartografia de controvérsias associado a esta teoria é um instrumento de mapeamento didático das associações entre atores humanos e não humanos que moldam o processo de construção científica. Reconstituídas estas associações, torna-se possível montar diagramas de fácil visualização que mostram a movimentação dos vários atores humanos e não-humanos em torno de questões particulares, desconstruindo desta forma a tradicional separação entre natureza e cultura, separação essa que nunca fez muito sentido mas que com as crises ambientais da presente era deixaram de fazer qualquer sentido.

Hoje, o método vem sendo útil no estudo da construção do saber científico das mais diversas áreas, desde a Arquitetura (Yaneva & Heaphy, 2012), passando pelos estudos de redes sociais (Marres & Moats, 2015), de turismo (Delgado & Andrade, 2018), dentre muitos outros. E os estudos antropológicos da cultura e religião não ficaram de fora, já que controvérsias culturais e religiosas também passaram por essa desconstrução da separação entre natureza e cultura, e o seu estudo não pode ignorar a existência de atores e influências não humanas. Prova disso é o próprio poder de influência de Deus, da Bíblia e da tradição para os cristãos; esses atores não são propriamente humanos, e é inegável a força que exercem na construção do viver e do associar-se religioso.

Dentre os muitos autores que passaram a contribuir e aplicar o mapeamento de controvérsias, a contribuição de Venturini (2010) permite identificar o método como uma prática científica sem tanta subtileza teórica, isto é, sem ser excessivamente rebuscado e abstrato. Exatamente por isso, ela foi escolhida como ferramenta para a construção deste capítulo, ao torná-lo de fácil compreensão e aumentando o alcance das reflexões. E ao fomentar o debate, objetiva-se contribuir para a construção de pontes para o diálogo e para a diminuição das violências derivadas da homofobia religiosa.

Apesar da homofobia ter sido criminalizada no Brasil em 2019, essa criminalização ainda encontra-se muito frágil. Isso porque a decisão judicial proferida pelo Supremo Tribunal Federal brasileiro equiparou-a ao crime de racismo, por considerar as características de ódio e desumanização de um grupo marginalizado similares (STF, 2019), mas pelo caráter mutável das decisões judiciais, não assegura proteção permanente, passível de mudança de entendimento a qualquer momento. Ressalte-se que a homofobia enquanto crime ainda não é uma unanimidade na opinião pública, o que fica demonstrado pela constante ameaça política aos direitos homoafetivos no Brasil.

É interessante observar que desde a página que torna pública essa ação judicial e sua decisão, o processo encontra-se vinculado à agenda 2030 da ONU, em respeito ao cumprimento de dois, dos dezassete, objetivos que compõe o acordo pactuado na Assembleia Geral das Nações Unidas de 2015: redução das desigualdades, e paz, justiça e instituições eficazes. Essa vinculação a objetivos e compromissos perante a comunidade internacional fortalece a decisão quando não é tão popular quanto deveria, e fortalece a legitimidade da decisão. Mesmo assim, essa força vinda “de cima” é percebida de forma mais frágil do que proteções originadas por um processo legislativo convencional, uma vez que são instauradas por representantes escolhidos pela população, que com todas as críticas que possam ser feitas, compõe o processo democrático brasileiro. Na decisão do Supremo Tribunal Federal brasileiro, essa questão é percebida quando eles decidem pela criminalização levando em conta a mora

legislativa, isto é, a resistência do Congresso Nacional brasileiro em proteger uma parcela da população por conta de opiniões e preconceitos pessoais, e essa resistência manteve muitos em condição de vulnerabilidade. Apesar do apontamento, até hoje a proteção dada ao grupo se mantém judicial e o Congresso segue ignorando e resistindo, o que poderia apontar para uma ausência de mudança na estrutura brasileira sobre a tolerância e a inclusão da diversidade sexual. Mas, essa seria uma falsa conclusão, como veremos ao longo do capítulo.

Para fazer uma breve contextualização teórica, indico os estudos de Paul Freston, que mapeou o cenário pentecostal brasileiro de 1987 a 1992 (Freston, 1993), e de Sales e Mariano num contexto mais atual (Sales & Mariano, 2019). Esses estudos auxiliaram a identificar alguns atores que influenciaram no aumento do ativismo político evangélico, que vem movimentando uma onda conservadora, apesar da existência de um movimento evangélico chamado de progressista, nome utilizado pelos próprios líderes religiosos que assim se intitulam e também por alguns acadêmicos dos estudos da religião. O grupo evangélico denominado por progressista é narrado até o estudo de Sales e Mariano como de pouca visibilidade e de atuação predominante, e quase que exclusivamente, em mídias digitais.

Dado o contexto e o cenário, para este capítulo, centralizamos a abertura da controvérsia no discurso do acolhimento religioso de homossexuais, pois como já mencionado, mesmo após a decisão de criminalização da homofobia, os debates sobre o tema não se deram por encerrados, e portanto, não cessaram as aberturas de controvérsias envolvendo a desconstrução dos mecanismos que mantêm a homofobia no imaginário popular religioso. Portanto, dentre a polarização existente entre a teologia inclusiva e o conservadorismo evangélico, partimos do discurso de Ed Renê Kivitz, feito no dia 25 de outubro de 2020, e da intensa movimentação de opiniões sobre a atualização da interpretação bíblica para seguir a movimentação sobre o acolhimento de homossexuais no movimento evangélico. E para a inscrição dos atores e elaboração

do diagrama actorial, utilizamos o mesmo critério usado por Yaneva e Heaphy (2012) de perguntar se a presença ou ausência de um ator fez alguma diferença.

Para tanto, pretendeu-se: a) identificar os principais atores que determinaram a abertura e o caminho da controvérsia; b) analisar eventuais mudanças nos discursos ao longo dos meses e tentar identificar as motivações e as bases teóricas; c) identificar se houve defesa da heteronormatividade e/ou da homofobia; d) identificar se houve encaminhamento para o fechamento da controvérsia e qual a direção do reposicionamento da moral.

Dessa forma, ao longo do capítulo será apresentada a pregação de atualização da Bíblia para acolhimento de homossexuais e reconhecimento da homofobia como parte da história evangélica como o ponto de entrada da controvérsia. Seguiremos na identificação dos atores que atuaram como resistência e oposição à ideia de acolhimento, demonstrando como a denominação batista se posicionou de forma coercitiva ao discurso de acolhimento, e como a heteronormatividade se evidenciou como parte da tradição evangélica que ainda ecoa na cultura evangélica. Apesar disso, demonstraremos como a teologia inclusiva vem tendo cada vez mais repercussão e como a pandemia e as medidas sanitárias agiram fortemente para o aumento das reflexões sobre o acolhimento e sobre a tolerância à diversidade. Como conclusão, será demonstrado como o método foi útil na percepção de que a controvérsia ainda está em movimento, e que os debates produzidos auxiliaram a produzir reflexões sobre a violência homofóbica evangélica e que independente das opiniões pessoais, impulsionou o pensamento sobre a tolerância e o respeito, direitos humanos básicos para o sucesso de uma democracia, como é o Brasil, e para sobrevivência da humanidade, uma vez que a diversidade é característica indissociável da existência humana.

## 4.2. O ponto de entrada: a polémica pregação que movimentou os evangélicos

Como este capítulo trará muitas histórias e variados atores, elaborei uma linha do tempo para que o leitor ou a leitora consiga acompanhar melhor os acontecimentos e visualizar melhor a controvérsia a ser analisada (Figura 2).



Figura 2. Linha do tempo da controvérsia com as principais inscrições actoriais

O dia 25 de outubro de 2020 agitou o cenário evangélico brasileiro. O canal de *YouTube* da Igreja Batista da Água Branca<sup>15</sup> publicou uma pregação do pastor batista Ed Renê Kivitz a abordar dois assuntos que, tradicionalmente, são vistos como tabus no meio evangélico: a atualização da interpretação bíblica e a homossexualidade. Para o pastor, dependendo de como abordamos os textos bíblicos, podemos legitimar

<sup>15</sup>Canal: Oficialibab. Link: <https://www.youtube.com/user/oficialibab>. No dia 05 de fevereiro de 2021, o vídeo no Youtube contava com 398.795 visualizações, com um engajamento virtual marcado por 14.115 sinalizações de aprovação (gostei), contra 12.970 de desaprovação (não gostei), e teve os comentários desativados.

violências que se tornaram inaceitáveis com o avanço do conhecimento e da humanidade.

Kivitz constrói a pregação com base na carta que Paulo escreveu a Filemon, e que na Bíblia evangélica é o livro de Filemon. Ele argumenta que na época da escrita bíblica, havia um cenário de tolerância e naturalização da escravidão, e usa esta ideia para demonstrar que a interpretação literal pode apresentar armadilhas que fariam com que situações de violência e exploração humanas fossem justificadas por textos bíblicos. Por conta disso, ele defendeu a necessidade de uma reinterpretação dos textos, que supere a literalidade tradicional.

Segundo ele, a Bíblia precisa ser interpretada como um todo, conversando com os demais princípios descritos nela, e fugindo do destacamento de um texto para sua aplicação como norma moral. Isso porque, a Bíblia traria uma mensagem de igualdade, que se oporia a qualquer relação de desigualdade. Durante o vídeo, ele afirmou estar consciente da repercussão que uma palavra de acolhimento poderia vir a ter, e que ir contra um pacto moral pode ser complexo e exigir coragem, o que demonstra seu conhecimento sobre a espinhosidade do tema frente a tradição evangélica.

Você tá entendendo o que vai acontecer aqui a minha volta? E o Paulo sorrindo diria: sim, é claro que eu to entendendo e é isso que eu quero ver se você vai ser capaz de fazer. Porque essa é a grande novidade do evangelho. É isso que significa ter Jesus como senhor. Eu quero ver se você vai fazer. E se você fizer eu sei que isso tem efeito cascata. Eu sei que isso repercute. (Kivitz, 2020)

Kivitz ainda direciona uma mensagem de acolhimento aos que já foi violentados pela religião evangélica, e se posiciona pela igualdade e dignidade dos marginalizados, e contra qualquer inferioridade na igreja. Para um espectador desatento, a mensagem inicial parecia conduzir a uma busca pela igualdade e dignidade submissa, mantendo o silenciamento da conservação da moral. Entretanto, antes de terminar, fica evidente a pretensão de convite à saída do silenciamento das violências em direção à reparação. Para isso, ele assume a posição de reconhecimento, dentre os mecanismos

de defesa do ego (Kilomba, 2019), melhor explicados no terceiro capítulo dessa dissertação.

Eu preciso admitir que eu convivo pacificamente, não só pacificamente, mas passivamente com relações hierarquizadas. E eu perpetuo relações de injustiça e relações desiguais no meu mundo, eu convivo com isso. Eu convivo com isso, enxergando, e: ah, ok. O mundo é assim. Então, eu tenho que assumir o meu pecado. Eu sou um homem de lábios impuros que habita no meio de um povo de impuros lábios. O pecado não está só no povo, o pecado está em mim. (...) Enquanto nós, que ocupamos lugares de privilégios, não admitirmos que esses lugares que ocupamos estão marcados por uma história de injustiça, de usurpação, de crimes, que nos trouxeram a esses lugares. Enquanto pessoas estão subalternizadas, enquanto pessoas estão com a sua dignidade sofrendo violências todos os dias, enquanto nós não admitirmos isso, que nós fazemos parte dessa estrutura, que nós somos parte do problema, nós não poderemos nos oferecer como parte da solução e da profecia do evangelho para nossa sociedade. Por que? Porque alguém deverá profetizar contra nós. Começa com arrependimento, com as relações de injustiça dentro das nossas próprias comunidades religiosas, dentro das nossas estruturas familiares. Então, começa com o reconhecimento do nosso pecado. (Kivitz, 2020)

Ele também faz algumas afirmações que causam indignação em alguns evangélicos ao afirmar que a Bíblia seria um livro insuficiente no sentido de sua literalidade e como modelo ético cultural, e portanto, a gente precisaria atualizar a Bíblia para ir além da literalidade dos textos e buscar a revelação que ela traz em suas entrelinhas, dando exemplos de violências que poderiam ser justificadas por uma interpretação literal da Bíblia, e aborda a questão da homossexualidade dentre elas.

Então, se queremos ser cartas para o novo mundo, se a igreja quer ser carta para o novo mundo, nós vamos precisar atualizar a escritura, e vamos ter que fazer essa atualização e ter essa coragem de enfrentar os pecados de gênero da nossa sociedade. De enfrentar a questão da homossexualidade, da homoafetividade, e dos gays que frequentam as nossas comunidades, que estão dentro das nossas comunidades mas continuam sendo condenados ao inferno por causa de dois ou três textos bíblicos que não foram atualizados. Nós vamos ter que ter coragem de enfrentar isso. (ibid)

Completando sua argumentação, ele conclui afirmando que o mundo mudou e que a Bíblia não é um código moral que determina como devemos nos comportar em sociedade.

Não é possível tratar a Bíblia como um texto que revela verdades absolutas, porque nós não somos os seguidores de um livro, nós somos seguidores de

Jesus Cristo. E esse texto é palavra de Deus que é viva, e que não é um código moral, que diz como devemos nos comportar em sociedade. (ibid)

Assim que o vídeo foi ao ar, o debate gerou uma grande repercussão no meio evangélico, parecendo haver um sentimento compartilhado de necessidade de defesa do seu conjunto de crenças. Essa controvérsia marcou minha experiência no terreno, e por isso foi trazido para este capítulo. Foi percebido um aumento temporário da hostilidade e da agressividade no posicionamento de oposição aos homossexuais e aos discursos de tolerância e inclusão religiosa.

Os argumentos levantados a seguir, nos permitiram perceber que a identidade evangélica enquanto conservadora de uma moral heterocentrada foi e tem sido posta em discussão, o que tem gerado uma fragmentação da identidade evangélica entre progressistas e conservadores, que pode ser identificado como um “jogo de identidades” (Hall, 2020). Essa divisão também pode ser situada no campo do público e contra-público (Warner, 2002), mas optamos pela narrativa identitária por perceber como a fragmentação e a construção desse contra-público progressista, motivou o público conservador numa busca pela invalidação e exclusão não somente dos discursos discordantes como dos que ousaram defendê-lo. Assim, a construção desse jogo ultrapassou o campo discursivo, e adentrou uma disputa pela pureza da identidade cristã e qual seria a sua melhor construção, a mais correta e mais fiel à religião. Demonstramos, portanto, uma disputa identitária, em que um tenta deslegitimar o outro, como uma resposta em defesa do que cada lado considera ser o cristianismo mais correto.



### 4.3. Política sanitária, gestão da pandemia e redes sociais como propulsores da controvérsia

Para contextualizá-los sobre o contexto que antecedeu a abertura da controvérsia descrita nesse capítulo, é importante destacar que desde o dia 07 de junho de 2020, Kivitz já havia demonstrado uma fé mais engajada socialmente, ao defender um mundo sem racismo em sua pregação dominical<sup>15</sup>. Na ocasião, ele afirmou que “para superarmos o racismo, nós precisamos admitir o racismo, nós precisamos confessar o racismo, nós precisamos desenvolver políticas públicas contra o racismo” (Kivitz, 2020).

a negação do racismo é um ato racista, porque evidencia a nossa insensibilidade para com a dor e o sofrimento para com os nossos irmãos negros e negras, negar a dor e o sofrimento é negar uma identidade, é negar uma história, é negar a legitimidade de um povo. (Kivitz)

Os mecanismos trazidos e defendidos por ele nessa ocasião, remetem aos estudos de Paul Gilroy e Grada Kilomba sobre a defesa do ego racista e como sair da posição de silenciamento de violências (Kilomba, 2019). Sua colocação acerca da necessidade de reconhecimento da homofobia nas igrejas, nos vídeos de outubro de 2020, remetem à mesma construção lógica desenvolvida em junho, que busca caminhar para a reparação dessa violência.

Ao analisar as estatísticas de engajamento pelo número de visualizações dos vídeos do *YouTube* (ver *Figura 3, abaixo*), percebemos que o engajamento do canal em 2020 foi marcado por dois picos de aumento de inscritos e de visualizações: em março de 2020 e em outubro de 2020. Março foi marcado pelo início das políticas sanitárias para controle da pandemia do coronavírus, no Brasil, e pela determinação de paralisação dos cultos religiosos coletivos presenciais. O segundo pico, em outubro, foi marcado pela abertura da controvérsia e sua movimentação, principalmente, através das redes sociais e sites de notícias *gospel*.

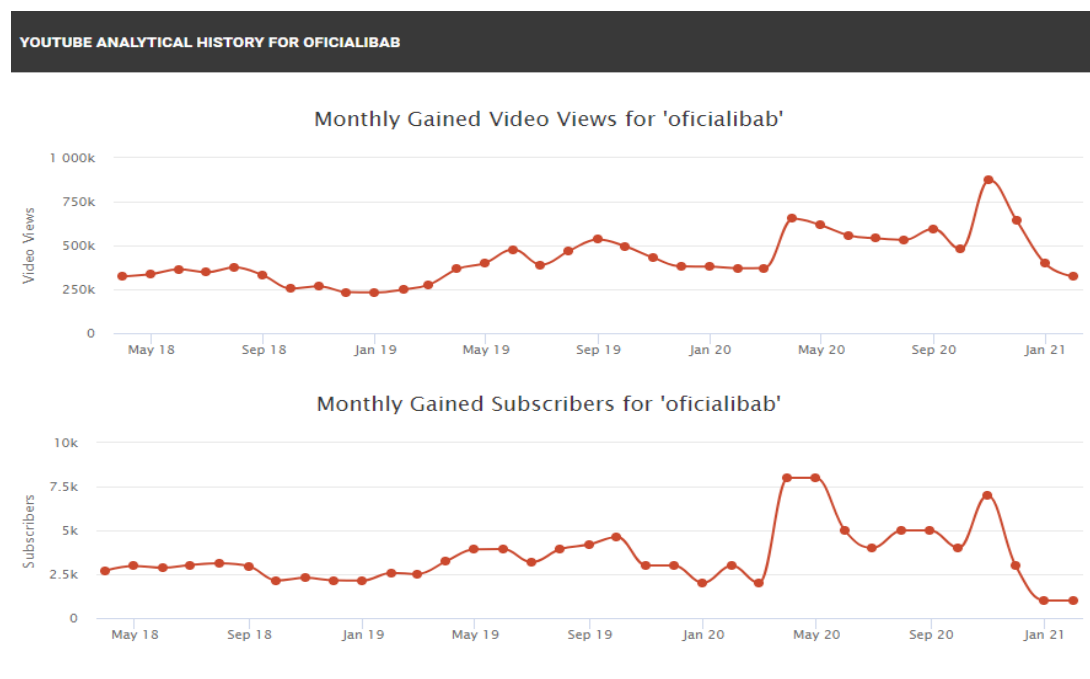


Figura 3: Gráfico de interações mensais do canal *oficialibab*.

Fonte: socialblade.com

Se antes da pandemia, evangélicos progressistas eram vistos como minoritários e de baixa visibilidade, por atuarem, predominantemente, através dos meios digitais (Sales & Mariano, 2019), a pandemia e as políticas sanitárias colaboraram para que houvesse um aumento da visibilidade desses grupos, que acabaram por ganhar uma maior projeção em relação à que experimentavam antes. Entretanto, também é verdade que não foi um fenômeno exclusivo da linha progressista. Todas as linhas evangélicas e não evangélicas dependeram da ocupação das plataformas digitais, uma vez que foram proibidas as reuniões religiosas de forma presencial.

Nesse contexto, o apoio político da bancada evangélica ao presidente Jair Bolsonaro também se demonstrou como um motivador para que evangélicos discordantes de sua visão política fossem convidados a se manifestar, reforçando a divisão entre progressismo e conservadorismo, que se relaciona intimamente com a divisão política polarizada entre esquerda e direita. Apesar de correr o risco de cair nessa polarização simplista, que acaba por ignorar a complexidade dos discursos,

percebemos como essa dicotomia acabou atuando para fabricação e distanciamento dos referidos grupos, e para a construção do poder simbólico em cada grupo, e por isso, utilizamos aqui essas nomenclaturas para a melhor compreensão.

A rede social Instagram se demonstrou como a melhor, dentre as redes sociais, para análise da movimentação do controvérsia e da métrica de comentários ao longo dos meses de outubro e novembro, conforme podemos verificar nas métricas de engajamento expostas na Figura 4. A escolha se deu em virtude de ter sido a rede mais utilizada por Kivitz, que abriu a controvérsia e foi determinante na sua projeção, em virtude da visibilidade que sua pessoa pública possui. Apesar do Twitter também ter sido bastante utilizado para os discursos de refutação, eles ganharam maior notoriedade pelos portais de notícias evangélicas do que pelo *tweet* em si.

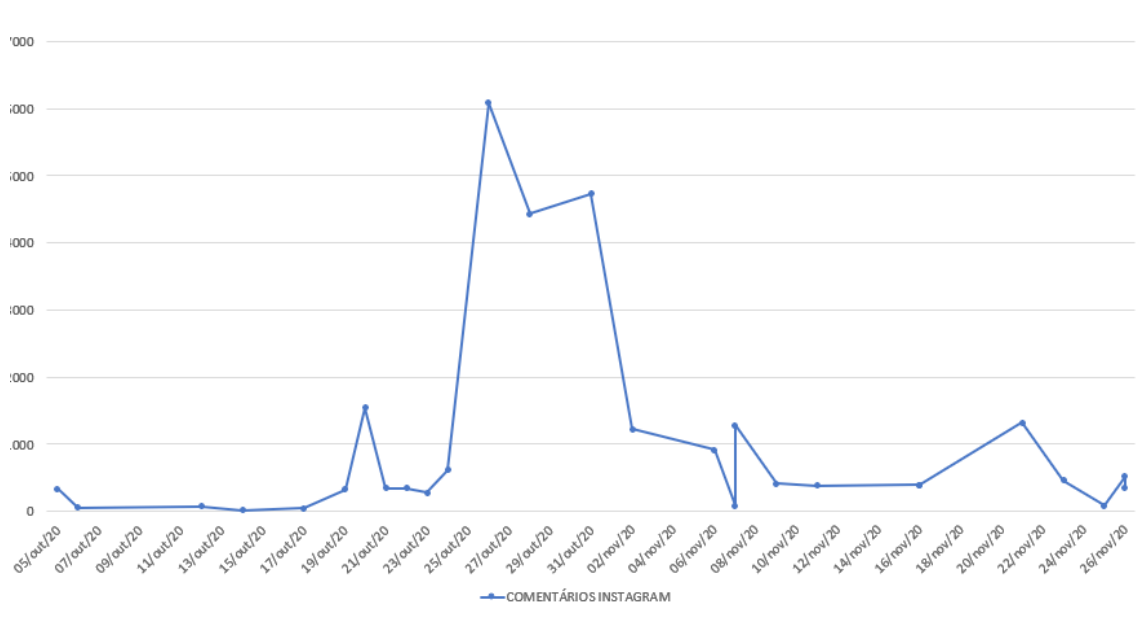


Figura 4. Variação no engajamento de comentários em outubro e novembro/20.

Fonte: Instagram

Dentre as postagens, uma diversa lista de leituras pode ser encontrada, com a presença de livros relacionados ao estudo do racismo e da homofobia. Em publicação de 17 de outubro de 2013, data bastante anterior ao ponto de entrada desta controvérsia, pudemos encontrar o livro “Entre a Cruz e o arco-íris” (César, 2013), que

tece uma crítica à leitura feita dos textos bíblicos condenatórios da homossexualidade e à exclusão dos homossexuais da fé evangélica. No dia 24 de outubro de 2020, seu *post* trouxe uma legenda que parecia prever a controvérsia que estava por abrir, no dia seguinte.

Entre os princípios distintivos do protestantismo estão a liberdade de consciência, a competência do indivíduo diante de Deus, e o livre exame das Escrituras. Cada ser humano responde por si mesmo diante de Deus; a Bíblia é o testemunho autoritativo a respeito da revelação que Deus faz de si mesmo em Jesus Cristo – o Logos que se fez carne; o Espírito Santo é quem nos guia ao conhecimento da verdade-Verdade-Jesus, o Cristo. Muita gente, entretanto, confunde livre exame com livre interpretação das Escrituras. Afirma absolutas e irrefutáveis suas interpretações particulares da Bíblia, deixando de levar em consideração mais de dois mil anos de tradição cristã, inclusive a diversidade dessa tradição a partir dos diferentes contextos históricos, sociais e culturais onde a semente do Evangelho frutificou. Inadmissível a arrogância dessa gente que não sabe a diferença entre Bíblia e Evangelho, versículo bíblico e palavra de Deus. Urgente a necessidade de superação da mentalidade que pretende o monopólio da verdade e enxerga a vida com as lentes estreitas e distorcidas de uma religiosidade que não experimentou a metanóia na conversão ao Cristo de Deus. Preguiça de discutir Bíblia com quem não estuda. (Kivitz)

Sua legenda traz a presença de algumas influências em sua experiência religiosa: os princípios do protestantismo que justificam a possibilidade do pensamento livre, atrelado ao estudo e a busca do conhecimento histórico, social e cultural. Tanto os princípios do protestantismo quanto as suas leituras e estudos funcionaram ativamente como atores para a abertura da controvérsia.

Durante a movimentação da controvérsia, o *Instagram* de Kivitz indicou claramente uma crescente de seguidores (Figura 5), normalizada após a polêmica, mas crescente ainda assim. A relevância de seu posicionamento se percebeu relacionada: ao fato de ele ser pastor de uma denominação histórica – batista; ser o líder evangélico progressista sem filiação político-partidária, com maior número de seguidores no Instagram; e ser uma figura pública influente e recorrente em medias seculares<sup>16</sup>. Por

---

16 Secular é um termo utilizado para denominar ambientes não confessionais, apesar de ser problemático, por poder reforçar uma falsa ideia de neutralidade ou de isenção de influência da religião. Não é o aqui pretendido, mas explicar a abrangência da publicidade da figura pessoal de Kivitz. Para mais sobre a falsa neutralidade atribuída ao termo secular, buscar em Calhoun (2010) e Dullo (2012).

tudo isso, seu posicionamento explícito sobre o tema foi determinante para a abertura e determinação da influência da controvérsia.

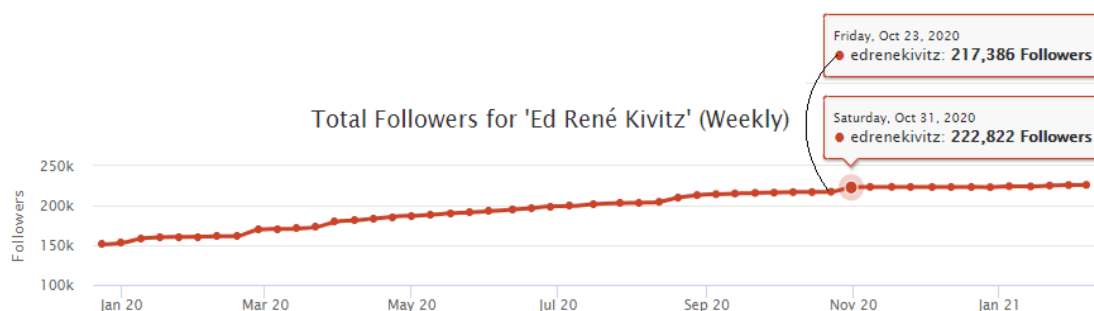


Figura 5. Número total de seguidores no Instagram ao longo das semanas.

Fonte: *Socialblade.com*

Muito do que Kivitz e outros de sua linha teológica defendem é que uma leitura fundamentalista colocaria a Bíblia como superior a Deus e Jesus, e que conservar padrões morais da época, seria ignorar o evangelho de Cristo, que se sacrificou para salvar pecadores sem exigir contrapartida. Para eles, sendo Deus vivo e amante do pecador, não faria sentido colocar a lei moral bíblica em um patamar superior ao amor de Deus que salvou a qualquer que crer nessa premissa. Já para os refutadores, a Bíblia exigiria uma contrapartida pela salvação a partir do momento em que cobra frutos para identificação dos santos, isto é, dos separados para Deus. Os discursos recorrentemente, trazem a escatologia (doutrina do fim do mundo) para o centro da argumentação, com temores associados à: separação entre ovelhas e bodes (ou joio e trigo), sendo as ovelhas (trigo) uma representação das pessoas que iriam para o céu e os bodes (joio) das pessoas que seriam condenadas ao sofrimento eterno; porta da salvação ser estreita justificaria temer a negligência à fidedignidade dos preceitos morais bíblicos tradicionais; versículos bíblicos que narram que no fim dos tempos haveriam muitos falsos profetas que conduziram muitos pelos caminhos de condenação.

## 4.4. Múltiplos atores envolvidos na movimentação da controvérsia

Entre os dias 26 e 29 de outubro, vários veículos de imprensa evangélica publicaram sobre o discurso de Kivitz. O primeiro foi o GospelPrime, que na chamada do dia 26 de outubro de 2020, trouxe: “René Kivitz fala em ‘atualizar a Bíblia’ para acolher homossexualidade: Pastor da Igreja Batista de Água Branca rejeitou inerrância bíblica” (Caceres, 2020a). No corpo da notícia, o jornalista e editor-chefe do site, questiona o título de teólogo de Kivitz ao contar sobre a mensagem que sugeria que homossexualidade precisava ser aceita. A notícia recebeu sessenta comentários, entre acusações de heresia e algumas poucas defesas do pastor. Ela foi replicada pelo site da Rádio 97WEB Baixada Santista (Caceres, 2020b), e nos dias seguintes, passou a movimentar os sites de notícias evangélicas.

Ainda no dia 26, o Instagram de Kivitz trouxe uma postagem explicativa de sua pregação, afirmando sua crença na atemporalidade bíblica a respeito da sua revelação (de que crer que Jesus havia morrido e ressuscitado pela humanidade seja o fundamento da salvação cristã bíblica), e criticou uma interpretação que negligencia essa revelação para congelar padrões e costumes de uma sociedade, eticamente, diferente.

A Bíblia é a palavra de Deus. Inspirada por Deus [2Timóteo 3.16; 2Pedro 1.20,21], é singular em sua autoridade, universal em sua revelação, e atemporal em sua validade. As prescrições morais bíblicas (normas de convivência e relações humanas e sociais), entretanto, refletem crenças, valores e práticas próprias do tempo e das culturas onde os textos sagrados foram escritos. A Bíblia, em suas linhas literais, é insuficiente para dar conta da complexidade da vida humana em sua evolução histórica. Quem lê apenas as linhas da carta de Paulo a Filemon, por exemplo, pode concluir a legitimidade da escravidão. Apenas quem é capaz de ler suas entrelinhas consegue discernir que a recomendação de receber um fugitivo “não mais como escravo, mas como irmão, porque estamos em Cristo” implica uma profunda revolução cultural, social, política e econômica. A Bíblia precisa ser interpretada e contextualizada, isto é, atualizada. Com a Bíblia na mão há ainda quem acredite na necessidade da submissão acrítica aos governantes, defenda a subalternidade da mulher em relação ao homem, e

sustente regimes racistas e segregacionistas. Mas também é com a Bíblia na mão que recebemos a revelação da ética do amor, que nivela todos os seres humanos como irmãos e irmãs, sob a bênção de “um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos”[Efésios 4.6]. A questão, portanto, não é se você acredita que a Bíblia é a palavra de Deus inspirada e inerrante. A questão é como você lê a Bíblia: como letra que mata ou como palavra de espírito e vida [João 6.63]. (Kivitz)

Nos comentários dessa publicação, assim como no terreno, o tema mais recorrente acerca da crítica da doutrina de acolhimento aos homossexuais foi a de acolher sem exigir mudança de prática, isto é, sem condicionar a salvação à reversão heterossexual. Para os críticos desse acolhimento, a prática homossexual é condenada biblicamente, e reinterpretar os textos que afirmam isso para acolher os homossexuais seria também um pecado condenável, porque eles teriam sido convencidos por uma falsa profecia. E nesse raciocínio, acolher exigiria o abandono da prática da homossexualidade, ainda vista por eles como uma abominação.

O pastor Anderson Silva publicou em seu Facebook, no dia 26, uma resposta sobre ter visto a fala de Kivitz, onde afirmou que ele já havia dito que Jesus ofereceu esperma a mulher samaritana, e escreveu que seus cachorros latiam melhor (Silva, 2020). Kivitz, em seu vídeo explicativo postado no dia 29, nega essa afirmação e alega nunca ter dito isso.

O cenário da pós verdade é trazido para a controvérsia, de maneira quase sutil, e em algumas construções lógicas observadas, a presença do uso da falácia lógica conhecida em português como falácia do espantalho se demonstrou. A falácia da espantalho é percebida quando a afirmação original e seu sentido são modificados (ou até inventados) para facilitar uma refutação e tornar a ideia original indefensável.

Historicamente, o papel da falácia do espantalho tem sido mostrar o perigos da mudança. Um punhado de reformadores ou radicais defensores de maior liberdade ou maior tolerância tem sido pisoteados até a morte por legiões após legiões de espantalhos, um após o outro, a clamar por anarquia, licença, a destruição da sociedade e o massacre de inocentes. (Tradução Livre. Pirie, 2006:157).

A partir do dia 27 de outubro, a repercussão foi aumentando cada vez mais, muito por conta da discussão formada virtualmente: defensores e refutadores, e como toda controvérsia da atualidade, muitos *tweets* sobre o tema. Outra reportagem do GolpelPrime, primeiro site a publicar sobre o vídeo, trouxe alguns pastores que se posicionaram contrariamente, no *Twitter*. Na ocasião, eles se colocam como pioneiros da notícia, e acabam funcionando como impulsionadores das refutações (Caceres, 2020c). Dentre os pastores citados como refutadores, estão lideranças de diferentes denominações neopentecostais. A notícia escolhe dar publicidade apenas aos posicionamentos críticos, e utiliza o termo “homossexualismo”, apesar do esforço que existe pelo seu desuso, pelo sufixo -ismo remeter à histórica patologização, indevida e cruel, de identidades.

A reportagem “Ed Kivitz e as Hermenêuticas das Minorias” (Valle, 2020), publicada no mesmo dia da anterior, afirma que sua linha doutrinária se alinhava com um liberalismo teológico que, “em seu fundamento, não crê que a Bíblia seja a palavra de Deus revelada aos homens, mas o resultado das percepções teológicas de um tempo que ficou para trás e, por isso, deve ser atualizada”. Na matéria, o exercício do evangelicalismo é colocado em oposição à chamada hermenêutica das minorias, que é posta como preconceituosa e que fortalece diferenças ao invés de extingui-las. Para ele, portanto, seria inviável defender minorias e ser cristão, assim como, atualizar a interpretação dos textos bíblicos de forma que contrarie o “grande lastro histórico da fé cristã”.

Conhecer as Escrituras e os pressupostos das minorias logo nos levará à condição de uma necessária escolha entre uma e outra. Se optarmos pelo evangelho, não precisaremos dos discursos ideológicos das minorias, mas se optarmos pelas ideologias das minorias, teremos abandonado o evangelho. O evangelho une, pois todos os homens estão na mesma condição diante de Deus e, em Cristo, retornam à essência do que é ser humano. Já as hermenêuticas das minorias separam. (Valle, 2020)

Valle avalia como um problema colocar a responsabilidade sobre a sociedade e não sobre o indivíduo, e afirma que “nesse caso, em uma perspectiva cristã



histórica, não deveria ser o homossexual a mudar, arrependendo-se de sua condição diante de Deus, mas a sociedade”. Esse argumento demonstra certa preocupação com uma mudança da tradição cristã, e também foi percebido no terreno, onde ecoou o discurso de ser um “absurdo adaptar a igreja ao pecador, ao invés de exigir que o pecador abandone o seu pecado” (notas de campo).

Ainda no dia 27, o site GospelMinas optou por publicar um texto mais neutro, a descrever o conteúdo da pregação sem opinar sobre seu conteúdo. Escolheu, para tanto, o uso do termo homossexualidade na descrição dos fatos (T. Silva, 2020).

Já no dia 28, ecoaram as seguintes notícias e opiniões: “Ed René Kivitz: cartas novas de uma jogada velha: Considerações sobre a sua teologia liberal” (Esteves, 2020); “Pastores rebatem fala de Ed René sobre Bíblia ser insuficiente” (Pereira, 2020); “Pastor causa polémica ao dizer que Bíblia precisa acolher gays: Ed René Kivitz afirmou que gays não deveriam ser condenados ao inferno por “dois ou três textos bíblicos que não foram atualizados”” (P. Moura, 2020); “Ed René Kivitz fala em atualizar a Bíblia para corrigir supostos erros de Deus” (Severo, 2020); “René Kivitz e a Bíblia Insuficiente! Heresia?” (E. Oliveira, 2020) (único dessa lista em defesa de Kivitz); “Bíblia é ‘insuficiente’, diz Ed René Kivitz ao defender homossexuais” (Chagas, 2020). Essa última, dentre citações à mensagem de Kivitz, ele é descrito como sendo “conhecido por sua militância ideológica de esquerdas, e por ter sido um dos pioneiros do movimento da Missão Integral, ao lado de Ariovaldo Ramos”.

O movimento da missão integral, citado pelo jornalista, traz um debate social ao expansionismo evangélico, e foi tema do segundo Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE), no ano de 2003. O documento resultante das discussões do encontro, trouxe alguns capítulos produzidos por Kivitz. Em um deles, ele afirma que o Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE) influenciou sua geração, e em outro ele conceitua a teologia da missão integral como sendo: “uma lente através da qual lemos as Escrituras Sagradas em busca de referenciais para a presença do cristão/comunidade cristã no mundo” (Kivitz, 2004). Kivitz, atualmente, preside o

Conselho Diretor da Visão Mundial Brasil, instituição que organizou o CBE, à época, e parte dessa teologia pode ser verificada no seu discurso de acolhimento.

O expansionismo evangélico, muitas vezes, tem caminhado em aproximação aos ideais de colonização, e violências tem sido produzidas quando a religião e o estado se misturam numa resistência a grupos minoritários, como se vê atualmente em Uganda (Garrido, 2016). Por conta disso, lançar debates sobre o tema da missiologia evangélica (e a homossexualidade) demonstra tamanha relevância e incômodo.

Yago Martins (2020)<sup>16</sup> teólogo e dono de um dos maiores canais evangélicos de análise teológica do Youtube, criticou a dubiedade dos posicionamentos de Kivitz, afirmou não considerar que ele prega a sã doutrina, teceu elogios a sua eloquência e sua habilidade de comunicação, afirmou considerar seu discurso importante para um diálogo religioso-cultural, e afirmou que ele oscila entre ser fiel ao evangelho e ser herege. Ele explica o que compreende do *background* da teologia da missão integral, afirmando que ela trabalha com mediações interpretativas nos três níveis de Boff: socioanalítico, hermenêutico e prático (Boff, 1982). Isto significaria, segundo ele, que através dessas mediações, as ciências sociais são usadas para entender a Bíblia, compreender o contexto no qual o texto está inserido e para aplicá-lo na vida prática.

Dito isso, ele afirma que Kivitz não está falando em uma contextualização, mas em uma mediação socioanalítica quando defende uma atualização bíblica, o que seria uma abordagem problemática por partir de uma visão política para interpretar a Bíblia. Ele termina recomendando que Kivitz não seja ouvido, mas se diz contrário à ideia de condenação de seus seguidores. É interessante perceber que o argumento de refutação se baseia no cunho da ideologia política, partindo da premissa que essa ideologia corromperia a verdade bíblica. É uma visão que parece enxergar a ideologia do outro, mas ignora a sua própria, além de demonstrar com bastante clareza o jogo das identidades que está em questão.

A citação à ideologia de esquerda e a figura de Ariovaldo Ramos não é vã. Ariovaldo foi um dos nomes dentre os evangélicos que foram mais vinculados ao apoio aos governos do PT e à oposição ao impeachment de Dilma Roussef, em 2016. Ficou marcado no imaginário evangélico como um “pastor lulista” (Balloussier, 2018), e tem apresentado forte oposição à associação da fé evangélica com o governo de Jair Bolsonaro, assim como Kivitz tem se oposto. Ariovaldo foi pastor adjunto na Igreja Batista da Água Branca até 2016, quando passou para pastorear a Comunidade Cristã Reformada de São Paulo. Essa associação dos nomes pretende replicar a fama de Ariovaldo a Kivitz, pela proximidade de ideias, e determiná-lo como um pastor esquerdista, ou como alguns o tem chamado: esquerdopata, associado a agenda gay e marxista (Elias, 2020; Thieme, 2020; Weterman, 2021) Assim, percebe-se que essa associação entre esquerda e evangelicalismo tem ecoado de forma pejorativa, entre a linha evangélica mais tradicional.

Em junho de 2020, o presidente da Associação para Defesa da Heterossexualidade; da Família e Casamento Tradicionais; Contra o Aborto; e Ajuda a pessoas que desejam deixar a prática Homossexual havia emitido uma carta aberta à IBAB, publicada pelo site do Ministério Apologético. A carta, além de associar o nome de Kivitz à divulgação da agenda gay, o culpa pelo aumento da homossexualidade entre cristãos. Para o reverendo, “o proselitismo e o ativismo precisam ser combatidos pela igreja enquanto ela deve abrir os braços para ajudar os que foram influenciados ou abusados e que acabaram aderindo a esta prática pecaminosa, segundo a Bíblia”. Assim, ele condiciona a homossexualidade aos estigmas da violência sexual ou da influência social, e retoma um discurso patologizante já ultrapassado. O reverendo também afirma que Kivitz

“tem falsificado o alimento espiritual e embutido VENENO em suas palestras chegando a substituir os ensinamentos bíblicos pelos de Karl Marx impregnados nas suas palestras da TMI-Teologia da Missão integral” (Thieme, 2020).

O posicionamento aberto de Kivitz, no sentido de acolher de homossexuais sem defender a condenação da prática, somente se deu em outubro de 2020, o que era há muito tempo aguardado pelos adeptos da linha teológica inclusiva. Até então, ele não havia sido claro sobre seu posicionamento. Até março de 2020, Kivitz ainda se posicionava dubiamente, ao afirmar, no mesmo programa de televisão, que pecado era o que desumanizava, mas que achava que quem se relacionava homossexualmente estava pecando (Tas & Bacic, 2020).

No dia 29 de outubro, um novo vídeo de Kivitz<sup>17</sup> trouxe explicações em resposta à grande repercussão de sua palavra se deu especialmente nas mídias e redes sociais, onde ele relata ter sofrido muitas acusações desmerecedoras de seu caráter cristão enquanto fiel ao cristianismo bíblico. Ele argumentou que apesar da igreja não promover mais apedrejamentos literais, ela tem promovido apedrejamentos virtuais “na forma de linchamento público, na forma de assassinatos de reputações, na forma de julgamento cruel e impiedoso das consciências alheias” (Kivitz, 2020b), e afirma a existência de um segmento religioso que inflamado com ódio e hostilidade.

Segundo ele, suas afirmações mais atacadas foram: “a Bíblia não é suficiente”; “nós precisamos atualizar a Bíblia”; e “senão nós continuaremos reproduzindo os pecados de gênero, de raça, de classe, aos quais nós, não somente somos protagonistas desses pecados, mas nós também somos cúmplices coniventes, e nós fazemos vista grossa a esses pecados.” (*ibid*). Todas essas afirmações mais atacadas foram explicadas ao longo do vídeo, reafirmando seu posicionamento anterior de acolhimento, e negando algumas afirmações ou interpretações desviantes do que havia sido dito.

quando eu disse que a Bíblia não é suficiente, eu não disse que a Bíblia não é revelação suficiente. Eu não disse que a Bíblia não é inerrante, isto é, que ela precisa ser corrigida. (...) Eu não disse que precisamos escrever uma outra Bíblia e muito menos que nós precisamos de algo além da Bíblia, eu disse que a leitura literal da Bíblia não é suficiente. (*ibid*)

---

17180.470 visualizações, 14.981 aprovações e 3.083 desaprovações, em 05 de fevereiro de 2021, também com comentários desativados.

Kivitz também conta que cresceu sendo ensinado e acreditando que a prática homossexual era um pecado e uma escolha, passível de um trabalho terapêutico de reversão. Ele comenta que sua igreja seria uma das maiores em frequência de gays da cidade de São Paulo, e que pastoreando-os, aprendeu que a homossexualidade não seria uma escolha mas uma condição humana, e que portanto, não haveria empecilho para que homossexuais pudessem ser evangélicos, se quisessem. Afirma também que torce para que essa não seja apenas uma realidade de sua igreja, pois se uma comunidade não possui diversidade “é porque a sua igreja repeliu essas pessoas, excluiu, afastou, não acolheu, não abraçou, não estendeu a destra da comunhão” (*ibid*).

Nesse contexto, ele aborda o fenômeno da invisibilização, que trata como sendo um pecado estrutural da igreja, uma vez fingir não ver e não saber das violências que acontecem. Os temas do racismo e da homofobia se interligam ao longo do discurso de Kivitz, e ele afirma que quando você passa a enxergar o cenário de violência em que está inserido, não consegue mais fingir que ele não acontece e não se posicionar a respeito. Ele então afirma desejar “desenvolver uma postura pastoral do evangelho, e não do conservadorismo fundamentalista, não do dogmatismo, não da tradição” (*ibid*).

porque existe um sofrimento que é o sofrimento da rejeição, é o sofrimento do abandono, é o sofrimento da exclusão, é o sofrimento do julgamento condenatório que empurra pessoas pra uma vergonha, pra uma solidão, faz com que pessoas sejam rejeitadas por suas famílias. (...) A igreja não precisa nem mandar embora, elas mesmas se percebem não aceitas, não bem vindas, elas vão embora. E sabe o que é mais triste? Elas se colocam para o lado de fora da vida, elas cometem suicídio, essas pessoas estão morrendo. (*ibid*)

O pastor ainda afirma que por um mero convite ao diálogo sobre o tema, ele já havia sido cancelado e taxado de herege, e questiona quanto mais não deve sofrer um homossexual dentro da igreja. Ele explica que foi exatamente por compreender o contexto onde estava inserido que ele havia afirmado que exigia “coragem pra ser

carimbado de herege, pra ser rotulado, pra ser excluído, pra ser cancelado, pra ser linchado publicamente” (*ibid*).

No mesmo dia, saiu a primeira notícia sobre o assunto em um site não evangélico (Braga, 2020), e alguns apoios a Kivitz, como: “Sobre atualizar a Bíblia: Uma perspectiva histórico-teológica” (Chaves, 2020), ““Quem dentre vós não tiver pecado, publique a primeira agressão’: uma leitura do ‘apedrejamento virtual’ ao Pr. Ed René Kivitz” (O. Silva, 2020a, 2020b); “Que a nossa fé seja curada da cegueira. E não precisemos mais usar facas: Se uma religião faz você odiar alguém, você precisa de uma outra religião. Jesus falou em amor todas as vezes em que abriu a boca” (França, 2020); dentre outros posicionamentos pessoais, através dos perfis do Instagram de lideranças evangélicas ligadas ao movimento evangélico progressista e que defendem o acolhimento.

No dia 30 de outubro, o pastor Silas Malafaia, líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, se manifestou, também pelo Youtube, afirmando querer responder à heresia<sup>17</sup>. Segundo ele, o discurso de atualização da Bíblia para acolhimento seria uma apostasia, isto é, um abandono da verdade bíblica. Ele faz alusão ao fim dos dias (Apocalipse) para vincular a mensagem de Kivitz a “espíritos enganadores e doutrinas de demónios” (Malafaia, 2020), para defender que a Bíblia é sempre atual e que a homossexualidade não podia ser vista como uma condição, mas seria comportamental, e que a ciência comprovava isso. Seu discurso traz os termos ‘verdade’ e ‘ciência’ recorrentemente, e demonstra receio quanto a uma possível corrupção da verdade bíblica. Para ele, a condenação da homossexualidade não se trata de uma interpretação literal, mas de uma verdade, e portanto, inquestionável sob pena de corrupção moral e teológica, e consequente condenação ao inferno.

Minha gente, sabe qual é a verdade? Já disseram isso, aqueles que não foram transformados pelo poder do evangelho, querem transformar o evangelho para se adaptar à sua vida de pecado e de iniquidade. Que conversa fiada é essa de um camarada vim dizer, a primeira afirmação terrível homossexualidade, o cara diz que a prática homossexual é uma condição e não um comportamento. Aonde? Nem na ciência nem na Bíblia. (*ibid*)

Ele termina com uma evidência da crença de uma condenação por extensão: “você não pode estar subjugado a homens abomináveis, que querem arrancar você da fé” (ibid). Kivitz, apesar de não homossexual, é visto como abominável por defender uma teologia que acolhe e deixa de condenar, o que além de ser visto como heresia, e fundamenta sua crença de que quem o segue estaria sendo arrancado da fé.

Depois de muitas outras reportagens, no dia 07 de novembro de 2020, uma comissão mista para apuração foi composta pela Convenção Batista do Estado de São Paulo (CBESP) e Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, Secção do Estado de São Paulo (OPBB/SP), instituições batistas às quais Kivitz é associado. A finalidade é expressa como de tratamento profundo e detalhadamente do conteúdo da preleção de Ed Renê nos dias 25 e 29 de outubro. Na carta que anunciou a instauração da investigação, a justificativa dada é “gravidade do tema e sua repercussão, que, entendemos, se faz prejudicial ao Evangelho e a compreensão equilibrada da Palavra de Deus, bem como a sua adequada aplicação”.

Dentre as várias declarações de crença postas na carta, em defesa da atualidade bíblica, é incluída uma declaração explícita da heteronormatividade estrutural da denominação, bem como ideais aderentes das terapias de reversão e da sexualidade como sendo uma opção.

Creemos ainda que, ao criar o mundo, Deus estabeleceu a matriz formadora da natureza humana e, entre essa matriz, a heterossexualidade, pois macho e fêmea fez o ser humano (Gn 1.26,27; 2.18).

Embora não compactuando com a construção social e cultural que busca fazer diferenciação entre sexo e gênero, este como uma opção que uma pessoa possa assumir diferente de sua conformidade natural sexual, entendemos que o Evangelho nos orienta a acolher todas as pessoas indistintamente de sua condição, mas sempre em busca de sua transformação integral a luz dos ideais e valores revelados na Palavra de Deus e que, apenas o acolhimento sem essa necessária transformação, não preenche a completude da recuperação que o Evangelho nos desafia a assumir. (Convenção Batista do Estado de São Paulo & Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/Secção São Paulo, 2020)

No dia 17 de dezembro, o jornal *BBC News* publicou a reportagem: “Visões diferentes de Deus são origem de cisão entre evangélicos conservadores e progressistas no Brasil, diz pastor Ed Kivitz” (Vasconcelos, 2020). Nela, Kivitz conta como o cenário evangélico anda polarizado entre “um movimento conservador fundamentalista, que aderiu ao bolsonarismo, e um movimento progressista” e usa o movimento da controvérsia para demonstrar como o ódio e a intolerância tem gerado um massacre a pluralidade de ideias, considerando qualquer apoio evangélico a Bolsonaro como imoral.

Fica claro ao longo das movimentações que os campos político e religioso tem se misturado, e a polarização brasileira entre direita e esquerda aliada ao movimento bolsonarista e as políticas sanitárias tem influenciado na construção e no convite ao ativismo político pelos evangélicos progressistas, numa tentativa de fazer frente ao ativismo político já implementado pelos evangélicos conservadores.

Após toda a análise da movimentação da controvérsia em redor do acolhimento afirmativo da homossexualidade em igrejas evangélicas, um diagrama com a rede dos principais atores pôde ser construído (Figura 6).



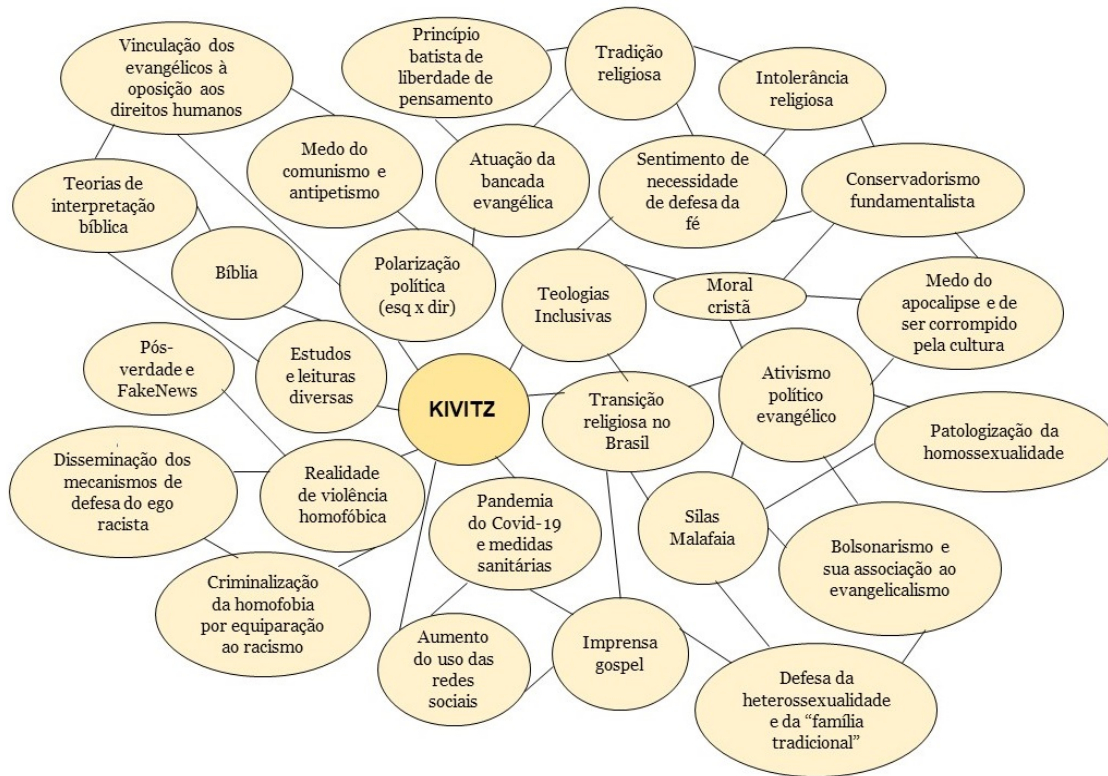


Figura 6. Diagrama actorial da controvérsia

## 4.5. Associações e interligações actoriais adicionais: razão x fé

O primeiro discurso de Kivitz defendeu uma busca pela iluminação atrelada ao princípio da igualdade (e nas entrelinhas, da fraternidade também). Para além dos textos bíblicos que fundamentam uma doutrina de iluminação, percebemos uma influência do pensamento iluminista, que trouxe a racionalidade para o centro das discussões metodológicas e hermenêuticas, e abriu espaço para que novos métodos de interpretação traçassem caminhos para a fé e para a ressignificação de textos bíblicos. Autores e lideranças evangélicas passaram a alinhar suas teologias ao pensamento

crítico e analítico, numa tentativa de salvar a religião cristã da obsolescência, e um exemplo é visto em Stott (1972), que rebate o anti-intelectualismo cristão, num livro muito famoso dentre evangélicos históricos. A influência do Iluminismo na experiência religiosa é inegável, apesar de pouco comentada.

A racionalidade do movimento filosófico, conhecido como Iluminismo, estimulou um modo de pensamento analítico: em vez de tentar ver as coisas inteiras, as pessoas aprendiam a dissecar uma realidade complexa e estudar suas partes componentes. Tudo isso teria profundo efeito na maneira como liam a Bíblia. (Armstrong, 2007)

Em resposta ao movimento de criticidade da religião, alguns movimentos pentecostais e neopentecostais passaram a sentir que a fé estava sendo moldada pela sociedade, e não a sociedade sendo moldada pela fé, e começaram a identificar nesses discursos hermenêuticos um perigo de deturpação, corrupção do real ensinamento bíblico. Esse pensamento, que aos poucos foi ecoando para além dos pentecostais, aliado ao reavivamento das disciplinas apocalípticas, acabou se transformando numa vigilância religiosa, que com a ascensão política, acabou por se tornar um plano de moralização da sociedade com base nos princípios da tradição cultural judaico-cristã, em uma interpretação que passou a ser chamada de fundamentalista.

O movimento fundamentalista no Brasil foi estudado por Ricardo Quadros Gouvêa (2012), em um dos livros lidos e recomendados por Kivitz. A interpretação fundamentalista é aquela que só aceita uma interpretação possível, inquestionável e imutável, uma verdade única, e que busca preservar a tradição cultural religiosa passando por cima inclusive dos textos bíblicos que contradigam a tradição religiosa, por isso, essa vertente é também chamada de conservadora fundamentalista.

A religião enquanto cultura, constrói simbolismos, significados e uma rede de valores compartilhados pela comunidade crente, que ao contrário do que acreditam os fundamentalistas, não é imutável mesmo dentre os conservadores. Essa crença de pureza trazida pelo ideal de santificação e separação do mundo, reforça ideias de que

uma neutralidade em relação às mudanças culturais e sociais, e que aponta o dedo na direção dos progressistas como se fossem os únicos a serem modificados pelo contacto com pensamentos diferentes.

As diferentes culturas religiosas influenciam, dentre outros, na normatização dos papéis de género, atribuindo ideias de “próprio” e\ou “impróprio” a homens e mulheres, e assim, constroem um discurso de aceitável e inaceitável para orientações sexuais. Esse padrão de aceitável, constrói o que passou a ser chamado de heteronorma, que é a aceitação exclusiva da orientação heterossexual como padrão tolerável. A pregação de Ed Renê traz à baila o desconforto da abordagem dos temas que não devem ser discutidos: a atualização da interpretação bíblica, o reconhecimento das opressões perpetradas pelo cristianismo, e o compromisso com uma atitude de mudança e de acolhimento a todos, indiscriminadamente.

Uma das percepções mais preocupantes, durante esse mapeamento, foi perceber como a polarização tem impedido o diálogo tolerante entre os grupos progressistas e conservadores do evangelicalismo, e o quanto isso tem atuado de forma resistente à convivência pacífica com a pluralidade de ideias, um dos maiores perigos para as sociedades democráticas e para a sobrevivência da humanidade. Esse é um ponto crucial, pois, no capítulo anterior vimos como, muitas vezes, a cultura religiosa tende a buscar o fechamento em si mesma e buscar ler, se relacionar, se informar, etc somente dentro do meio de concordância religiosa.

Numa perspectiva cultural, isso acaba alimentando o mito da pureza doutrinária, que nutre muito do pensamento de quem acusa Kivitz de liberal religioso ou relativista, de quem se recusa a ser tolerante com o discordante e de quem condena o ecumenismo apesar de ser uma estratégia de diálogo intra e interreligioso (Wolff, 2015). É esse mesmo mito que traz a perspectiva inquisitória sobre as lideranças batistas que abriram procedimento administrativo para avaliar se o discurso de Kivitz deve receber uma punição administrativa em virtude de violar a imaculabilidade da doutrina batista, bíblica e cristã. Foucault explica bem como as disciplinas de controle funcionam e

impactam na construção e manutenção da heteronormatividade, e o que vemos na prática, são essas disciplinas em ação (Foucault, 2020).

Uma das questões que se demonstrou central nessa controvérsia foi a política de pluralização e fragmentação da identidade evangélica (Hall, 2020). Se, antes, a identidade cristã evangélica era apresentada no mundo evangélico como obrigatoriamente heterossexual, e se é certo que essa visão heteronormativa ainda possui um grande número de adeptos, também é verdade que outras percepções estão surgindo e se fortalecendo dentro do evangelicalismo.

A urgência de reconhecimento e validação da identidade homossexual cristã como filho de Deus tem sido reconhecida como caminho para a construção da tolerância e para a diminuição da cultura de violência homofóbica. E, por tratar-se de uma questão ligada a uma revolução moral, esse processo de mudança do lugar da honra pode levar alguns anos, mas reconhecer que há passos nesses sentido é um motivo de esperança de que possamos conviver e naturalizar as diferenças, saindo da oposição em direção a validação da integralidade do outro.

Percebemos que a controvérsia que envolve o acolhimento de homossexuais em comunidades evangélicas está longe do fechamento, mas enquanto isso, tanto atores humanos (lideranças, teólogos, jornalistas, etc) quanto atores não humanos (estatísticas da violência contra LGBTQ+, criminalização da homofobia, redes sociais, tradição religiosa, pandemia, Deus, Bíblia, etc) têm influenciado a movimentação e os processos de negociação em curso.

O tema possui complexidade e delicadeza, que tornam os diálogos mais difíceis entre os grupos opositores, e essas divisões pareceram indissolúveis. Essa rivalidade acaba por constituir uma polarização, e na polarização os diálogos verdadeiros acabam por se mostrarem dificultados.

É imprescindível não somente fomentar esses diálogos e reflexão sobre a controvérsia, mas também traçar estratégias de efetivação da proteção das minorias contra a violência religiosa, reificando a criminalização da homofobia. A validade de uma

democracia passa pelo respeito a um conjunto de decisões que evite o derramamento de sangue para solução de conflitos (Bobbio, 1997:169). Embora a democracia seja uma realidade ocidental, mesmo nele, ainda enfrentamos graves obstáculos para sua efetivação no dia a dia popular. Essa crise pode levar a outros conflitos, como da segurança jurídica e da descredibilização do poder legislativo, gerando uma rutura democrática, que culmina num sentimento de exclusão das decisões. No ponto em questão, podemos verificar que tanto cristãos quanto homossexuais tem feito um esforço para se sentirem ouvidos e validados, mas se chocam quando homossexuais encontram um cristianismo que se baseia na exclusão de seus direitos para existir politicamente.

A TAR se demonstrou uma técnica eficaz para proceder à identificação dos vários atores envolvidos nessa controvérsia, analisar as interligações entre estes vários atores, e mostrar como sua agência de mediação transforma e intensifica o debate. Nesse sentido, os atores demonstraram que não somente interagem entre si, como moldam e também são moldados por essas conexões (Yaneva, 2012). Eles constroem suas identidades através dessas disputas, e independente de como a controvérsia se feche, podemos observar um impacto na produção de reflexões sobre o tema controverso. Assim, o mapeamento de controvérsias se demonstrou como instrumento útil não somente para qualificação do debate, como para fazer com que os problemas apresentados iniciem reflexões sobre a homofobia, as violências estruturais da religião, as novas estratégias de acolhimento castrador e suas implicações.

## 5. RELATOS PASTORAIS SOBRE O ACOLHIMENTO E A ABORDAGEM DA HOMOSSEXUALIDADE EM IGREJAS EVANGÉLICAS NÃO-AFIRMATIVAS

---

Nesse capítulo exploramos os discursos e experiências ligados ao (des)acolhimento religioso evangélico, tomando como ponto de partida, entrevistas feitas com líderes evangélicos. A partir de suas visões sobre acolhimento, igreja e aconselhamento sobre a sexualidade, conseguimos compreender como muitas igrejas têm migrado da defesa das terapias de reorientação sexual para a defesa da castidade como melhor abordagem à questão da diversidade sexual no evangelicalismo. Também pudemos perceber como esse discurso de castidade tem ganho força entre lideranças que defendem alguma medida de acolhimento a não heterossexuais, e como esse acolhimento mais silencia do que de fato afirma direitos sexuais a esse grupo.

A nossa análise mostra como a migração do discurso evangélico para um acolhimento condicionado à castidade funciona como um movimento de resistência a uma afirmação de direitos homo-afetivos, tentando conservar a violência que a homofobia e a heteronormatividade, historicamente, tem produzido por meio da fé cristã. Isto significa que a construção de uma cidadania íntima e religiosa mais inclusivas tem sido bloqueada por uma ideologia de heteronormatividade evangélica persistente e por uma interpretação fundamentalista da Bíblia, que conjuntamente, têm criado um ambiente que nega aos homossexuais o direito de professarem a fé evangélica, cerceando sua liberdade de fé e culto, mesmo quando existem lideranças que se auto-percebem acolhedoras em comparação a outras. Desta forma, concluiremos que a teologia inclusiva não tem sido suficiente para reparar a violência histórica que o cristianismo produz contra dissidentes sexuais e de gênero.

## 5.1. Desafios de uma antropologia das lideranças evangélicas

Quando elaborei o projeto inicial desta dissertação, meu objetivo era identificar como estava a acontecer as saídas do armário evangélico, para perceber se e como se construíam os discursos de poder sobre gênero e sexualidade associados à fé evangélica. Durante as primeiras escutas, observei que todos os meus sujeitos traziam o sentimento de que estava a ocorrer um aumento do diálogo, respeito e acolhimento da homossexualidade, apesar de não perceberem mudança no que se referia a aceitação da prática<sup>18</sup>.

Com esse sentimento de uma abertura do evangelicalismo pelos interlocutores apresentados no terceiro capítulo, incluí interlocutores que atuassem na liderança religiosa evangélica, das mesmas cidades, para tentar compreender como e em que medida esses discursos estavam sendo transformados, considerando duas prerrogativas: serem de igrejas não abertamente inclusivas/afirmativas e defenderem alguma medida de acolhimento/inclusão. Meu intuito era compreender com maior riqueza de detalhes, a complexidade dessas transformações no acolhimento a sexualidades dissidentes.

Nesse processo, identifiquei uma diferenciação entre a defesa da inclusão e as teologias afirmativas das diferenças, termos que conceituei no segundo capítulo, mas que aqui serão retomados pela correlação entre os resultados que aqui serão demonstrados.

Quando pensei em incluir os relatos de lideranças evangélicas, imaginava que não conseguiria interlocutores dispostos a falar, abertamente, sobre o tema. Imaginei

---

<sup>18</sup>Pontuo que minha pesquisa buscou compreender mais o fenômeno da construção da sexualidade evangélica do que o da identidade de gênero, apesar de ter esbarrado nesse tema algumas vezes.

que muitos poderiam controlar seu discurso para que soasse mais acolhedor do que a prática demonstrava, e que seria difícil perceber quais seriam as abordagens pessoais sobre a homossexualidade em seus gabinetes e direcionamentos. Mas, para a minha surpresa, consegui entrevistas bastante francas de seis lideranças evangélicas, sendo: uma de São Paulo/SP, uma de Marabá/PA e quatro de Resende/RJ.

Apesar de um certo cuidado com as palavras, quase uma modulação para tentar imprimir um carácter menos excludente em suas posições, os discursos se demonstraram bastante similares com as experiências observadas no terreno e as trazidas pelos outros sujeitos dessa pesquisa. Essas escutas me permitiram uma melhor análise da dimensão do acolhimento e da resistência, que existe e persiste, ao reconhecimento da possibilidade, e naturalidade, das sexualidades diversas da heterossexual.

Resende foi a cidade em que nasci e que ainda mora quase a totalidade da minha família, e provavelmente por isso, consegui mais interlocutores ali. Morei em Marabá por dois anos, e tenho familiares que residem em São Paulo, o que me permitiu ter ao menos um interlocutor em cada, apesar de ter tentado contacto com alguns outros, sem sucesso. Em todas essas cidades, frequentei igrejas evangélicas, de visitas a ter sido membro atuante, o que intermediou o acesso às fontes deste capítulo.

Percebi também que, muito dessa abertura para o diálogo comigo, foi possível pelo fato de eu ser evangélica e de família quase inteira evangélica também. Minha relação com a religião se mostrou um facilitador em virtude da maior abertura nos relatos, sem tanto receio e pudor, pelo que percebi haver uma presunção de que eu concordaria com a premissa da “homossexualidade ser um pecado”, mesmo eu explicando o teor da pesquisa e mantendo abertamente um posicionamento discordante.

De certa forma, essa pressuposição acabou se demonstrando como mais um dos indicadores da heteronormatividade no evangelicalismo, uma vez que ao me identificar como evangélica já foi gerada uma expectativa de que compartilhasse do



ideal de que apenas a heterossexualidade seria aceita por Deus. Exatamente por conta dessa dominação do pensamento heteronormativo e das violências decorrentes dele, que passarei a apresentar as vivências e os debates dentre as lideranças religiosas não afirmativas sobre o acolhimento de dissidentes sexuais.

De toda a pesquisa até então, a coleta, análise e escrita dos dados deste capítulo foi, de longe, a mais difícil de enfrentar. A realidade levantada por intermédio dessas entrevistas me deu um sabor amargo nos lábios, e receei em abordá-las não por minha crença pessoal, mas por perceber a agressividade e violência contida em algumas colocações. Apesar do terceiro capítulo e o quarto capítulo conterem relatos de violência sofrida por dissidentes sexuais em comunidades evangélicas, algumas das convicções expostas neste capítulo com tanta falta de vergonha, pudor e/ou percepção me levaram a incluir aqui um aviso de gatilho de relatos de homofobia explícita para quem possa sentir a dor que alguns desses discursos podem causar. Apesar disso, a realidade enfrentada pelas lideranças evangélicas também precisa de ser acompanhada, para compreendermos as questões que permeiam essas vivências no exercício, ainda que limitado do poder religioso, como vimos no capítulo anterior. Gostaria que meu aviso de gatilho não o desincentivasse ao enfrentamento deste capítulo, mas que te deixasse preparado e com a empatia engatilhada para perceber como a heteronormatividade e as violências decorrentes dela tomam forma por intermédio dos discursos de poder religioso.

No segundo capítulo dessa dissertação, apresentei como as tradições evangélicas passam por um processo de construção do ideal do “bom cristão” e da formatação dentro de um modelo que a tradição cultural evangélica vem construindo e transmitindo ao longo dos anos. No terceiro capítulo, apresentei relatos de experiências de sexualidades dissidentes que transgrediram esse modelo e decidiram romper com o padrão que o evangelicalismo normatizou, e as violências e exclusões decorrentes desse rompimento. No quarto capítulo, apresentei como uma liderança evangélica que rompeu com esse modelo também sofreu perseguição, ameaças e violências por seus

pares. E neste quinto capítulo, apresentarei como tem sido a vivência das lideranças não inclusivo-afirmativas e o reflexo da defesa do acolhimento sobre a teologia conservadora.

Espero que este capítulo seja elucidativo dos processos de violência e opressão que subsistem nos cenários de fé evangélica, e que líderes religiosos possam se conscientizar da homofobia e dos preconceitos e estereótipos que perpetuam, criando obstáculos para a liberdade religiosa de indivíduos dissidentes da norma de gênero e sexual, e se opondo a plena fruição dos direitos humanos básicos por esse grupo.

## 5.2. A formação das lideranças (des)acolhedoras

O primeiro ponto que investiguei com os sujeitos desse capítulo, foi como se deu o processo de construção e decisão pelo exercício da liderança religiosa e escolha pelo modelo de liderança a ser seguido por cada deles. Algumas informações levantadas foram importantes para compreensão do processo de formatação e modelação desses líderes.

A maioria dos líderes que entrevistei (5/6) passou ou passa pela formação acadêmica na Teologia, e todos afirmaram compreender o exercício da liderança religiosa como um chamado de Deus, concretizado pelo reconhecimento pelos irmãos de que eles possuíam esse dom (habilidade divina). Quatro já concluíram o curso, um é seminarista (ainda está cursando Teologia numa universidade confessional), e um foi ordenado pastor sem formação acadêmica na Teologia. Esse último afirmou que chegou a cursar um tempo, mas desistiu porque não considerou que o processo acadêmico estava a ser construtivo para o modelo de pastorado/liderança que pretendia exercer, rejeitando a frieza do academicismo teológico confessional.

dentro desse período todo, eu cheguei inclusive a estudar um ano de seminário na igreja batista, mas eu larguei porque eu tava entrando no entendimento de que era muito mais frio do que achava. E eu tava nessa busca por outro lado. Eu falei, ah, eu não quero isso pra mim. E naquele dia eu falei pra mim mesmo, eu nunca vou querer ser pastor de uma igreja ou trabalhar com isso. Eu trouxe isso pra mim de uma forma tão forte, eu bloqueei isso. Na igreja atual, a parte de liderança foi naturalmente acontecendo, no grupo, quando você começa a conversar ou por exemplo, trazer uma palavra e as pessoas olharem e pensarem, poxa, ele conhece, então ele pode liderar um pequeno grupo. (Francisco)

Esse reconhecimento do dom de liderança pelos pares foi trazidos por todos os interlocutores, de diferentes maneiras. Mas, uma narrativa foi bastante frequente como demarcador do dom: a habilidade e o desejo pelo cuidado de pessoas.

Sempre tive afinidade e gostei da ideia de cuidar de pessoas (...) Então, o cuidado é algo muito normal pra minha natureza, estar perto de pessoas e cuidar de pessoas sempre esteve normal pra mim. (Jonas)

Dentre todas as narrativas do chamado para o cuidar de pessoas e de propagar o cristianismo, uma das escutas trouxe uma informação bastante reveladora: há influência dos estereótipos e papéis de gênero, que se relacionam a esse chamado para liderança, atribuindo diferentes posições na hierarquia eclesiástica, a depender do gênero do cuidador.

Eu nasci num lar cristão, né? Um lar evangélico. Meu pai era pastor. A Minha mãe também sempre lidando com a questão de cuidar de pessoas, né? Direcionado pra mulheres. (Murilo)

O mais interessante dessa fala de Murilo é saber que ele pertence a uma denominação que ordena, há muitos anos, mulheres ao pastorado. Essa fala trouxe uma clarificação de um braço do patriarcado e seus reflexos no evangelicalismo: a personalidade cuidadosa evangélica, quando percebida em homens, é vista como um demarcador do dom do pastoreado e leva ao convite a liderar/pastorear. A mesma personalidade, quando observada em mulheres foi vista como natural do feminino e da maternidade, e leva a mulheres a atuações religiosas de auxílio à liderança masculina ou

à educação religiosa. Uma pesquisa feita na denominação Assembleia de Deus, apontou que a liderança feminina, corriqueiramente, ficava condicionada ou submetida a uma autoridade masculina, havendo obstáculos ao exercício autônomo da liderança feminina (Mello & Lima, 2016).

Esbarrei com um caso bastante parecido durante minha experiência no terreno, numa denominação neopentecostal, em que os chamamentos pastorais femininos ficavam vinculados ao chamamento pastoral do marido. E não apenas vinculados, mas condicionados ao seu pleno exercício, já que após alguns anos de uma determinada ordenação conjunta de um casal, o marido abandonou a igreja, e como consequência, a mulher pastora foi, aos poucos, sendo destituída das atribuições e do título, até perdê-los por completo. Esse episódio se mostrou como um eco dessa hierarquia de submissão a outra autoridade masculina da denominação, ou nesse caso, dentro do próprio casamento. Um dos meus interlocutores chegou a afirmar que não concordava com o pastorado feminino e explicou um pouco seu pensamento.

Eu não concordo com o pastorado feminino. E outra coisa, é, pelo menos eu vejo, bíblicamente, a diferenciação entre o dom pastoral e a função pastoral, o cargo no caso. Sou complementarista. Resumindo bastante, sabe, você encontra os, acho que são igualitários, que tem até um outro termo específico que não me recordo. Eles falam que homem e mulher são iguais em função e dignidade, há uma diferença lógica, né, que eles colocam a respeito da dignidade: todo ser é digno, homem, mulher, enfim. O complementarista, eles colocam que o homem e a mulher são iguais em dignidade, porém em funções, eles são, bíblicamente falando, diferenciados. E não significa dizer função de superioridade e tal, não. Tá ligada somente a função em si. (Jonas)

Na história de Afonso, a vocação para o cuidado aliada à eloquência chegou a ser mais importante do que o conhecimento da Bíblia. Ele contou que foi ordenado pastor em uma denominação neopentecostal ultra-conservadora, quando ainda era recém convertido e pouco conhecia da Bíblia, o que ele hoje, anos depois, considera que não deveria acontecer.

É até assustador quando eu falo: eu tenho 44 anos de convertido e 42 anos de ministério, pra você ver o tempo que eu tive de igreja. Hoje, isso não existe mais. Hoje, a pessoa tem que ter tantos anos de igreja, eu mesmo fui um que coloquei esse, quando eu me tornei secretário de educação cristã, há muito anos, eu coloquei isso aí. Tinha que ter 2 anos de membro, tinha que fazer um pré-teológico. Eu vi que pra mim, eu precisei, né? Eu tinha que correr atrás, eu não conhecia a Bíblia. Eu não tinha Bíblia em casa, a Bíblia que eu tinha em casa era a Bíblia da Barsa. (Afonso)

Dentre os sujeitos desse capítulo, ele foi o único de família não evangélica, e que recebeu a formação religiosa exclusivamente das igrejas que fez parte. Os outros cinco, relataram ter tido contacto com o exercício religioso desde muito jovens e com grande educação religiosa por parte de suas famílias. O ensino pelas famílias incentivava não somente a presença nos rituais do culto evangélicos como experiências de incentivo a participação dos ministérios e de oração pública, leitura coletiva da Bíblia, cultos familiares, e incentivo às pregações durante infância e adolescência.

Desde pequeno eu já brincava de fazer uns cultos, eu mesmo pregava, eu mesmo cantava, eu mesmo me convertia. Aquela história de criança. E em casa, nós tínhamos também, todas as segundas feiras, um culto doméstico. E nesse culto doméstico a gente era ensinado, orientado a ler um versículo, cantar um louvor, fazer uma oração. Então, esse ambiente, no contacto com a palavra de Deus, direcionado para explicar, ministrar e pregar, isso vem desde criança. (Murilo)

Essa educação religiosa, ora pela família ora pela comunidade religiosa, acabou por ser registada, por Francisco, como a chave da percepção da responsabilidade no cuidado de pessoas quando se exerce uma liderança religiosa. O sentimento de cuidado de pessoas, que já era experimentado na vida pessoal e familiar, acabou por emprestar responsabilidade para o exercício de cuidado e acolhimento no contexto religioso. E Tobias explicou como o pastorado tem ficado muito focado a um título e ao ato de pregar, quando na verdade, para ele, pastorear não se trata de eloquência, fortalecendo a ideia do cuidado como a parte mais importante do exercício pastoral.

A primeira vez que aconteceu de eu ser o presidente [embaixadores do rei], veio uma noção de responsabilidade muito forte nisso, e eu comecei a olhar aquela situação como se: espera aí, agora eu to cuidando de alguém. Acho

que foi uma das primeiras noções dentro da igreja de cuidado de pessoas, muito forte pra mim. (Francisco)

Eu acredito muito que hoje em dia a gente associa o pastoreado muito a um título, sabe? Eu acho que o pastoreado é um dom, sabe? Eu acredito mesmo, sabe? Existem pessoas, teólogos, que tem o título de pastor, mas pastor é quem cuida, pastor é exatamente isso. É quem pastoreia outras pessoas, né? E pastorear não é pregar, entendeu? Você pode ser um excelente orador, você pode ser um excelente expositor da palavra e você não ser pastor. Pastor é cuidado, sabe? (Tobias)

Uma mudança na história do pastorado evangélico é o acolhimento da ciência teológica por parte das maiores denominações evangélicas. Esse acolhimento da teologia como ciência, validada pelos órgãos governamentais brasileiros, é recente no Brasil, e Jonas descreve um pouco de como percebe essa mudança e relata um receio por parte de religiosos, de que a metodologia científica engessasse ou condicionasse o exercício da fé.

É um processo recente, né, a inclusão do curso de teologia como reconhecido pelo MEC, como um bacharel. Eu acredito que só teve a ganhar, sabe? Logo durante um tempo, ficou-se com muito receio de qual seria a interferência do MEC em si, em relação as cadeiras, às exigências, à grade curricular. Só que houve uns 2 projetos de lei que deram autonomia pra que as faculdades tivessem autonomia quanto a sua grade curricular. Então, eu acredito que o fato de estar ligada ao MEC é um ganho, porque passa a haver uma seriedade científica do processo. O pastor que antes era visto só como um cara que lê Bíblia, hoje é entendido, porque você tem vários doutores, você tem vários acadêmicos, você tem biblistas, você tem especialistas e doutores em grego, em hebraico. Você tem doutores em história da igreja, em história hebraica, você tem uma gama de conhecimentos que vem da teologia, adquiridos e estudados na teologia, que tem muito ganho com isso. Esse reconhecimento é científico, acadêmico, né? Então, eu acredito que foi um processo durante um período de tempo meio estigmatizado, mas que foi, hoje eu entendo como importante pra academia e pra igreja, inclusive, você ter pessoas que são realmente instruídos pra debater temas relevantes e, é outra visualização, hoje você tem um outro *know-how* né, dos intelectuais da igreja. (Jonas)

Outro fenômeno importante a ser sinalizado é que, dentre os interlocutores, somente um dedicava-se exclusivamente ao serviço eclesial (pastor em tempo integral). Os outros cinco possuíam outras profissões de onde tiravam o seu sustento

familiar. Quando questionei sobre esse fenômeno, me foi explicado que o aumento do acesso à Educação e as políticas de educação à distância foram facilitadores para os bivocacionados.

Eu acredito que houveram algumas mudanças no acesso ao ensino no nosso país. Então, antigamente, você tinha a própria formação teológica que as pessoas fizessem, as pessoas iam ter que ir pros grandes seminários. Você tinha a Batista do Paraná que já tem, acho que mais de 60 anos, você tinha o Batista do Sul, lá no Rio de Janeiro. Você tinha o Batista do Norte lá em Recife. Você tinha o Batista Equatorial. Hoje, você tem o EAD, né, que a pessoa faz o curso teológico por uma faculdade batista e é reconhecido. E assim como outros cursos, né? Então, eu acredito que o que acabou mudando foi a forma de profissionalização com o passar do tempo. Antigamente, os pastores tinham menos acesso a estudo e a educação, diferente de hoje. Então, é normal, e vai ser bem mais normal, você encontrar as pessoas que são bivocacionados, né? Porque tem maior possibilidade de estudo. (...) Não é um termo que você vai encontrar nas escrituras, mas são aquelas pessoas que tem uma vocação secular e uma vocação pastoral. (Jonas)

Além das formações acadêmicas em Teologia, dois interlocutores passaram por experiências de formação específicas para o exercício missionário. Esses dois interlocutores trouxeram fortes inclinações à humanização da teologia evangélica e a uma atuação mais social da igreja, e que os levaram a compreender a importância do acolhimento indistinto.

Nessa época, eu falei o seguinte, cara eu não quero servir, eu não quero carreira, eu quero fazer missões. Eu fui. Foi uma das experiências mais transformadoras da minha vida. Primeiro, que eu era novinho, né? Tinha 18 aninhos. E segundo que, quando eu cheguei, foi a primeira experiência de morar fora, longe dos meus pais, quando eu cheguei, eu tinha muito a minha cabeça da estrutura eclesial mesmo, sabe? De culto aos domingos, dízimo, oferta, culto de missões, que você dá o dinheiro pra alguém fazer alguma coisa lá na frente. Mas, a mão na massa de entender como é que funciona, não tinha isso. E, pra mim, foi uma experiência libertadora porque naquele local eu pude entender o que realmente significava acolher as pessoas. (Francisco)

É um curso que ele, na verdade, capacita lideranças de alguma área da igreja, ele capacita a pessoa pra onde quer que ela esteja. Não necessariamente você precisar estar numa igreja, mas na sua faculdade, por exemplo, no seu trabalho, e pra você ser um líder, pra você ser um influenciador, você ser um agente do reino aonde quer que você esteja. Mas, ele foca muito em liderança, e você passa a poder desenvolver

projetos que você possa alcançar o maior número de pessoas possível, entendeu? Então, ali, Deus tocou muito no meu coração nesse curso, sabe? (...) Vários anos depois que eu fui fazer seminário, mas foi meio que natural. (Tobias)

Além das formações missionárias, as formações profissionais de cada pastor também se demonstraram facilitadores de um diálogo religioso com as transformações sociais. Um dos pastores entrevistados, além de ser advogado, contou que cursava o Mestrado em Ciência da Religião, e falou de como sua formação o auxilia no exercício religioso.

O Direito é visto como uma ciência humana em primeiro lugar, pra depois ser visto como uma ciência dos seus estudos jurídicos. E isso me ajudou muito para o meu chamado para o ministério pastoral. Porque são duas coisas que caminham bem juntas. (Antônio)

Esses três pastores foram os que trouxeram uma defesa mais forte dessa humanização da Teologia e do evangelicalismo. Destaco que a religião evangélica, para seus fiéis, ocupa um lugar de extrema importância. Quem é evangélico, valoriza demais o ambiente e a comunhão com seus pares, nutrindo real afeto pela experiência de partilha de experiências. Isso, muitas vezes, não é compreendido por quem não é religioso e pesquisa sobre religião, e acaba negligenciando principalmente os casos em que a fé é negada a indivíduos. Quando não percebemos as diversas camadas que são envolvidas nos processos de construção da espiritualidade e suas normatizações, dificilmente compreendemos o poder que ela exerce, tanto de conformação quanto de transformação, e a falta que ela faz quando é restringida a um fiel.

Eu sempre gostei de igreja, sabe? Eu gosto e sempre gostei. Eu gosto do ambiente ali, sabe? Eu acho que a igreja exerce um papel muito importante na construção da pessoa, da fé dela também, da espiritualidade. A igreja é muito importante. (Tobias)

Nesse ponto, uma outra constante na experiência etnográfica foi que todos os líderes consideravam a igreja um bom lugar. Mas, quando perguntados se a igreja era



boa para quem não fosse heterossexual, unanimemente, foi respondido que não, o que será retomado mais pra frente.

Existe a igreja que a gente idealiza e a igreja real. O que é a igreja que a gente idealiza? Onde todo mundo que chegar vai ser abraçado, vai ser restaurado, onde todo mundo se ama perfeitamente. Mas, quando você vai pra prática, sabe, tem um cara que fala mal do outro, entendeu? Um que fica esperando só uma oportunidade pra te detonar. Um que fica te julgando. Então, assim, é real e isso acontece, sabe? Mas, eu creio muito na igreja de Cristo, sabe? Creio mesmo, sabe? Reflito muito que a igreja é esse lugar onde você pode experimentar o reino de Deus aqui na Terra, pelo menos uma parte dele, sabe? (...) É como se fosse num jantar e sentisse o cheirinho da comida como é, sabe aquele cheirinho gostoso de algo muito bom, e você vai experimentar um pouquinho só, uma colherzinha só daquilo que é muito bom, sabe? Então, aqui na Terra você pode experimentar um pouquinho, um pedacinho da eternidade. Eu creio que isso é possível na igreja de Cristo. É possível sim, sabe? É o que eu creio, mas na prática ainda há muita discriminação, é um lugar onde as pessoas são massacradas, onde as pessoas são abusadas espiritualmente, sabe? Onde você é usado para você dar, para você servir a uma comunidade e depois você é descartado, quando você começa a não concordar mais com alguém ou algum pastor, ou alguma coisa assim, sabe? (Tobias)

A igreja sempre foi boa e a igreja sempre vai ser a resposta. A convivência na igreja sempre vai ser a resposta pra sociedade. Imagina, se por um momento, nós tivéssemos a mensagem cristã vivida por homens e mulheres, de maneira séria, na nossa sociedade, sabe? Mensagens como caminhar a outra milha, sobre virar a face, sabe? Imagina o impacto que se teria numa sociedade que, durante um bom tempo, foi, sabe de uma outra forma, mas que hoje é tão individualista, sabe? Porque o que importa é a sua felicidade, são os seus sonhos, os seus interesses. (Jonas)

### 5.3. Heteronormatividade, sufixos e “cura gay”

Apesar de algumas das minhas fontes apresentarem consciência sobre as críticas acadêmicas/humanitárias feitas hoje em dia acerca da heteronormatividade, o ideal da heterossexualidade como única sexualidade que pode ser vivida para o agrado de Deus ecoou fortemente em todos os discursos, mesmo permeado pela defesa do acolhimento.

A mudança, ela vai acontecer, gradativamente, na vida da pessoa por uma experiência dela com Deus, de transformação. Mas, independente disso, essa pessoa, ela é de carne e osso, ela é igual a gente. Eu falo até com algumas pessoas que, não consigo entender por que existe uma separação. Porque se aquela pessoa, ela tá, de repente, numa situação de homossexualismo, ou homossexualidade, enfim, eu falei com a minha colega esses dias que é tantas palavras. A gente tava discutindo esses dias sobre casamento heteronormativo, e a gente começou a discutir um monte de coisa e tal. Eu fiz um casamento um tempo atrás, e ela: ah, mas foi um casamento arrumadinho, né? Tipo heteronormativo. Aí eu falei assim: tá, mas por que que você tem que colocar sempre uma questão sexual aí no meio? Não, porque é tipo um casamento hétero, tem uma pessoa e tal. Mas, você não gostaria de ter um casamento assim? Eu acho que sim. Ah, mas você vai ter um casamento heteronormativo? Ué, então assim, a gente brinca com essas coisas, pra quebrar isso, porque foi construído um muro gigantesco, cara. Algo que poderia ser tratado de uma forma muito melhor. (Francisco)

Esse trecho traz um resumo da complexa rede de nuances da norma sexual evangélica e das tecnologias da homofobia religiosa, tendo se mostrado bastante didático e importante para compreensão, não somente da construção e manutenção da heteronormatividade, mas alguns novos caminhos que a homofobia tem tomado para manter sua cadeia de violência e silenciamento, principalmente entre defensores do acolhimento, em três quesitos principais: o acolhimento visando a reorientação ou castração sexual; a rejeição ao reconhecimento da heteronormatividade; e a projeção da responsabilidade pelo muro sobre a comunidade LGBT+.

Quanto ao primeiro ponto destacado, o argumento do acolhimento aos não heterossexuais foi fortemente relacionado a uma expectativa de que, com a caminhada cristã e a convivência religiosa, haveria uma transformação dessa pessoa. Esse acolhimento com expectativa de reversão da sexualidade foi visto em todos os relatos, e acabou demonstrando a conservação da crença na famigerada “cura gay”. Essa crença acaba fortalecendo redes que sustentam a homofobia e a violência emocional às sexualidades divergentes, e portanto, muito distantes do acolhimento propriamente dito. Nesse relato a defesa da inclusão de não heterossexuais em igrejas evangélicas foi bastante forte, sob o argumento de que não poderia haver separação.

No segundo ponto destacado, o afirmar de uma confusão pela existência de muitas palavras, traz a heteronormatividade para a discussão apesar de demonstrar um silenciamento desse debate. Ele conta que estava conversando com uma amiga sobre casamento, e que ela trouxe a temática da heteronormatividade. Ele conta que a conversa seguiu com ele perguntando se ela, lésbica, também não desejava se casar, e que se ela desejava se casar, o casamento não seria heteronormativo. Ele deixa claro que tomou esse rumo para desconstruir essa ideia trazida por ela, que no final ele atribui a essas ideologias/palavras a responsabilidade pela criação dos muros entre a homossexualidade e o evangelicalismo.

Entramos, assim, no terceiro ponto destacado, a construção desse subterfúgio que projeta a responsabilidade pelo afastamento entre a homossexualidade e o evangelicalismo sobre os homossexuais e a construção de palavras como a heteronormatividade. Essa crença ignora que os muros que excluíram homossexuais das igrejas evangélicas foram prévios à observação e conceituação da heteronormatividade. Nesse sentido, o imaginário evangélico se construiu sobre a crença de que: homossexuais criaram muros entre a fé e eles, e não os religiosos. Ele, por sua vez, defende que haja uma abertura do diálogo acolhedor, por acreditar que ele seja transformador da homossexualidade.

Em alguns outros relatos, o acolhimento também veio vinculado à uma defesa de que não poderia haver diferenciação entre pecadinho e pecado, e portanto, a inclusão de todos, indistintamente, deveria ser a regra nas igrejas evangélicas. Entretanto, essa inclusão defendida não permite o questionamento e nem a dissidência da norma sexual, o que acabou por se demonstrar como uma força para os ideais de que qualquer vivência fora da heterossexualidade é reprovável diante de Deus, e portanto, carente de ser transformada, curada.

Até Jesus, a pessoa que tinha lepra, ela era separada de todo mundo, porque as pessoas poderiam se contaminar por aquilo. Depois, de Jesus, você abraça um leproso e ele é curado. Então, não é você se afastar, é você acolher. É diferente. A visão é outra. (Francisco)

Esse posicionamento de relativa abertura ao acolhimento se confirmou em cinco dos seis interlocutores, e evidencia a mudança no discurso religioso não inclusivo, por conta das defesas do acolhimento à diversidade pela igreja e em virtude das críticas que o cristianismo vinha sofrendo pela prática da exclusão de membros que não cabiam no código moral que controla corpos e sexualidades religiosas.

A gente já viu tanta coisa acontecer, que hoje a gente pode agir diferente, a gente pode demonstrar mais amor, mais acolhimento, mais cuidado, ao invés de excluir as pessoas, né? Então, é só pensar, uma jovem engravidava, coitada né? Ela era apedrejada, sabe? A gente não agia bem, eu já agi muito mal com isso, sabe? Hoje eu não agiria assim, da forma como eu agia há um tempo atrás. (Tobias)

Como já pudemos começar a perceber, o acolhimento evangélico tem a intenção de modificação ou castração da sexualidade divergente da heterossexual. O acolhimento defendido por todos os interlocutores passou por uma expectativa de que com a convivência religiosa, a escuta “bíblica” e a busca por Deus fariam com que essas pessoas teriam ou sua sexualidade mudada ou controlada e anulada, se convertendo “dos seus maus caminhos”<sup>19</sup>. Essa abordagem de acolher para transformar ou castrar foi claramente descrita por todos os sujeitos desse capítulo, mas recortei dois trechos para demonstração das abordagens.

Não é passar a mão na cabeça, é falar o seguinte: olha, eu to aqui pra te ouvir. Eu to aqui pra te ajudar porque eu me importo com você. Esse é o primeiro passo. Eu creio que isso deveria ser o primeiro passo de todo cristão. É ter empatia, entender o que a pessoa está passando, se colocar no lugar e dizer, poxa, espera aí, vamos entender isso. E a partir desse momento, trazer uma conexão. Quando você se conecta com essa pessoa, dentro de um aconselhamento, você cria aberturas pra que você consiga pinçar situações e começar o trabalho de transformação. Mas, não impositivo. (...) Então, eu chegar pra uma pessoa dessa e cobrar dela: ‘oh, você tem que deixar o seu marido’, com o cara por exemplo, ou pra um cara que é trans, uma mulher que mudou o sexo e agora? ‘Não, você vai ter que ir no médico amanhã’, e tal. Isso, na minha opinião, é você impor um caminho de regras, antes de passar pela mudança de mente dos princípios da pessoa. Quem vive por regra não vive por princípio. (Francisco)

---

<sup>19</sup>Referência à citação bíblica usada por alguns evangélicos como argumento para a crença na cura gay, presente em 2 Crônicas 7:14: “E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdorei os seus pecados, e sararei a sua terra.”

E assim, a igreja percebia essa inclinação dele, as pessoas notavam. Infelizmente, ele não conseguiu perseverar, ele não deixou-se, pra que as coisas pudessem acontecer, e ele conseguisse reverter e entender de fato qual é a posição que Deus o chamou, pra vida, que é o que eu penso. (Murilo)

Um ponto a ser destacado é a escolha por alguns interlocutores pela utilização da terminologia “homossexualismo”, mesmo quando demonstram conhecer a polêmica dos sufixos. A escolha pelo sufixo -ismo, que remete a patologização da homossexualidade, foi vista em quatro dos seis interlocutores. Três deles, apresentaram alguma ciência acerca desse debate linguístico, e dois escolheram manter a utilização do sufixo patologizante. Esse recorte acaba demonstrando um pouco de como ocorre a manutenção da terminologia por uma ignorância intencional: “são tantas palavras” (Francisco).

Curiosamente, a igreja em que Francisco é pastor traz muitos termos judaicos para o rito evangélico, trocando algumas nomenclaturas, como: candelabro por menorá; Páscoa por Pessach; Feliz Festa por ‘*Hat Samea*’ além da introdução de terminologias como Tabernáculos, Shabat (entardecer de sextas-feiras), dentre outros exemplos trazidos da língua hebraica, e utilizados em algumas denominações neopentecostais. Se é possível fazer adaptações linguísticas complexas com termos judaicos para o rito evangélico, também é possível fazer adaptações linguísticas no que diz respeito ao acolhimento da homossexualidade e da diversidade sexual.

Nesse ponto da escrita, não tenho como deixar de retomar os ensinamentos de Grada Kilomba (2019) sobre as estruturas psíquicas que atuam como mecanismo de defesa do ego racista, e que o impede de se reconhecer enquanto tal, através da projeção sobre o outro de uma característica inerente sua.

Estamos lidando aqui com um processo de negação, no qual o senhor nega seu projeto de colonização e o impõe à/ao colonizada/o. É justamente esse momento – no qual o sujeito afirma algo sobre ele a/o “Outra/o” que se recusa a reconhecer a si próprio – que caracteriza o mecanismo de defesa do ego. (Kilomba, 2019:34)

Assim, o que se decide ignorar acaba por expor um pouco da estratégia de uma intencionalidade, que auxilia nessa perpetuação da norma heterossexual, ao ignorar sua agência na construção e perpetuação dos muros que impedem outras sexualidades de exercerem a fé evangélica.

Apesar da condução desses debates, o fato deles existirem, já demonstra alguma abertura de espaço para discussões importantíssimas, como a que vimos, e que tem produzido mudanças no acolhimento evangélico. Esses diálogos entre líderes não inclusivos e ativistas, teólogos *queer*, e homossexuais evangélicos são instigadores do questionamento sobre quem Deus condena ou não. Essa controvérsia pública obriga a modulação e/ou transformação aos discursos excludentes.

## 5.4. Estereótipos e negacionismo na sustentação da homofobia

Uma característica observada com recorrência nos discursos religiosos foi a crença de que a homossexualidade teria uma origem em um trauma, abuso sexual ou um abandono parental, apesar das ciências da saúde mental já terem superado o estigma da homossexualidade como transtorno mental ou emocional<sup>20</sup>. A crença de a homossexualidade teria uma causa, e que portanto, seria passível de tratamento foi persistente dentre meus interlocutores, que preservaram, ainda, o discurso de que a sexualidade seria uma opção e não uma orientação.

Um me procurou (...) tem mais ou menos (...) uns 10 ou 12 anos isso. E essa pessoa estava envolvida num cenário, numa igreja, estava envolvido no ministério, e ela lutava contra a homossexualidade. Percebia que ela era

---

20 Desde 1973, começando pela Associação Americana de Psiquiatria, e seguida por diversas outras associações de Psicologia e Psiquiatria ao redor do mundo, a homossexualidade foi sendo retirada da lista de transtornos mentais ou emocionais, e no relatório produzido por uma força tarefa da American Psychological Association sobre Respostas Terapêuticas Apropriadas à Orientação Sexual, o conceito da homossexualidade como um fator de desordem mental foi descrito como rejeitado pelos profissionais de saúde mental há mais de 35 anos (Glassgold et al., 2009:79).

queria mudar os pensamentos, ela queria se converter, né, dessa prática. Ela entendia que era errada. E o que eu pude perceber, é até uma questão que daqui pra frente, agora eu tenho como uma responsabilidade, de procurar estudar um pouco mais sobre as questões que tem a ver com a questão clínica, a questão que tem a ver, de repente com uma patologia e também a questão espiritual. Mas, o outro jovem que eu conversei, também era a mesma questão. Esse já foi recente. A luta qual é? Nós vemos, eu tive 2 linhas de encontros, né, a primeira era de um que sabia que era errado mas ele não conseguia se livrar e o histórico dele foi que ele teve uma relação abusiva na sua infância e na sua adolescência. Isso gerou um trauma, e a partir dali ele não via aquilo como sendo algo ruim. Faltou aquela figura do pai, era o que ele questionava, a figura paterna, e ele então entrou por esse caminho e se viu sem volta. Mas, ele encontrou Jesus. E parece que encontrar Jesus pra ele, Jesus foi ineficaz porque ele não conseguia responder diante de Jesus àquela postura que ele tinha. Então, na conversa que eu eu tive com ele, eu disse que muito mais do que Deus queria mudar a forma dele pensar em relação a si mesmo, ele tinha que perceber que Deus o amava como pessoa. Não as práticas que ele tivesse, sejam elas quais forem. E eu pude acompanhá-lo por um tempo, e o que eu pude ver foi que, no caso dele, existia uma fraqueza por não conseguir mudar. Ele sabia de fato que ele estava errada, no pensamento dele e ele não conseguia mudar. (Murilo)

Esse relato trazido por um dos pastores resume algumas das “causas da homossexualidade” mais recorrentes trazidas pelos meus interlocutores: a) ser uma patologia/questão clínica; b) ser uma questão espiritual (fraqueza, falta de Deus, fé fraca); c) fruto de algum relacionamento abusivo (familiar ou mesmo estupro); d) ausência da figura paterna (principalmente no caso da homossexualidade masculina); e) Jesus se tornaria ineficaz em homossexuais que não conseguem controlar ou mudar a direção do seu desejo (fracasso espiritual porque não conseguia mudar).

Esse ideal de fracasso espiritual incutido nas vítimas de homofobia evangélica pode ser uma das maiores influências para o abalo da saúde mental em LGB+ cristãos, que sofrem tentativas de reorientação sexual, e esse discurso traz alguns traços da sociedade do desempenho descrita por Byung-Chul Han (2017).

Apesar de as comunidades religiosas serem vistas, historicamente, como disciplinares, algumas características da busca pelo desempenho foram claramente observadas, desde a busca incansável por ser um “bom cristão” como pelos discursos de fracasso quando alguém não atende às expectativas normatizadas em torno do ideal

do que é ser um bom cristão. Como estamos percebendo no desenrolar de toda essa dissertação, esse ideal passa pela heterossexualidade compulsória. A virada entre desempenho x disciplina está exatamente em deixar de excluir e/ou punir para defender a inclusão em busca que a pessoa busque a reorientação por si própria, e caso não consiga, ela fracassou em aceitar o amor de Deus.

Quando Han aborda o processo de como viemos da sociedade disciplinar e chegamos na sociedade de desempenho, ele explica que a depressão, os sentimentos de insuficiência, inferioridade e angústia frente ao fracasso fazem parte da economia das emoções da sociedade do desempenho, pois saem da esfera da disciplina/obediência (que se cobra do outro), em direção ao desempenho, que incentiva um modelo de auto-cobrança (*ibid*: 61-62).

Essa expectativa de um desempenho espiritual que se encaixe em uma norma heterossexual foi encontrada também em alguns relatos de saída do armário evangélico, trazidos no terceiro capítulo, e demonstraram como indivíduos acabaram se sentindo não pertencentes e incomodados, mesmo quando seus pastores afirmavam que não excluiriam membros de suas comunidades por estarem em relacionamentos homoafetivos. Uma narrativa bastante parecida foi encontrada aqui.

Já aconteceu um caso de uma outra pessoa, que era membro da nossa igreja, e ela se afastou porque ela se envolveu em um relacionamento homo-afetivo. E ela falou assim “eu queria seguir”. Mas, ela falou assim que ela ficou com vergonha, que ficou mal, e eu sempre falava assim que eu quero estar junto de você, quero caminhar, vamos, vamos. E eu orava constantemente por ela, sabe? Porque o que eu acredito, penso muito assim, que as pessoas, no fundo no fundo elas querem o amor de Deus, mas as vezes elas não sabem como. E ela procura encontrar de alguma forma, sabe? No fundo ela quer experimentar o amor de alguma forma, mas na falta de Deus, ela acaba procurando de diversas maneiras e no relacionamento. Então, assim, a gente foi caminhando, foi caminhando, e a gente não excluiu. Ela queria ser excluída. Não falei disso pra ninguém, algumas pessoas da igreja sabiam disso. Ela não tava mais na igreja, tava afastada, mas meu posicionamento sempre foi assim: ah, vamos orar por ela. Se ela voltar, ela vai ser acolhida. (Tobias)



Não há negativa a respeito de sobreviverem resquícios da sociedade disciplinar no evangelicalismo, já que o Tobias, em outro momento, afirma que compreende o casamento como uma instituição exclusiva para um homem e uma mulher, e que não concorda com a prática homossexual apesar de defender o acolhimento inclusivo.

Eu creio muito que o casamento é o homem e a mulher, assim, na minha opinião. Esse é o plano de Deus, e aí, por causa do pecado, foi deturpado. Então, assim, eu tenho amigos meus que fariam casamento homossexual, eles fazem mesmo. Um pastor batista, amigo meu, ele falou: eu faria o casamento. Eu não faria, sabe? Ah, você receberia na sua igreja alguém que fosse declaradamente homossexual? E eu posso recebê-la sem concordar com a prática da pessoa, entendeu? (Tobias)

Perceba que esse discurso do acolhimento para transformação foca no incentivo da mudança através da auto percepção “em erro” e não parte somente da imposição da obediência x punição, o que marca uma virada importante na sistemática religiosa. Inicialmente, eu achei que essa virada era uma exclusividade das comunidades metodistas que foram trazidas como uma denominação cujo lema é “uma igreja que pensa e deixa pensar” (Antônio; Murilo).

A gente percebe hoje, que em outras denominações não há esse perfil como a igreja metodista. Ela não é uma igreja liberal, é uma igreja histórica. Ela tem a sua doutrina, que é bíblica, mas toda essa doutrina é baseada no amor. Então, eu vejo a nossa igreja como inclusiva. É uma igreja que inclui, é uma igreja que acolhe, mas é uma inclusão baseada no amor e dentro de uma doutrina bíblica. A gente entende que a pessoa ela vale muito mais do que as coisas, né? (...) Então, vale muito mais a pessoa, vale muito mais a vida humana do que aquilo que, de repente, ela pensa ou que ela conjectura como certo ou errado. A gente entende que a melhor forma de você determinar um padrão e deixar a pessoa livre pra pensar é a escritura sagrada, né? Foi assim que o Lutero baseou toda sua doutrina, todo movimento baseado nas escrituras sagradas. Então a igreja ela é sim acolhedora. (Murilo)

Mas, esse acolhimento que deixa pensar foi se delineando com o passar das escutas, no mesmo sentido do acolher para que o indivíduo seja convencido a mudar, e não para que ele se mantenha pensando livremente fora do esperado ou normatizado.

O desafio nosso é esse: é apresentar o amor transformador. O amor que não transforma o estereótipo, é um amor que transforma por dentro. essa pessoa inclinada a homossexualismo, até que ela compreenda, ela não pode ser tratada diferente das outras, porque aí você começa a colocar o amor de Deus como sendo pessoas prediletas, e Deus não faz predileção. Ele tem filhos que preferem a ele, mas predileto ele não tem. Então, quando a gente passa, de repente, a ser excessivo no cuidado com essa pessoa, demasiado no amor, isso atrapalha, atrapalha a pessoa a refletir, atrapalha a pessoa a pensar. Então, o desafio é esse: apresentar uma palavra, uma reflexão bíblica que constranja a pessoa com amor a chegar no ponto de dizer assim: a minha atitude não está correspondendo ao amor que eu recebo. Então, a linha tem que ser essa. (Murilo)

Esse foi um discurso trazido por outro pastor ao narrar um acompanhamento pastoral a um membro de sua igreja que se assumiu homossexual.

Há um mês e meio atrás eu recebi um aqui que, com mais de sessenta anos, agora, ele resolveu confessar a um pastor. A gente ficava naquela: tem? E como tem? Será que tem? Como é que é, entende? E ele é líder na igreja. E tudo aconteceu porque ele brigou com o marido, não sei se é marido, não sei qual é ativo ou passivo ali, o cara pegou o telefone e ligou pra mim, na briga, e me mandou um áudio. Aí, ele não tinha o que fazer. Eu escrevi pra ele em seguida e falei: precisamos conversar com urgência. Aí ele disse: o que você vai fazer? Vai me expulsar da igreja? Porque eu já tentei procurar igrejas contemporâneas e não me adaptei, porque, ele falou: 'eu não faço esse jeito, e, lá todo mundo tem trejeito, todo mundo é', eu vou usar os termos que ele usou tá?, 'todo mundo é afetado. Eu não sou, eu não tenho. Eu sou desse jeito. Eu não vou me vestir com calça vermelha e camisa cor de rosa porque lá é contemporâneo. Eu vou continuar vestindo calça preta, camisa branca e vindo aqui'. Ele falou assim: 'não trago meu companheiro. Ele não é crente e eu não quero. Eu não vou desfilar. Eu não vou ofender as pessoas que eu amo'. Esse camarada criou o meu genro e o irmão aqui na igreja. Eu já sentei com o meu irmão e o meu genro e perguntei se aconteceu alguma coisa, meu genro disse que nunca, nunca. Nunca tocou nem nele nem no irmão, nada. Então, é interessante. É um cara que conseguiu se segurar por mais de 40 anos na mesma igreja sem tocar em ninguém da igreja. É um negócio assim, que você diz, olha, é Deus segurando (Afonso).

O relato de Afonso complementa um pouco dessa visão estereotipada sobre a homossexualidade que muitos evangélicos nutrem. Ao ter um membro de sua igreja saindo do armário, ele demonstra uma expectativa que esse homem, por ser gay, teria assediado sexualmente algum outro homem, e ao descobrir que isso não aconteceu, ele atribui a Deus o mérito de tê-lo segurado para que não cometesse o crime.

Outro ponto que se soma às análises desse capítulo é a reação desse senhor ao ter sido exposto contra sua vontade: o medo da expulsão, seguido do desejo de continuar na igreja, se comprometendo a manter um padrão de gênero atribuído ao masculino: sem cores, sem qualquer trejeito considerado feminino, sem levar o companheiro à igreja. E tudo isso para não ofender as pessoas que ele disse amar, e que ao descobrir que ele era gay, atribuíram a ele o estereótipo de assediador. Importa destacar que, nesse caso, até a última coleta de dados, ele não havia sido expulso, mas foi afastado do ministério e da liderança que exercia sem que o motivo fosse divulgado.

Essa questão do estereótipo negativo atribuído a homossexuais volta com força na sequência de sua fala, quando explica o porquê a sua igreja acaba não sendo segura para homossexuais. Após contar sobre um caso de um homossexual, membro da igreja que pastoreia hoje, que foi morto pelo companheiro na década de 50, ele explica que muitos dos membros atuais preservaram uma noção da homossexualidade ser agressiva e violenta, e que por isso, a convivência de um homossexual em sua igreja seria bastante complicada, o que retoma o fato de a igreja não ser boa para quem é homossexual.

Então tem alguns aqui que tem esse, aí já é mesmo, agressividade, entende? Tipo assim, se entrar aqui, eu mato, se entrar aqui eu espanco, entende? Então, esse é um cuidado que você tem que ter porque tem pessoas, que mesmo com toda situação que nós vivemos hoje, não se contém. Xingam, ofendem, entende? Aí eu acho que não tem nada a ver com o cristianismo. Então, você conviver na igreja é muito difícil. (Afonso)

Não é interessante observar que a agressividade que ele atribui aos homossexuais seja vista nos discursos de membros de sua igreja, quando ele afirma que eles dizem que se entrar um ali, eles matam ou espancam? Retomamos aquele mecanismo de defesa do ego já trabalhado aqui: a negação, que projeta a violência de si sobre o outro como recurso para se manter violento.

Retomando a ideia de que a igreja evangélica seria um ambiente que não permite que indivíduos expressem sexualidades dissidentes e se sintam acolhidos, todos os líderes consideraram que a igreja faz com que eles se sintam desconfortáveis pela doutrina. Tobias chega a vincular isso com a desesperança e o índice de suicídio entre não heterossexuais. Ele foi o pastor que demonstrou maior interesse em ler e pesquisar sobre a homossexualidade fora dos estereótipos religiosos tradicionais, que demonstrou maior abertura para um acolhimento sem tentativa de reorientação, e que disse ter lido o livro 'Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade' (César, 2013). Contou também que chegou a conversar com a autora em um congresso que foi. Ainda assim, ele manteve a crença de que somente a heterossexualidade seria aceita por Deus, e veremos no próximo tópico um pouco sobre sua proposta de acolhimento bíblico.

Um pedacinho da eternidade que o Senhor prometeu para gente, do que a gente vai experimentar lá quando a gente partir daqui, aqui na Terra é através da igreja. Assim, pessoas imperfeitas vivendo algo maravilhoso que é possível viver. Mas, ainda tem muita coisa pra gente aprender, é muito difícil, a gente se machuca muito ainda. Eu sei que eu já machuquei pessoas, mas também já fui machucado, já fui ferido. A ponto delas falarem, ah, eu não acredito mais nisso. Não acredito mais no que, no amor de Deus? Não, não acredito mais na igreja. Porque foi usada mesmo, até o limite, e foi descartado igual um copo que você não quer mais e joga fora, sabe? E Deus jamais, Deus não faz isso, por que que a igreja faz? Mas, existem comunidades onde a pessoa sabe que foi usada, ela sofreu humilhações, em questões de homossexualismo, principalmente, o cara foi excluído, entendeu? (...) É uma questão que existe, e existe muito. (...) a igreja é um lugar de restauração, que deveria ser um lugar de alegria, mas assim, ela já sofreu tanto, já se arrebentou na igreja, se arrebentou sabe? É como se, imagina assim, você tá nesse mundo que já é ruim, você tá nesse lugar onde a gente já sofre com, viver não é fácil, aí você tá na igreja, e pensa, ali eu vou encontrar Deus, né? Acho que a maioria das pessoas acreditam que ali é uma agência divina, de Deus, né? Aí a pessoa vai lá, e você acolhe, e depois você começa a machucar essa pessoa, você começa a feri-la, né? Você não cuida mais, você acusa. É exatamente o que a gente tá falando, né? A pessoa vai e se mata. Minha única esperança era aqui, sabe? (Tobias)

Voltando à Afonso, ele trouxe uma distorção da ciência sobre a homossexualidade para argumentar que ela não seria normal nem saudável, e retomou o argumento de que relacionamentos homoafetivos seriam agressivos.

Que relação é essa? Entende? É uma relação doentia. É difícil você encontrar uma relação dessas que seja sadia. A ciência já provou que não é. Na igreja que eu vim, a irmã de uma líder era, e ela tinha, aquela era agressiva. E elas viviam se agredindo, a mulher e a mulher. Então, é interessante, né? Achar que isso é normal quando os próprios casais não são, não conseguem sobreviver. Eu não sei se você assistiu uma série, se não assistiu seria interessante você assistir, da Netflix: Frank e Grace. Mostra muito essa relação, e é uma relação conflituante, ou conflituosa, entende? (Afonso)

Destaco ser Afonso um pastor metodista, a denominação da liberdade do pensamento. E aqui, precisamos refletir sobre quem possui essa liberdade de pensar e qual o limite dessa liberdade. No caso em questão, essa liberdade acabou mais por perpetuar preconceitos do que produzir harmonia e autocrítica. Essa desconstrução da ideia do deixar pensar enquanto realmente livre para discordar, pacificamente, aparece quando Murilo conta sobre um de seus aconselhamentos a um homossexual que lhe procurou.

O segundo caso, já era uma questão mais, assim, mais forte, né? Mais forte, mais decidida, já inclinada já pra afronta, pra mostrar que de fato a pessoa estava certa, que ninguém podia impedir o seu pensamento, por mais que conhecesse a palavra. E era uma questão, a pessoa não me permitiu mostrar, de fato, que ele estava sendo acolhido no sentido de permitir que Deus fizesse alguma coisa. Não, eu não aceito, eu penso assim, eu quero assim, vai ser assim. E também, nesses dois casos, eu percebi, também, a ausência, eu não tenho confirmação, eu não tenho confirmação de dados, eu não tenho, assim, um apontamento apropriado pra dizer, mas o que eu colhi no atendimento com ele, faltava também a figura de um pai, né? A figura de um pai e esse cuidado. Então, esse dois casos que eu recebi, o segundo pra mim foi pior porque a pessoa, ela via a situação que ela estava e ela queria fazer com que as pessoas aceitassem a sua prática. Então, assim ficou muito difícil, né? Nós abrimos os braços, não excluímos, mas o próprio ambiente fez com que a pessoa não se sentisse acolhida. (Murilo)

Um dos pastores chegou a comentar abertamente sobre a relação da função da igreja e o quanto o preconceito religioso atuava como impeditivo para o acolhimento.

Entretanto, ao comentar sobre a necessidade de a igreja rejeitar essa postura não acolhedora, ele demonstra a crença de que a sexualidade seria uma escolha e não uma orientação, mesmo afirmando tratar-se de um direito que deve ser respeitado acima de tudo.

A preocupação existe porque é como eu falei a gente tem que olhar do aspecto humano. O que a pessoa pensa, o que ela deixa de pensar, a atitude que ela toma, a opção, vamos dizer assim, a opção de gênero que ela venha a ter nesse sentido, numa linguagem mais contemporânea, para compreensão, é direito, e direito se respeita. O que falta muitas vezes, por conta da falta de respeito e com isso, gera o não acolhimento do ser humano em si, uma segregação muito grande, pra não entrar até no campo da discriminação. E a igreja não pode desempenhar esse papel. (Antônio)

Antônio demonstra que sua proposta de acolhimento indistinto parte de um lugar que espera que a pessoa não se sinta excluída, mas sem rever seus costumes e crenças, e que, se alguém não se sentir bem convivendo com esses costumes e crenças, que se retire. Um sinal de um acolhimento, sem se permitir ser mudado pelo contacto com a diversidade, talvez isso explique o motivo de o termo 'opção de gênero' ter subsistido em seu discurso.

Como eu disse, ela tem os seus dogmas, tem a sua doutrina bíblica, mas ela tem que olhar para a pessoa na sua opção de gênero, vamos dizer assim, ela tem que olhar com olhar de humanidade. E, com certeza se ela pautar a sua ação com essa visão, nesse aspecto, ela está realmente cumprindo a missão porque o acolhimento é pra todos. As pessoas tem o direito de serem como elas entendem que elas devem ser, agora, se o ambiente que nós temos, cristão, baseado nos nossos costumes e na nossa crença, se ela não se sente bem ela tem todo o direito de não estar mais ali. É o direito que ela tem. Mas, ela não pode se sentir excluída nem a igreja pode passar uma visão de que está excluindo essa pessoa, pelo contrário, ela tem que passar uma visão e se tornar realista, e não fundamentalista, no sentido do acolhimento. (Antônio)

Ele também perpetuou alguns estereótipos já superados sobre a homossexualidade ter uma causa em traumas e relacionamentos familiares conturbados.

Muitas vezes, o caso dessas pessoas não está no comportamento, na sua opção de gênero, por ser homossexual ou não ser, está nos traumas que eles carregam desde a infância, a maioria deles, que a gente pode perceber. (...) A coisa se origina muito, pelo que eu pude perceber, dentro da família. E esse é um problema muito sério, porque a família é a base, né? E se ele vem com a sua base, a sua estrutura completamente comprometida, a realidade pra ele, vai ser fruto de frustração e vai viver uma vida completamente frustrada, traumatizada. E, somente no âmbito desse sentido, no entendimento do sentimento da alma, podemos sim, ajudá-los e muito. Todos que eu aconselhei, são pessoas hoje, felizes. Alguns continuaram sendo homossexuais, é sua opção, o seu direito que ele tem de decidir, mas pelo menos, ao pastor, a mim, ele recebeu uma palavra de consolo, de conforto e de uma renovação da sua alma. Um tratamento de ferida na alma, a verdade é essa. (Antônio)

Apesar de perpetuar muitos estereótipos negativos e já superados acerca da homossexualidade, Antônio demonstrou focar seu acompanhamento pastoral em acolher e em oferecer conforto em momento de dor. Apesar dessa oferta de conforto, a intenção de oportunizar um espaço de reorientação, se a pessoa quiser, acabou evidenciado, e manteve o ideal partilhado pelos demais líderes de acolher para transformar, mas se a pessoa for convencida a querer.

## 5.5. Silenciamento pastoral e vigilância pelos pares

O que já estamos falando desde o segundo capítulo sobre a busca pelo ideal de bom cristão também retornou nos dados para este capítulo como uma busca pelo ideal de bom pastor, e que esse ideal, recentemente sofreu essa virada no que se refere ao acolhimento.

Eu coloco a igreja sempre entra na vanguarda do acolhimento. Os bons pastores sempre entraram na vanguarda do acolhimento. Hoje, você tem várias, no que diz respeito a marginalizados. (Jonas)

Esse ideal de bom pastor ser o pastor que acolhe veio com muita força, e esteve presente nos relatos de cinco dos seis líderes evangélicos entrevistados.

Eu costumo dizer o seguinte: pra todas as profissões, pra todas as ocupações, pra todas as dificuldades, pessoas que exercem alguma atividade, existem sempre as pessoas que são bons profissionais e tem aqueles profissionais que são ruins. (...) Aí nós vamos falar agora dos problemas que nós temos relacionados àqueles que são profissionais ruins, pessoas que não sabem exercer aquela função. Eu sou cristão mas eu não exerço bem isso, e eu faço com que as pessoas se afastem de mim. Exemplo: os homossexuais. Essa situação eu diluo em 2 etapas: primeiro, são pessoas que, por mau caráter fazem a coisa como não deveriam fazer. (...) E existe também o ponto das pessoas que não fazem a coisa da maneira correta porque não sabem. (Francisco)

Entretanto, esse bom pastor, que acolhe, também trouxe uma outra questão acerca do reconhecimento e de um certo receio de perseguição pelos pares. Nesse ponto, destaco a narrativa de um pastor, em virtude do tema se relacionar diretamente com os dados apresentados no quarto capítulo, sobre a perseguição sofrida pelo pastor Ed Renê Kivitz ao manifestar uma teologia afirmativa da diversidade sexual. Tobias descreveu que concordava com alguns posicionamentos trazidos por ele, mas que percebia como seu meio ainda era muito resistente, e que por isso, evitava discutir o assunto com seus pares pastores para não ser apedrejado.

Na verdade, você fica imaginando: o discurso de ódio, o discurso de segregação, o discurso de separação, o discurso de violência, o discurso de exclusão, existe isso no céu, naquilo que a gente imagina como eternidade? Não. A Bíblia não fala isso, sabe? Então, quando você traz à imaginação, a eternidade é um lugar de desigualdade? Não. A eternidade é um lugar de sofrimento? Não. Então quando Jesus fala venha o teu reino e seja feita a sua vontade assim na terra como é no céu, a igreja e o papel dela é a propagação disso, sabe? Eu não sei se eu estou sendo claro, sabe? Mas, assim, é muito difícil isso, é muito difícil porque envolve uma série de dogmas, existe uma série de questões, e aí assim, isso é o que eu creio. Mas, pros meus amigos pastores que eu falo isso, se eu faço essa associação eles vão me apedrejar. Ah, porque você concorda com o Kivitz. Eu concordo com o que ele falou, no que ele quis dizer. A igreja é lugar de restauração, é lugar onde as pessoas podem se sentir novamente filhas de Deus. Imagina se você tem um discurso desse, entendeu? (Tobias)

Tobias demonstra claramente que os discursos teológicos hegemônicos do evangelicalismo brasileiro tentam calar os debates sobre a diversidade sexual, e o medo da perseguição caso se desvie o discurso dessa norma moral sexual, heteronormativa.



A perseguição citada por ele, foi vista e demonstrada com bastante clareza no quarto capítulo, o que demonstra que não é um receio desarrazoado. Pelo contrário, é mais uma confirmação da norma sexual heterossexual como um padrão sexual aceito e que impede qualquer questionamento acerca da possibilidade e validação de outras sexualidades.

Divergências entre focar no indivíduo ou focar na literalidade da Bíblia surgiram quando perguntados sobre os desafios que tem enfrentado liderando grupos religiosos e sobre o processo de polarização política que o Brasil passa.

Então, o desafio que eu vejo hoje, e vou falar dos colegas e de mim, em particular, o maior desafio é de usar o púlpito, usar a explanação da palavra pra expressar o amor, a graça de Deus. Esse é o desafio. As palavras não podem ser mais palavras de autoajuda, não podem ser palavras de conceito humanista, tem que ser palavra que reflita o amor de Deus. O desafio nosso, é claro que não é fácil você olhar para uma plateia e você ter que falar, por exemplo, nesse mês da família de uma convivência familiar, do papel de um homem, do papel da mulher, como deve ser a mulher, como deve ser o homem, e você saber que no seu contingente tem pessoas que tem uma inclinação homossexual. Então, é um cuidado, que o amor de Deus, e eu vou repetir, ele é de tal maneira, que ele passa por cima disso e abraça a todos. Então, o desafio nosso não é desprezar a palavra, mas é fazer com que as pessoas vejam um Deus fora da Bíblia. Esse Deus fora da Bíblia é um Deus que nos dá uma mente renovada e transformada pra entender que alguns casos é sim uma questão clínica, em outros casos, é sim uma questão que possa ser espiritual. E nosso cuidado, é de não fazer disso um monstro. De ter que procurar tratar essa questão com mais serenidade, com mais amor, com mais cuidado, porque é uma linha muito tênue, porque dependendo do que a gente fala, a gente perde essa alma. (Murilo)

Murilo traz novamente os estereótipos e preconceitos para demarcar o receio que tem ao abordar temas como os papéis de gênero, mas defende que o desafio atual de pregar a Bíblia é manter a defesa desses estereótipos e da heteronormatividade sem perder os fiéis que sejam violentados por esses discursos. Mas ele rejeita o caráter humanista do Evangelho, demonstrando ter um foco mais no cumprimento de preceitos bíblicos nessa busca por ser um bom pastor.

Tobias e Antônio tiveram posicionamentos um pouco diferentes. Pra Tobias, a igreja tem uma função social e não pode negligenciar a realidade em que os fiéis vivem para focar exclusivamente nos textos.

A gente não tá aqui pra mandar ninguém pro inferno, é pra tirar eles de lá, entendeu? Esse é o papel da igreja, o papel do templo. (...) São dois pontos quando a gente fala do marginalizado de uma maneira geral, sabe, assim. Igreja não é ONG, eu penso assim, sabe, mas ela tem um papel social a cumprir, sabe? (Tobias)

A missão da igreja, ao meu ver, é essa: ser uma igreja acolhedora, que acolha as pessoas sem distinção nenhuma, mas acolha o ser humano. Ela tem que estar voltado com o olhar dela pra humanidade. Muitas coisas que nós temos visto no tempo que estamos vivendo, e a gente vê mas no sentido da falta de humanidade que existe para com as pessoas. A igreja não pode ser fundamentalista no seu aspeto espiritual. Ela tem seus dogmas, ela tem seus costumes, ela tem a sua doutrina que é bíblica e é pra todos. O que a nossa fé é a nossa crença nos estimula pela palavra de Deus que é a Bíblia Sagrada, e nós cremos e difundimos, mas nada disso pode fugir ao acolhimento e a relação humana e acima de tudo, a falta de humanidade. Se a igreja não cumpri o seu papel social e humano ela deixa de ser igreja de Jesus, porque esse foi o ministério de Jesus, essa foi a missão dada por ele mesmo desde a fundação da igreja primitiva, que gerou e chegou até nós hoje. (Antônio)

Antônio foi o único líder religioso que afirmou tentar não perpetuar preconceitos pejorativos envolvendo a homossexualidade. Apesar dos esforços intelectuais em defesa do respeito e da liberdade individual, muitos resquícios da tradição e dos preconceitos ainda persistiram, permitindo a perpetuação de violências e desinformação sobre a sexualidade humana. Em todo caso, foi esclarecedor ouvi-lo defender uma busca de um equilíbrio entre o fundamentalismo e o progressismo, afirmando que os dois extremos seriam perigosos, pois quando a religiosidade cai em um deles, ela ignoraria o aspeto humano da fé.

Agora, o que nós não podemos é polarizar como a outra parte, que polariza no polo fundamentalista. Se ficarmos em dois extremos, os extremos por si só, já não são nada bons. Então, a gente tem que buscar, nesse sentido, sermos uma igreja de uma visão contemporânea, acompanhando a transformação da sociedade. A sociedade transformou muito, e as

transformações, elas vem porque o ser humano, ele é um agente transformador, não é verdade? E ele não pode ficar alheio a isso, porque senão nós vamos nos posicionar nos extremos, e os extremos são perigosos. Eu não diria que são ruins, eles são perigosos, na visão da religiosidade em si. (Antônio)

## 5.6. O celibato como proposta alternativa à “cura gay”

O último ponto a ser destacado dentre as análises dos dados colhidos para esse capítulo, é a proposta de acolhimento que muitos líderes “acolhedores” possuem, e que tem ganhado força dentro do evangelicalismo: o celibato como condição para que Deus aceite e salve o homossexual. Para muitos evangélicos, Deus não condena indivíduos homossexuais por o serem, mas pela prática sexual fora da heterossexualidade. Sendo assim, homossexuais não pecariam contra Deus se mantivessem o celibato/castidade.

Qual a solução para o homossexualismo? É o heterossexualismo? Não. É a santidade. Entendeu? (...) Por exemplo, eu conheço pessoas que são homossexuais e por amor a Cristo, sabe, ele vive uma vida de santidade. Ah, ele luta com isso? Luta. É uma luta muito grande e na carne mesmo, né? Mas, é possível. [Eu pergunto se a forma para se manter santo seria a castidade] É, a castidade. É o que eu acredito. Ela vai conseguir se livrar? Não tão facilmente ela vai se livrar daquilo, do pensamento homossexual, da atração. Eu acho uma luta muito grande, sabe? Imagino que seja uma luta muito grande, como outras questões. (Tobias)

Essa visão sobre a castidade ou celibato como uma solução para a religiosidade fora da heterossexualidade foi um argumento bastante recorrente, que retoma ao ideal de que a não heterossexualidade seria algo a ser solucionado/reparado, algo que se deve buscar ser liberto por ser um erro.

O caminho que eu aponte pra 2 homens, foi o caminho do discipulado. Vamos caminhar junto. Vamos ler a Bíblia. Vamos orar. Vamos pedir direcionamento de Deus. E entender que assim como toda tentação, o impulso sexual em si ele não é pecado, ele é uma sugestão ao erro. (...) As tentações vem daquilo que nos impulsiona. E aquele que diz que não peca é mentiroso. No entanto, não se conformar com a prática do pecado é algo

que deveria ser constante na vida de um cristão, pelo desejo de agradar a Deus. Então, desejo de agradar a Deus é muito maior do que agradar a qualquer pessoa, inclusive a si mesmo. (Jonas)

A visão do evangelicalismo que está atento às demandas humanas e sociais, ecoa nesse processo de virada de chave discursiva, e Jonas conta um pouco de como tem trazido os assuntos que estão em alta na sociedade para sua experiência de liderança e aconselhamento. Ele pontua algumas coisas interessantes sobre estar atento a essa contextualização da preleção, porém ele defende que os temas sejam trazidos por autoridades que defendem a perspectiva bíblico-cristã que ele acredita. Sua fala se assemelha muito com a de António, no sentido de abrir o diálogo sem permitir ser mudado ou questionado por ele, ou seja, o diálogo que confirme o que pensamos.

Eu tenho visto aquilo que tem acontecido na realidade das igrejas, tento estado a observar aquilo que como sociedade tem se conversado, tem se falado, e tenho procurado direcionar a pregação, contextualizar a pregação bíblica pra esses momentos. (...) não chega a ser um debate de ideias porque não vai ser aberto. Porque como são temas muito polêmicos, a gente às vezes perde o controle pela falta de experiência de tratar determinados temas, então a intenção é chamar pessoas que são autoridades no assunto, como estamos tratando de igreja, então de maneira confessional tratar dos temas que a sociedade tem falado. Ano passado nós tratamos sobre o racismo, e nós estamos na agulha de falar sobre o feminismo, né, numa perspectiva bíblico-cristã sobre o feminismo. A gente chamou de o grito do templo. É o nome do projeto que são temas que estão sendo gritados na igreja e que, por vezes a gente se cala ou não tratamos por qualquer motivo que seja. (Jonas)

Jonas também esclarece sobre como essa vertente mais humanista dos evangélicos conduziu para o caminho discursivo do: sexualidade não é tão importante, tratá-la como essencial é deturpação e idolatria.

Então, na verdade, a igreja não sabe trabalhar sexualidade, nem a sexualidade heteronormativa, por assim dizer. A forma, inclusive, de trabalhar é algo, pra jovens e adolescentes, lidado como um tabu, e acabou que a gente delegou isso a sociedade conversar. E como igreja, a gente meio que se isentou do debate público sobre o tema. Só que o problema de quando a gente entrega esse debate público pra sociedade é que ele adentra de maneira deformada, e esse debate quando ele volta pra igreja ele já volta não da forma como foi entregue. Volta deformado. A sexualidade hoje é um dos temas mais hiperestimados da sociedade, ocupa um canto,

eu tava lendo um livro do Timothy Keeler, que ele fala sobre falsos deuses, e na nossa sociedade, a sexualidade é tratada como um deus. Um Deus que se sobrepõe e que está acima de todos os outros. Em voga e em prol do hedonismo. A busca pelo prazer se tornou um Deus. (Jonas)

Esse discurso da desimportância da sexualidade acabou se demonstrando como um dos pilares para sua crença na castidade como possibilidade de exercício da fé por não heterossexuais.

Então, eu acredito que, talvez o caminho que a gente precise percorrer pra tratar essas pessoas, acolhermos essas pessoas na igreja, em todas as suas pulsões sexuais, seja heteronormativa ou seja homossexual, é colocar a sexualidade no seu devido lugar. Sexo não é Deus. Sexo não pode ocupar o lugar de Deus na vida, nem do homossexual nem do heterossexual. E, até porque, se nós formos tratar a rigor da regra, toda pulsão não controlada, biblicamente falando, ela se torna automaticamente como pecado. (...) O aconselhamento do impulso homossexual segue o mesmo roteiro para o impulso heteronormativo. Você tem que colocar a sua carne no devido lugar. Ela não é um Deus. Então, ela precisa ser disciplinada, ela precisa ser controlada. Nós não somos os nossos desejos. Não podemos ser definidos por isso. Nós não somos bicho nesse quesito. Nós somos pensantes. Nós temos a capacidade de dizer não. (...) Quando você acredita que realmente a Bíblia é real, que Deus é real, que a mensagem que Deus foi revelado através das escrituras, então o desejo de agradar a Deus da forma que ele instituiu, a meu ver, através das escrituras, é maior do que qualquer outro desejo, inclusive do desejo homossexual. Então, a esses, pela natureza do seu desejo se abster. A Bíblia inclusive fala sobre alguns que se fizeram eunucos, né? Se trataram como eunucos.(Jonas)

Essa defesa da castidade em muito ecoou em um excesso de punitivismo extra religioso, visto também no terreno. Defesas da castidade foram, diversas vezes, equiparadas a um ato desonesto ou até criminoso, que precisa se abster da prática para ser aceito na sociedade. Jonas fez associação da prática homossexual com atitudes como a infidelidade, a prostituição, a mentira, a desonestidade e a prostituição. Na experiência do terreno, ouvi associações similares, mas com crimes de homicídio e pedofilia.

Eu creio que biblicamente, o impulso e o desejo homossexual não é pecado, a prática homossexual ela é pecaminosa. E eu creio que, diante daquilo que eu acredito das escrituras, aquele que vive na prática homossexual vai pro inferno. [Perguntei se mesmo que ele acredite em Jesus] A gente entra em um âmbito muito complicado. (...) Se o cara é homossexual e morre, vai pro

inferno? Não sei, não sei. Confesso que eu não sei. Porque é muito complicado alguém que entende a mensagem de Cristo e escolhe viver voluntariamente contrário aquilo que ele ensinou. Seja qualquer prática. Sabe? Tipo, a Bíblia fala sobre homossexualidade, né, a Bíblia fala sobre a traição extraconjugal, a Bíblia fala sobre a mentira, a Bíblia fala sobre a desonestidade, a prostituição. São todas práticas que a Bíblia cita e coloca como pecado. Se eu disser pra você que um homossexual em prática e vivência da homossexualidade ele teria essa possibilidade, eu teria que dizer que todas essas possibilidades, por acreditarem em Cristo, confessionalmente, teoricamente, também seriam, porque são tão pecados como qualquer um outro. E não é o que a Bíblia fala. A Bíblia fala que aqueles que procuram viver sobre o domínio do pecado existe um processo de condenação. (Jonas)

Antônio explicou um pouco sobre como o evangelicalismo tem tentado sair da demonização do incompreendido. Sua explicação acaba clarificando um pouco da perpetuação dos estereótipos pela religião. É interessante observar uma rejeição racional ao estereótipo, mas nutrindo alguns deles (como a utilização do ‘opção de gênero’ e de uma causa traumática para a homossexualidade<sup>7</sup>). Mas, é interessante como ele parte de uma rejeição do negacionismo científico sobre o tema, apesar de não demonstrar tanto conhecimento sobre o tema nas ciências da saúde mental.

O tempo passou, mas infelizmente, nós continuamos, em alguns aspectos, principalmente nos aspectos da compreensão humana, nem tudo se demoniza. É isso que quero dizer. Nem tudo é espiritual, nem tudo é racional e nem tudo é emocional. Até hoje, infelizmente, quando eu falo a igreja, eu estou falando a fé evangélica, nós ainda temos igrejas, por conta daquela polarização fundamentalista até hoje pensando da mesma maneira e não abrindo mão de seus dogmas, não abrindo mão da compreensão de que as coisas evoluíram, então, são os extremos. (Antônio)

## 5.7. Resistência evangélica ao acolhimento efetivo

Quando um pesquisador promove sua coleta de dados, e sua pergunta de pesquisa realmente é respondida no campo, nem sempre estamos completamente preparados para os resultados. Não sabemos o que encontraremos no terreno, ainda

que tenhamos familiaridade com ele, já que uma análise metodológica difere em muito das análises empíricas que fazemos no dia a dia.

Quando iniciei essa pesquisa, eu acreditava fielmente que um ambiente aberto à diversidade permitiria reflexões sobre a heteronormatividade e o patriarcado presentes na teologia evangélica. Entretanto, ao longo da vivência no campo, percebi que esse acolhimento que as igrejas evangélicas tem proposto não tem criado um ambiente seguro para não heterossexuais. Na verdade, o ambiente tem se mantido violento e silenciador, mas afora, disfarçado de acolhedor.

Um fator importante dentre as “causas da homossexualidade” trazida pelos pastores é que crer nisso auxilia a sustentar a fé de que Deus pode curar a homossexualidade. Se evangélicos se conscientizarem de que a homossexualidade não é curável, por não ser uma doença/trauma, o fundamento que nutre a expectativa de reversão sexual cai por terra. E nesse ponto, precisamos debater mais, tanto em pesquisas quanto criar espaços de diálogo com a religião, buscando conscientizar sobre os malefícios da perpetuação das terapias de reorientação sexual que tem sido mascaradas pela silenciadora defesa da castidade.

Essa defesa da castidade que se delineaia no evangelismo parece um movimento de contra-resistência à resistência da afirmação da diversidade sexual e dos direitos humanos da comunidade LGB+ e das teologias afirmativas que surgem como refúgio teológico para cristãos que já percebiam os processos de violência homofóbica da teologia tradicional.

Nesse ponto, poderíamos usar o conceito de público e contra-público (Warner, 2002), mas o que percebi foi que o contra-público tem produzido um terceiro grupo, como tentativa de fazer o público inicial sobreviver em alguma medida. É o que se delineaia nessa teologia que acolhe para castrar.

Esse acolhimento que tenta castrar sexualidades divergentes da heterossexual se demonstrou tão agressivo e psicologicamente violento quanto víamos nas teologias

conservadoras. Portanto, essa visão encontra-se mais próxima das que defendem as terapias de reorientação sexual do que das que promovem um acolhimento efetivo e afirmativo. E é somente no acolhimento afirmativo que indivíduos não heterossexuais poderão encontrar um ambiente de fé e comunhão, tendo seus direitos humanos e sua escolha religiosa respeitada e assegurada.



## Conclusão: o desafio evangélico de reposicionar a honra para acolher a diversidade

---

Quando pensamos no termo evangélico, importa mencionar que ele vem de um ideal missionário da fé cristã, de forma bastante abrangente. Os termos protestante e evangélico sempre estiveram muito misturados, porque a missão evangelizadora do cristianismo é muito difundida desde as igrejas reformadas até as pentecostais e neopentecostais (Mafra, 2001:8). Pelos estudos de Mafra, também conseguimos perceber o início e a motivação das missões protestantes norte-americanas no Brasil logo a partir de 1850. Seus ideais missionários eram profundamente marcados pela Teologia do Destino Manifesto, que era popular nos Estados Unidos, no século XIX.

Para os partidários dessa teologia, a América católica, especialmente o Brasil, era terra de idólatras e pagãos. Sem acesso à palavra escrita, sem padres e conselheiros devidamente formados, com uma adesão da população ao catolicismo de forma um tanto tênue, ritualística e exteriorizada, os brasileiros pareciam viver “sob o domínio das trevas, da ignorância e dos vícios”. (...) aos olhos dos partidários do Destino Manifesto, as crenças dos nativos brasileiros (se é que tinham) deveriam ser transformadas e corrigidas com método, uma vez que “... É de alta importância para seu presente e para seu bem-estar futuro que a mente nacional [brasileira] esteja imbuída de ideias e princípios religiosos corretos, e esses deverão proceder, em primeiro lugar, de nosso país [Estados Unidos]” (*ibid*:8-9)

Essa crença na perdição pela falta de moralidade e pela corrupção da verdade bíblica, ainda foi vista ecoando no imaginário evangélico, principalmente nas vertentes mais fundamentalistas, que possuem um código moral mais enrijecido. Eduardo Simões (2016) explica o fundamentalismo brasileiro como um dos principais elementos da formação da identidade evangélica latino-americana, tendo como principais agentes informativos: o catolicismo, o ecumenismo e o fundamentalismo.

Assim, o Evangelicalismo é visto como um produto histórico em íntima relação com o contexto político, social e religioso das décadas estudadas. É

fruto tanto fundamentalismo de onde desenvolve seu anti-ecumenismo, quando do ecumenismo do qual herda alguns questionamentos quanto à prática missiológica. (Simões, 2016)

Com a mediatização e a criação da cultura *gospel* (músicas, imprensa própria, etc) trazida pelo movimento pentecostal, o termo “evangélico” que até então, estava mais restrito apenas a algumas vertentes, passou a designar quase todos os cristãos não católicos, no Brasil. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, por exemplo, utiliza este termo como abrangente às linhas protestantes, pentecostais, neopentecostais, reformados, etc (Rabuske, Lucena, Santos, Alves Gonçalves, & Traub, 2012), e, nesse contexto de abrangência, Pinezzi define os evangélicos como:

Evangélico é um termo que abrange todas as denominações cristãs originárias, de forma direta ou não, da Reforma Protestante, ocorrida no século XVI (Mariano, 1989). Portanto, incluem-se nessa terminologia os protestantes históricos, também chamados de “protestantes de origem missionária” (Velasques Filho, 1990), representados pelas igrejas reformadas de origem europeia e norte-americana, instaladas no Brasil desde o século passado (Prandi, 1997, p.16), bem como os pentecostais e os neopentecostais (Pinezi, 2000:8).

Dentro dessa construção dos ideais do evangelicalismo e da formatação do código de honra dessa comunidade, dois pilares nortearam as construções de gênero e sexualidade: o patriarcado e a heteronormatividade. Ambos foram, recorrentemente, observados ao longo dessa pesquisa e da experiência no terreno. E, numa união desses conceitos, a modulação e formatação do ideal do “bom cristão” e do “bom pastor” passou por práticas de desacolhimento religioso à diversidade.

Eu comecei esta pesquisa com bastante esperança, não nego, de que o cenário evangélico estivesse se tornando mais empático e menos violento, e que essas propostas de acolhimentos trariam um reposicionamento da honra evangélica nesse lugar de afirmação das diferenças. Entretanto, como observado na evolução desta tese, a revolução moral do acolhimento que eu acreditei estar em curso, na verdade, não é mais do que uma mal sucedida e minoritária tentativa de revisão das posturas evangélicas dominantes de exclusão e de disciplina sexual, tentativa essa que está

ainda muito longe de um verdadeiro acolhimento da diversidade sexual e de uma verdadeira atitude de tolerância e de reconhecimento da legitimidade cristã de modelos não-heteronormativos de intimidade e vivência familiar.

Vimos como o suposto aumento do acolhimento à diversidade foi, em muito, espelhado na abordagem tomada pelo Movimento Cores (Igreja Batista da Lagoinha) e pelos movimentos conservadores associados ao evangelicalismo norte-americano. Ambos os movimentos, condicionaram esse acolhimento à manutenção dos estigmas e preconceitos acerca da homossexualidade, e transformaram a abordagem que antes excluía para a abordagem de incentivar a castidade e o sentenciamento desses indivíduos à solteirice eterna.

Claro que precisamos refletir sobre os debates acerca da liberdade religiosa e seus limites, mas, uma das questões mais intrigantes dos resultados aqui apresentados, foi perceber que essa liberdade religiosa foi construída de forma exclusiva em redor de noções normativas de heterossexualidade. Teoricamente<sup>21</sup>, e aqui trago mais um pouco da minha vivência no Direito, os direitos humanos fundamentais são, por natureza, universais, o que quer dizer que eles devem ser respeitados independentemente das subjetividades do indivíduo para serem validados e adquiridos, não estando sequer disponíveis para abdicação voluntária. Nesse sentido, o conceito da cidadania nos auxilia a compreender como existem esforços evangélicos para determinar como cada um de nós deve viver a nossa vida, tentando controlar nossas escolhas íntimas enquanto indivíduos e membros de coletivos.

Ao longo da análise dos resultados, restou evidente que indivíduos dissidentes da norma heterossexual do evangelicalismo têm sido restringidos de sua liberdade religiosa, e seguem sendo violentados pela fé ao ser ou vistos como indignos e acabam excluídos ou ficam condicionados à castidade para que possam exercer sua fé.

Sobraram observações por onde pudemos perceber características dessa revolução moral em torno do acolhimento, mas nesse estágio em que estamos, não

---

<sup>21</sup>Todos esses direitos também acabam recebendo limitações por poderes e violências que estruturam a estigmatização e vulnerabilização de grupos da sociedade.

podemos concluir que ela esteja caminhando para o sucesso, porque o acolhimento para o qual o evangelicalismo se abriu não acolhe, mas silencia e nega a cidadania íntima ao grupo dissidente sexual.

No decorrer do campo, observei grande dificuldade e resistência, tanto por parte dos líderes evangélicos quanto dos não heterossexuais entrevistados em exercer sua fé sem restrições decorrentes de sua sexualidade. Essas restrições, ora impostas ora auto-flageladas, acabaram construindo um padrão: a partir do momento em que me compreendo como não heterossexual e acolho, ativamente, essa minha sexualidade, o imaginário evangélico heteronormativo me expulsa da possibilidade de beneficiário da graça de Deus e de professar a fé evangélica. O ideal construído em volta do deus evangélico não afirmativo é de um deus que rejeita a homossexualidade, que a condena, que abomina. E mesmo que existam cristãos não heterossexuais, eles acabam tendo que se retirar de suas igrejas de origem, para ou buscarem comunidades afirmativas, presentes em pouquíssimas cidades do Brasil, ou acabam precisando rejeitar a associação religiosa para se proteger das violências decorrente da homofobia.

Nesse sentido, apesar do domínio histórico dessa teologia evangélica patriarcal e heteronormativa, observei que há um “poder simbólico” (Bourdieu 1989) que ecoa e subjuga todos os evangélicos à heterossexualidade. Apesar disso, teologias subversivas tem construído poderosas resistências a essas estruturas de violência e silenciamento, mas mesmo essas teologias, como é o caso da Teologia Queer, tem sido escamoteadas pelo próprio ativismo LGBTQ+, pela resistência em se associar a uma fé que maioritariamente os agride e constrange.

Tanto a existência dessas teologias afirmativas quanto a controvérsia mapeada no capítulo quatro indicam esforços envolvidos no reposicionamento da honra evangélica de forma efetivamente acolhedora e afirmativa. Nesse sentido, retomo uma das colocações de Appiah que mais me deu esperança de que poderíamos chegar a um evangelicalismo afirmativo.

Um dia, as pessoas vão se pegar pensando que não só uma antiga prática era errada e a nova é certa, mas também que havia algo de vergonhoso nos velhos usos. Durante a transição, muitos modificarão seus hábitos porque sentem vergonha da antiga maneira de fazer as coisas. Assim, talvez não seja demais esperar que, se encontrarmos já o lugar adequado da honra, podemos melhorar o mundo. (Appiah, 2012)

Nesse sentido, poderíamos afirmar que houve uma mudança de práticas. Essa mudança se deu basicamente na rejeição do discurso tradicional de exclusão de membros, tentativa de expulsão de demónios e/ou estupro corretivo. Percebemos que o evangelicalismo tem se aberto a uma abordagem que eles consideram mais humana e respeitosa, e nesse sentido, passaram a rejeitar essas três práticas citadas. Entretanto, essa mudança de práticas se mostrou mais alinhada com a proposta trazida pelo Movimento Cores, de aceitar o homossexual mas rejeitar a homossexualidade. Isto é, defender um “acolhimento” para que homossexuais fossem convencidos de que a prática homossexual era errada, e que portanto, se ficassem castos, Deus os amaria.

Analisando todo esse contexto, me lembro de Bourdieu (2020:195) explicando sobre como as subversões precisam ir além do passo da rutura simbólica para que as representações sejam duradouramente, e efetivamente, transformadas. Segundo ele, para que as subversões produzam uma mudança efetiva e perene, precisa-se ir além da rutura simbólica com a dominação já que essa, por si só, apenas reforça os estereótipos e mantém as estruturas de dominação, e é o que pudemos perceber nessa revolução do acolhimento que castra. Por tudo isso que a rutura da homossexualidade com o evangelicalismo em nada tem ajudado a desfazer o estigma de um Deus evangélico que só acolhe heterossexuais e que nega a homossexuais e outras sexualidades dissidentes o direito a existência em segurança. Se a revolução moral que pretende acolher não garantir mais coisas do que a simples rutura da exclusão burocrática, a exclusão social se mantém. Assim, a teologia afirmativa acabou se mostrando como uma possibilidade para que o evangelicalismo abandone essa cultura de controle de corpos e dominação em direção à construção de um ambiente de paz e respeito, e que assegure a cidadania íntima a seus fiéis.

Igrejas evangélicas que dizem acolher mas silenciam/ocultam ou relegam a homossexuais o papel de castidade para que sejam aceitos por Deus em nada têm contribuído para a desconstrução da homofobia. Em contrapartida, afirmar identidades, gêneros e sexualidades e toda a diversidade de possibilidades que é natural da espécie humana, como mostra o antropólogo Maurice Godelier em *As Metamorfoses do Parentesco* (2004), possui um poder de subversão revolucionário, que nos permitiria sair do estigma em direção ao emblema, através do reconhecimento e da reparação da homofobia evangélica.

Um exemplo de como essa subversão, para além da simples ruptura simbólica, pode ser revolucionária e potente na desconstrução dos pilares da homofobia e heteronormatividade religiosas, pode ser visto à partir do estudo da Reverenda Ana Ester Pádua Freire (2019). Esta autora demonstra o engajamento da Igreja da Comunidade Metropolitana de Belo Horizonte em criar um ambiente religioso “radicalmente inclusivo” (ibid:8) e seguro para dissidentes sexuais e de gênero, tornando imaginável um cenário futuro, onde os armários deixem de ser necessários. Para tanto, a atuação dessa igreja tem sido engajada na luta pela construção de uma espiritualidade que respeite os Direitos Humanos e a diversidade sexual, o que pode ser aquele lugar desejável da honra evangélica que possibilitaria uma transformação do mundo, conforme o descrito por Appiah.

Nesse reposicionamento da honra evangélica, a tendência no seio do movimento evangélico contemporâneo para fetichizar a decisão do estado brasileiro de criminalizar a homofobia como uma perseguição de “bons cristãos” perde sua estrutura de sustentação. Ao se rearticular a honra evangélica não num idioma de perseguição mas num idioma de respeito pela diversidade, toda a estrutura tradicional que nutre, sustenta e permite o ambiente violento e homofóbico perde sua razão de ser.

Um dos pontos demonstrados nesta tese é que a construção evangélica de uma moralidade auto-vitimizante e virtuosa de perseguição tem vindo a ser um potente motor da conservação da heteronormatividade e da homofobia. Os membros da comunidade

evangélica sentem-se “perseguidos” pelo estado brasileiro e pelos defensores da diversidade sexual, e este sentimento de perseguição é largamente representado dentro da comunidade evangélica como algo de virtuoso uma vez que, segundo a Bíblia, Jesus ele próprio foi perseguido (e morto) pelo Estado judeu por defender os valores dos “bons cristãos”. Este imaginário de perseguição tem ajudado a manter a virtude dos valores homofóbicos dentro do mundo evangélico, pois é o que permite que a defesa da heteronormatividade seja considerada pelos evangélicos não como um ato ilegal de desrespeito pela diversidade sexual mas como um ato virtuoso de defesa da fé e dos valores dos “bons cristãos”. Por conta disso, a decisão estatal de criminalizar a homofobia acabou por não levar à redução da intolerância evangélica para com modelos de intimidade não-heteronormativos, mas possibilitou a emergência de um modelo de acolhimento nominal, isto é, um modelo de acolhimento que se diz acolhedor mas que não acolhe efetivamente. Este modelo de acolhimento nominal veio expandir o ideal do movimento Cores para muitas outras comunidades de fé dentro do mundo evangélico que queriam reconhecer a questão da diversidade sexual sem abandonar os ideais da heteronormatividade e do patriarcado.

Por isso, os discursos de acolhimento presentes na doutrina evangélica de acolher o homossexual sem acolher a homossexualidade se mostraram como conservadores da homofobia, da heteronormatividade e do patriarcado, e portanto, nada humanitárias. Essa “inclusão” nas igrejas evangélicas, que nega o direito a amar e ser amado, não é incluir mas silenciar e aterrorizar indivíduos não heterossexuais com a sentença da solidão afetiva. Quando falo aqui sobre sexualidade diversa da heterossexual, não se trata apenas de sexo, mas também de afeto. E o que essa doutrina que inclui mas castra faz é afirmar para não heterossexuais que eles não tem o direito de amarem nem de serem amados, tentando interferir nas escolhas íntimas acerca da constituição de família e afeto.

Nesse ponto, os estudos de Appiah (2012), nos permitem concluir que, somente modificando a honra desse lugar da heteronorma e do “bom cristão” perseguido pelo

Estado ao invés do “bom cristão” ser quem ama a Deus e ao próximo, conseguiremos construir um evangelicalismo menos violento e intolerante que respeite verdadeiramente a diversidade e que seja capaz de criar ambientes de fé que não infrinjam nem os direitos humanos fundamentais nem uma versão mais inclusiva de cidadania íntima.



## Bibliografia

---

- Albuquerque, G. A., Garcia, C. de L., Alves, M. J. H., Queiroz, C. M. H. T. de, & Adami, F. (2013). Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Saúde Em Debate*, 37(98), 516–524.
- Almeida, R. de. (2017). A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, 50. Retrieved from <https://doi.org/10.1590/18094449201700500001>
- Alves, J. E., Cavenaghi, S., Barros, L. F., & Carvalho, A. A. de. (2017). Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, 29(2), 215–242. Retrieved 18 January 2021 from <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/112180/130985>
- Appiah, K. A. (2012). *O código de Honra: Como ocorrem as revoluções morais [The Honor Code]*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Armstrong, K. (2007). *A Bíblia: uma biografia*. Zahar.
- Asad, T. (2010). A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, 19, 263–284. Retrieved 21 April 2021 from <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v19i19p263-284>
- Atkinson, P. (2014). *The ethnographic imagination. 1990*. London: Routledge.
- Azevedo, F. (2010). Instituições e crenças religiosas. In *A Cultura Brasileira* (7th ed., pp. 265–306). São Paulo/SP: EdUSP.
- Balloussier, A. V. (2018). Pastor lulista quer emplacar 'bancada evangélica do bem'. Retrieved 9 February 2021, from <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/pastor-lulista-quer-emplacar-bancada-evangelica-do-bem.shtml>
- Barbosa, W. D. N. (2011). Neocolonialismo: Um Conceito Atual? *Sankofa (São Paulo)*, 4(8), 7. Retrieved from <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2011.88803>
- Blanes, R. L. (2006). The atheist anthropologist: Believers and non-believers in anthropological fieldwork. *Social Anthropology*, 14(2), 223–234. Retrieved from <https://doi.org/10.1017/S0964028206002552>
- Bobbio, N. (1997). *O futuro da democracia: Uma defesa das regras do jogo. [1984]* (Vol. 63). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Boff, C. (1982). *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Vozes. Retrieved 9 February 2021 from [https://books.google.com.br/books/about/Teologia\\_e\\_prática.html?id=uXpZAAAAMAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Teologia_e_prática.html?id=uXpZAAAAMAAJ&redir_esc=y)

- Bourdieu, P. (2020). *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* (18th ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1989) *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- Braga, C. H. (2020). Pastor de SP prega que Bíblia deve ser ‘atualizada’ e que gays não vão pro inferno. Retrieved 9 February 2021, from <https://gay.blog.br/noticias/pastor-de-sp-prega-que-biblia-deve-ser-atualizada-e-que-gays-nao-vaoproinferno/>
- British Council, & Instituto de Pesquisa Data Popular. (2014). *Demandas de aprendizagem de Inglês no Brasil*.
- Burgess, R. (2006). *In the field: An Introduction to Field Research*. (M. Bulmer,Ed.). Nova Iorque: Routledge.
- Caceres, M. (2020a). René Kivitz fala em ‘atualizar a Bíblia’ para acolher homossexualidade: Pastor da Igreja Batista de Água Branca rejeitou inerrância bíblica. Retrieved 7 February 2021, from <https://www.gospelprime.com.br/rene-kivitz-fala-em-atualizar-a-biblia-para-acolher-homossexualidade/>
- Caceres, M. (2020b). René Kivitz fala em “atualizar a Bíblia” para acolher homossexualidade. Retrieved 7 February 2021, from <https://radio97web.com.br/rene-kivitz-fala-em-atualizar-a-biblia-para-acolher-homossexualidade/>
- Caceres, M. (2020c). Pastores refutam fala de Ed René Kivitz sobre ‘atualizar a Bíblia’: Líder da Igreja Batista de Água Branca falou em acolher homossexualismo. Retrieved 7 February 2021, from <https://www.gospelprime.com.br/pastores-refutam-fala-de-ed-rene-kivitz-sobre-atualizar-a-biblia/>
- Cairns, E. (1995). *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã* (2nd ed.). São Paulo: Edições Vida Nova.
- Calhoun, C. (2010). Rethinking secularism. *The Hedgehog Review*, 12(3), 35–48. Retrieved 11 February 2021 from <http://eprints.lse.ac.uk/42624/>
- Camurça, M. (2020). Um poder evangélico no Estado brasileiro? mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. *Revista NUPEM*, 12(25), 82–104. Retrieved from <https://doi.org/10.33871/nupem.v12i25.713>
- César, M. de C. (2013). *Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação entre cristãos com a homoafetividade*. Belo Horizonte: Gutenberg.
- Chagas, T. (2020). Ed René Kivitz diz que Bíblia é ‘insuficiente’ ao defender homossexuais. Retrieved 8 February 2021, from <https://noticias.gospelmais.com.br/biblia-insuficiente-ed-rene-kivitz-homossexuais-141238.html>
- Chaves, J. P. (2020). Sobre atualizar a Bíblia: Uma perspectiva histórico-teológica. Retrieved 9 February 2021, from <https://novosdialogos.com/artigos/sobre-atualizar-a-biblia-uma-perspectiva-historico-teologica/>
- Clifford, J., & Marcus, G. (2010). Partial Truths. In *Writing Culture*. Berkley: University of California Press.

- Convenção Batista do Estado de São Paulo, & Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/Seção São Paulo. (2020). *Comunidade Oficial da OPBB/SP e CBESP*. <http://www.opbb-sp.org.br/noticias/comunicados/31-nota-de-encaminhamento>. Retrieved 6 February 2021 from São Paulo/SP: [http://www.opbb-sp.org.br/documentos/COMUNICADO-OFICIAL-DA-OPBB\\_secao\\_SP-e-CBESP\\_Nov.2020.pdf](http://www.opbb-sp.org.br/documentos/COMUNICADO-OFICIAL-DA-OPBB_secao_SP-e-CBESP_Nov.2020.pdf)
- Dantas, B. S. do A. (2011). *Religião e política: ideologia e ação da 'Bancada Evangélica' na Câmara Federal*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo/SP. Retrieved from <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16946>
- Delgado, A. K. C., & Andrade, J. A. de. (2018). Teoria ator-rede (TAR) como instrumento de pesquisa em turismo: buscando aproximações e contribuições. *Turismo Visão e Ação*, 21(1), 144. Retrieved from <https://doi.org/10.14210/rtva.v21n1.p144-164>
- Donner, H., & Santos, G. (2016). Love, Marriage, and Intimate Citizenship in Contemporary China and India: An introduction. *Modern Asian Studies*, 50(4), 1123–1146. Retrieved from <https://doi.org/10.1017/S0026749X16000032>
- Dullo, E. (2012, August). Após a (antropologia/sociologia da) religião, o secularismo? *Mana: Estudos de Antropologia Social*. Mana. Retrieved 11 February 2021 from <https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000200006>
- Ed René Kivitz. (2020). *Por um mundo sem racismo*. YouTube. Retrieved 6 February 2021 from <https://www.youtube.com/watch?v=FbDO9l288bc>
- Efrem Filho, R. (2019). “Os evangélicos” como nossos “outros”: sobre religião, direitos e democracia. *Religião & Sociedade*, 39(3), 124–151. Retrieved from <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n3cap06>
- Elias, T. (2020). Uma Resposta ao Pastor Marxista Ed René Kivitz. Retrieved 10 February 2021, from <http://www.cacp.org.br/uma-resposta-ao-pastor-marxista-ed-rene-kivitz/>
- Esteves, A. (2020). Ed René Kivitz: cartas novas de uma jogada velha. Retrieved 8 February 2021, from <https://www.gospelprime.com.br/ed-rene-kivitz-cartadas-novas-de-uma-jogada-velha/>
- Fausto, B. (2001). *História do Brasil*. EdUSP.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. [1976] (10th ed.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. Retrieved from <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>
- França, A. (2020). Que a nossa fé seja curada da cegueira. E não precisemos mais usar facas. Retrieved 10 February 2021, from <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/anderson-franca/que-a-nossa-fe-seja-curada-da-cegueira-e-nao-precisemos-mais-usar-facas>
- Freire, A. E. P. (2019). *Armários Queimados: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade*. Belo Horizonte.

- Freire, A. E. P. (2020). *Reflexão sobre o papel da Bíblia na reconciliação da fé com a sexualidade dissidente*. Youtube. Retrieved 19 July 2021 from <https://www.youtube.com/watch?v=h4DSkmf6gJY>
- Freston, P. (1993). *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Freston, P. (1995). Pentecostalism in Brazil: A brief history. *Religion*, 25(2), 119–133. Retrieved from <https://doi.org/10.1006/reli.1995.0012>
- Freston, P. (1999). Protestantismo e democracia no Brasil. *Lusotopie*, 6, 329–340.
- FRESTON, P. (1994). Popular Protestants in Brazilian Politics: A Novel Turn in Sect-State Relations. *Social Compass*, 41(4), 537–570. Retrieved from <https://doi.org/10.1177/003776894041004007>
- Frost, E. L., & Hoebel, E. A. (2001). Mudança Cultural. In *Antropologia Cultural E Social* (pp. 1–470). São Paulo: Cultrix. Retrieved 20 May 2020 from [https://books.google.pt/books?id=Kp47bR2\\_wZkC&pg=PA35&lpg=PA35&dq=sociedade+e+culturas+são+mutáveis&source=bl&ots=EjO-SA6ood&sig=ACfU3U3Oo7bEw\\_bMMETdMeLOQt5GB53cKA&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwiBI8voxMLpAhX1BGMBHXLdBMkQ6AEwAnoECAUQAQ#v=onepage&q=sociedade e culturas são mutáveis&f=false](https://books.google.pt/books?id=Kp47bR2_wZkC&pg=PA35&lpg=PA35&dq=sociedade+e+culturas+são+mutáveis&source=bl&ots=EjO-SA6ood&sig=ACfU3U3Oo7bEw_bMMETdMeLOQt5GB53cKA&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwiBI8voxMLpAhX1BGMBHXLdBMkQ6AEwAnoECAUQAQ#v=onepage&q=sociedade e culturas são mutáveis&f=false)
- Garrido, R. (2016). Ativismo LGBT num Campo Político Hostil – Uma leitura dos movimentos ativistas no Uganda | LGBT activism in a hostile political field – A reading of activist movements in Uganda. *Cadernos de Estudos Africanos*, (31), 95–114. Retrieved 10 February 2021 from <https://doi.org/10.4000/cea.2031>
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das Culturas*. 1973. Rio de Janeiro: Zahar.
- Glassgold, J. M., Beckstead, C. L., Drescher, J., Greene, B., Miller, R. L., Worthington, R. L., ... Liaison, S. (2009). *Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*. Retrieved 6 September 2021 from <http://www.apa.org/pi/lgbcp/publications/>
- Godelier, Maurice. (2004) *The Metamorphoses of Kinship*. Londres: Verso.
- Gomes, J. B. (2003). O debate constitucional sobre as ações afirmativas. In R. E. dos Santos & F. Lobato (Eds.), *Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais*. (pp. 15–58). Rio de Janeiro/RJ: DP&A.
- Gouvêa, R. (2012). *Piedade Pervertida: um manifesto anti-fundamentalista em nome de uma teologia de transformação*. São Paulo: Fonte Editorial.
- Hall, S. (2020). *A identidade cultural na pós-modernidade*. [1992] (12th ed.). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Han, B.-C. (2017). *A sociedade do cansaço* (2nd ed.). Petrópolis/RJ: Vozes.
- Jesus, F. (2013). Igrejas inclusivas em perspectiva comparada: da ‘inclusão radical’ ao ‘mover apostólico’. In *Seminário Internacional Fazendo Gênero* (Vol. 10).

- Kilomba, G. (2019). A máscara. In J. Oliveira (Trans.), *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (pp. 33–46). Rio de Janeiro: Cobogó.
- Kivitz, E. (2004). Uma síntese teológica da missão integral. In *Missão Integral: Proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo* (pp. 63–66). Belo Horizonte: Ultimato. Retrieved 9 February 2021 from [www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)
- Kivitz, E. R. (2020a). *Cartas vivas contra letras mortas*. Canal do Youtube: oficialibab. Retrieved 2 February 2021 from <https://www.youtube.com/watch?v=QlgaENPto2U>
- Kivitz, E. R. (2020b). Movimento Casa. Retrieved 2 February 2021, from <https://www.youtube.com/watch?v=gfBzIL0ETwg>
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. [2005]. Salvador - Bauru: EDUFBA - EDUSC.
- Leite, L. (2019). *O Plano de Poder da Igreja Universal do Reino de Deus: estratégias territoriais da expansão neopentecostal no brasil*. Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA.
- Lessa, R. B., & Dravet, F. M. (2020). Fundamentalismo e o Movimento LGBT: a narrativa de uma batalha na câmara dos deputados. *Humanidades e Tecnologia Em Revista (FINOM)*, 20, 99–110. Retrieved from <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes->
- Mafra, C. (2001). *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Malafaia, S. (2020). *UMA RESPOSTA À HERESIA! A Bíblia precisa ser atualizada?* YouTube. Retrieved 9 February 2021 from <https://www.youtube.com/watch?v=JCj3Q6d7SWo>
- Mariano, R., & Gerardi, D. A. (2019). Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. *Revista USP*, (120), 61–76. Retrieved from <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i120p61-76>
- Marinho, A., Cunha, B., Soalheiro, B., Rodrigues, D., Alves, D., Barbosa, I., ... Montalvão, T. (2016). O Movimento LGBT na Igreja: o Movimento Cores da Igreja Batista da Lagoinha no bairro Savassi. In *I Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação científica e extensão do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix* (Vol. 0). Belo Horizonte/MG.
- Marres, N., & Moats, D. (2015). Mapping Controversies with Social Media: The Case for Symmetry. *Social Media and Society*, 1(2). Retrieved from <https://doi.org/10.1177/2056305115604176>
- Martins, Y. (2020). *Ed René Kivitz quer atualizar a Bíblia?* YouTube. Retrieved 9 February 2021 from <https://www.youtube.com/watch?v=w1Q5plwSw54>
- Mello, A., & Lima, D. (2016). A mulher e os desafios na conquista do pastorado: Um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. *Coisas Do Gênero: Revista de Estudos Feministas Em Teologia e Religião*, 2(1), 119–134. Retrieved from <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>

- Moreira, G., Ferraresi, F. H., Carvalho, E., & Amaral, E. (2017, August). Inclusão social e ações afirmativas no ensino superior no Brasil: para quê? *Revista Ensino Superior UNICAMP*. Retrieved 1 October 2021 from <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/inclusao-social-e-acoes-afirmativas-no-ensino-superior-no-brasil-para-queij>
- Moura, P. (2020). Pastor causa polêmica ao dizer que Bíblia precisa acolher gays. Retrieved 8 February 2021, from <https://pleno.news/fe/pastor-causa-polemica-ao-dizer-que-biblia-precisa-acolher-gays.html>
- Moura, T. (2019). *Solteirice, a dócil repressão do religioso: aceitação e negação comunicacional da homossexualidade no 'Movimento Cores' da Igreja Batista da Lagoinha*. Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Retrieved 29 June 2021 from <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9773>
- Movimento Cores. (n.d.). @movimentocores. Retrieved 1 October 2021, from <https://www.instagram.com/movimentocores/>
- Natividade, M. (2009). Sexualidades Ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 2, 121–161. Retrieved 20 May 2020 from <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/447>
- Nietzsche, F. (2001). *Além do Bem e do Mal: ou Prelúdio de uma Filosofia do Futuro [Jenseits Von Gut Und Böse]. Das Genie des Herzens*. Curitiba: Hemus. Retrieved from [https://doi.org/10.1007/978-3-476-04182-1\\_15](https://doi.org/10.1007/978-3-476-04182-1_15)
- Oliveira, E. (2020). Ed René Kivitz e a Bíblia Insuficiente! Heresia? Retrieved 10 February 2021, from <https://vidatrocada.com/ed-rene-e-a-insuficiencia-da-biblia-heresia/>
- Oro, A. P. (2003). A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(53), 53–69. Retrieved 30 March 2021 from <https://doi.org/10.1590/s0102-69092003000300004>
- Pellizzari, B. H., & Junior, I. (2019). Bolhas Sociais e seus efeitos na Sociedade da Informação: ditadura do algoritmo e entropia na Internet. *Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias*, 5(2), 57–73. Retrieved 19 July 2021 from <https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0049/2019.v5i2.5856>
- Pereira, O. (2020). Pastores rebatem fala de Ed René sobre Bíblia ser insuficiente. Retrieved 8 February 2021, from <https://portalmaratimba.com.br/pastores-rebatem-fala-de-ed-rene-sobre-biblia-ser-insuficiente/>
- Pinezi, A. K. (2000). A dimensão de presente e futuro em contextos religiosos diferenciados: uma análise comparativa entre dois grupos evangélicos. In *XXIV Encontro Anual da ANPOCS*. Ribeirão Preto. Retrieved from <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/24-encontro-anual-da-anpocs/gt-22/gt16-18>

- Pirie, M. (2006). *How to win every argument: the use and abuse of logic*. New York: Continuum.
- Plummer, K. (2001). The square of intimate citizenship: Some preliminary proposals. *Citizenship Studies*, 5(3), 237–253. Retrieved from <https://doi.org/10.1080/13621020120085225>
- Plummer, Ken. (2003). *Intimate Citizenship: Private Decisions and Public Dialogues*. University of Washington Press. Retrieved 23 June 2020 from <https://muse.jhu.edu/book/40773>
- Prandi, R. (2008). Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo Social*, 20(2), 155–172. Retrieved 30 March 2021 from <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200008>
- Püschel, F. (2019). Same-Sex marriage in the Brazilian Supreme Court. *Novos Estudos*, 38(3), 653–665.
- Quadros, M. P. dos R., & Madeira, R. M. (2018). *Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil*. *Opinio Publica* (Vol. 24). Retrieved from <https://doi.org/10.1590/1807-01912018243486>
- Queiroz, L. M. (2019). Bancada parlamentar evangélica: uma moral religiosa que limita a aplicação dos direitos humanos. *Brazilian Journal of Development*, 5(9), 15317–15330. Retrieved from <https://doi.org/10.34117/bjdv5n9-118>
- Rabuske, I. J., Lucena, P., Santos, D., Alves Gonçalves, H., & Traub, L. (2012). Evangélicos Brasileiros: Quem são, de onde vieram e no que acreditam? *Revista Brasileira de História Das Religiões*, IV(12), 255–267. Retrieved 30 March 2021 from <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v4i12.30275>
- Reina, M. L. (2017). Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. *Plural*, 24(2), 253–275. Retrieved from <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcsso.2017.143005>
- Rodrigues, D. (2008). Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica. *Antropológicas*, 19(1), 17–42.
- Saffioti, H. (2015). *Gênero, Patriarcado, Violência* (2nd ed.). São Paulo/SP: Editora Expressão Popular e Fundação Perseu Abramo.
- Sales, L., & Mariano, R. (2019). Ativismo político de grupos religiosos e luta por direitos. *Religião & Sociedade*, 39(2), 9–27. Retrieved from <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n2editorial>
- Salomão Neto, F. (2017). A bancada evangélica e a influência da religião no Legislativo brasileiro. *In Totum*, 4(2), 66–59.
- Santos, G. (2016). On Intimate Choices and Troubles in Rural South China. *Modern Asian Studies*, 50(4), 1298–1326. Retrieved from <https://doi.org/10.1017/S0026749X14000754>

- Severo, J. (2020). Julio Severo: Ed René Kivitz fala em atualizar a Bíblia para corrigir supostos erros de Deus. Retrieved 10 February 2021, from <http://juliosevero.blogspot.com/2020/10/ed-rene-kivitz-fala-em-atualizar-biblia.html>
- Silva, A. (2020). Pastor Anderson Silva em Publicação no Facebook. Retrieved 9 February 2021, from <https://www.facebook.com/AndersonSilva.org/posts/3483586045065536>
- Silva, V. G. da. (2017). Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. *Afro-Ásia*, 56(56), 83–128.
- Silva, O. (2020a). “Quem dentre vós não tiver pecado, publique a primeira agressão”: uma leitura do “apedrejamento virtual” ao Pr. Ed René Kivitz | by Odlinari Ramon Nascimento da Silva | Medium. Retrieved 9 February 2021, from <https://ramonnascimento.medium.com/quem-dentre-vós-não-tiver-pecado-publique-a-primeira-agressão-uma-leitura-do-apedrejamento-4e05fa78d79>
- Silva, O. (2020b). “Quem dentre vós não tiver pecado, publique a primeira agressão”: a leitura de um “apedrejamento virtual” na controvérsia com o Pr. Ed René Kivitz – Bereia. Retrieved 9 February 2021, from <https://coletivobereia.com.br/quem-dentre-vos-nao-tiver-pecado-publique-a-primeira-agressao-a-leitura-de-um-apedrejamento-virtual-na-controversia-com-o-pr-ed-rene-kivitz/>
- Silva, T. (2020). René Kivitz diz que a Bíblia é insuficiente e defende ‘atualização’ para acolher homossexualidade. Retrieved 7 February 2021, from <https://gospelminas.com/rene-kivitz-diz-que-a-biblia-e-insuficiente-e-defende-atualizacao-para-acolher-homossexualidade/>
- Simões, E. (2016). *Evangelicalismo Latino-Americano: uma perspectiva Histórica*. PUC-Campinas, Campinas.
- Stephanini, V. (2018). Mulheres no ministério pastoral batista. *Reflexus*, 1(19), 103–121.
- STF. Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão 26 (2019). Retrieved 20 May 2020 from <http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4515053>
- Stott, J. (1972). *Crer é também pensar*. Retrieved 5 February 2021 from <https://www.amazon.com.br/Crer-Tambem-Pensar-John-Stott/dp/8570550804>
- Tadvald, M. T. (2015). A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. *Debates Do NER*, 1(27), 259. Retrieved from <https://doi.org/10.22456/1982-8136.56482>
- Tas, M., & Bacic, G. (2020). *Ed René Kivitz | #Provoca*. TV Cultura. Retrieved 9 February 2021 from <https://www.youtube.com/watch?v=DHuZou6sKUI>
- Thieme, A. (2020). Rev. Alberto Thieme: Carta aberta a IBAB. Retrieved 9 February 2021, from <http://www.cacp.org.br/rev-alberto-thieme-carta-aberta-a-ibab/>
- Trevisan, J. (2013). Evangélicos pentecostais na política partidária brasileira: de 1989 a 2010. In *Anais eletrônicos do IV Encontro Nacional do GT História das religiões e das religiosidades – ANPUH – Memória e Narrativas nas Religiões e nas*



- Religiosidades*. (Vol. V, pp. 1–15). Maringá/PR: Revista Brasileira de História das Religiões. Retrieved from <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st8/2.pdf>
- UNESCO. (1995). Declaração dos Princípios sobre a Tolerância. Retrieved from <https://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131524porb.pdf>
- Valle, P. (2020). Ed Kivitz e as Hermenêuticas das Minorias - Coalizão pelo Evangelho. Retrieved 7 February 2021, from <https://coalizaopeloevangelho.org/article/ed-kivitz-e-as-hermeneuticas-das-minorias/>
- Vasconcelos, M. (2020). Visões diferentes de Deus são origem de cisão entre evangélicos conservadores e progressistas no Brasil, diz pastor Ed Kivitz. Retrieved 9 February 2021, from <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55320830>
- Venturini, T. (2010). Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, 19(3), 258–273. Retrieved from <https://doi.org/10.1177/0963662509102694>
- Vilhena, V. C. (2010). Resultados de uma Pesquisa: Uma Análise da Violência Doméstica Entre Mulheres Evangélicas. In *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*.
- Viração, F. (2012). *Igreja Reformada Potiguar (1625-1692): a primeira igreja protestante do Brasil*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São paulo. Retrieved 26 March 2021 from <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2662>
- Warner, M. (2002). Publics and Counterpublics. *Public Culture*, 14(1), 49–90.
- Weterman, D. (2021). Quem pede impeachment de Bolsonaro não representa maioria dos evangélicos, diz Malafaia. Retrieved 9 February 2021, from <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,quem-pede-impeachment-de-bolsonaro-nao-representa-maioria-dos-evangelicos-diz-malafaia,70003596623>
- Wolff, E. (2015). Divisões na igreja: Desafios para o ecumenismo hoje. *Theologica Xaveriana*, 65(180), 381–407. Retrieved from <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx65-180.dideh>
- Yaneva, A. (2012). *Mapping Controversies in architecture*. Londres: Ashgate Publishing Limited.
- Yaneva, A., & Heaphy, L. (2012). Urban controversies and the making of the social. *Architectural Research Quarterly*, 16(1), 29–36. Retrieved from <https://doi.org/10.1017/S1359135512000267>